



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

JAQUELINE GONÇALVES ARAÚJO

**FEMINISMO DIGITAL EM BLOGUEIRAS FEMINISTAS
(2010-2015)**

**CAMPINAS,
2016**

JAQUELINE GONÇALVES ARAÚJO

**FEMINISMO DIGITAL EM BLOGUEIRAS FEMINISTAS (2010-
2015)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Jaqueline Gonçalves Araújo e orientada pela Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias.

**CAMPINAS,
2016**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 01.P3445/2014

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Ar15f Araújo, Jaqueline Gonçalves, 1987-
Feminismo digital em Blogueiras feministas (2010-2015) / Jaqueline Gonçalves Araújo. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Cristiane Pereira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Feministas - Brasil - Blogs. 2. Feminismo. 3. Ciberespaço. 4. Blogs. 5. Análise do discurso. I. Dias, Cristiane Pereira, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Digital feminism Blogueiras feministas (2010-2015)

Palavras-chave em inglês:

Feminists - Brazil - Blogs

Feminism

Cyberspace

Blogs

Discourse analysis

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Cristiane Pereira Dias [Orientador]

Susel Oliveira da Rosa

Monica Graciela Zoppi Fontana

Data de defesa: 16-07-2016

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural

BANCA EXAMINADORA:

Cristiane Pereira Dias

Susel Oliveira da Rosa

Monica Graciela Zoppi Fontana

Greciely Cristina da Costa

Marta Mourão Kanashiro

IEL/UNICAMP
2016

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

À Maria Lúcia, Júlia, Vô João e Abel Jr.

Aos ancestrais que me ensinam a atravessar o jucá

.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Cristane P. Dias pela oportunidade, pelas horas de conversas e orientação, pela confiança, apoio e amizade. E principalmente pela paciência. Obrigada!

À professora Mônica Graciela Zoppi Fontana pela leitura discursiva e feminista que fez de meu texto de qualificação, pelos desafios instigantes, que me abriram novos rumos.

À professora Susel Oliveira Rosa pela leitura cuidadosa, pela delicadeza dos questionamentos, por me apresentar uma perspectiva teórica que me fez repensar meu modo de vida, pela amizade e cuidado ao longo dos tempos.

Aos colegas dos grupos Dicti e E-urbano, em especial Cida, Nayana, Rômulo, Brau e Mariana pelas manhãs animadas entre leituras teóricas de Análise de Discurso, bolos e cafés. Pelo abraço apertado, as trocas descontraídas que resultarem em grandes contribuições e questionamentos nessa dissertação.

Aos meus amigos e amigas queridas de jornada pela História, que desde 2007 estamos de alguma forma conectados, pelas trocas, pelos amores, dias de risadas e pelos sonhos compartilhados.

Às amigas de/da história: Roberta, Julia, Célia, Rosa, Priscila e Clarita por todas as conversas, viagens, trocas teórico-feminista.

Às mulheres do Coletivo Feminista, Maira, Camila, Giulia, Lulu, Carol, Mabê e Deb por anos de trocas feministas!

À Graci, Re, Geca, Isis, Jana e a todas as mulheres cuidadoras, axé!

À Maria Lucia por me apoiar incondicionalmente, pelo carinho, cuidado por uma vida de trocas, aos meus irmãos Junior e Júlia pela paciência e apoio nesses anos. Aos meus.

À Lígia pela partilha do dia-a-dia, cuidado, por ouvir cada ideia maluca, pela leitura de cada texto escrito, por me dizer que vai dar certo e, principalmente, por sonhar junto.

À CAPES pela concessão da bolsa de Mestrado para a realização desta pesquisa.

"É preciso ter coragem
para ser mulher nesse mundo.
Para viver como uma.
Para escrever sobre elas."

THINKOLGA.COM

Resumo

Esta dissertação busca pensar práticas feministas na internet a partir das publicações do weblog *Blogueiras Feministas* (2010-2015). A partir disso, buscaremos formular feminismo digital. Nesse percurso nos questionamos sobre como funciona o processo de individuação e identificação de sujeitos feministas no blog. Como o processo de escrita no *blog* constrói e circula saberes, possibilitando experienciar o feminismo digital. Também faz parte das problematizações dessa dissertação perguntar se é possível falar em escrita digital feminista, pensando os feminismos e o digital como parte das condições de produção, como materialidade da escrita no blog.

Palavras-chave: Feminismo, Ciberespaço, Análise de Discurso, *blog*, Sujeito (Análise do discurso)

Abstract

This dissertation thinks feminist practices on the Internet from the weblog publications *Bloggers Feminists* (2010-2015). From this we will seek to formulate digital feminism. In this way the question about how the process of individuation and identification of feminist subjects in the blog. As the process of writing the *blog* builds and circulating knowledge, enabling genuinely experience the digital feminism. Also part of this dissertation problematizations ask whether it is possible to talk about feminist digital writing, thinking feminisms and digital as part of the production conditions such as materiality of writing on the blog.

Keywords: Feminism, Cyberspace, Discourse analysis, Blog, Subject (Discourse analysis)

Lista de Figuras

Figura 1 Recorte Cabeçalho Blogueiras Feministas.....	22
Figura 2 Montagem Imagens do perfil BF no Facebook.....	25
Figura 3 Caixa de assinatura.....	28
Figura 4 Menu Quem somos	31
Figura 5 Quem Somos - Menu - Nossa Memória	33
Figura 6 Post O que é uma blogueira feminista?.....	35
Figura 7 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte II	35
Figura 8 O que é uma blogueira feminista? Recorte III	36
Figura 9 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte IV.....	38
Figura 10 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte V.....	38
Figura 11 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte VI.....	39
Figura 12 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte VII.....	40
Figura 13 Editorial	41
Figura 14 Recorte Home campo Assuntos + Procurados.....	42
Figura 15 Tag: mulher indígena	43
Figura 16 Tag: Mulher negra	43
Figura 17 Sugestão de leitura I	44
Figura 18 Sugestão de leitura II	44
Figura 19 Sugestão de leitura III.....	45
Figura 20 Sugestão de leitura IV	45
Figura 21 Sugestão de leitura V	46
Figura 22 Sugestão de leitura VI	47
Figura 23 Sugestão de leitura VII	47
Figura 24 Post Meus pedido nesse 8 de março Recorte I.....	48
Figura 25 Post Meus pedido nesse 8 de março Recorte II.....	51
Figura 26 Manifesto Ciberfeminista para o século XXI.....	52
Figura 27 Recorte Manifesto Ciberfeminista para o século XXI, 1991	53
Figura 28 Recorte 2 Manifesto Ciberfeminista para o século XXI, 1991 ..	54
Figura 29 O pensador de Auguste Rodin, 1880	54
Figura 30 Post Dia das mulheres? De quais mulheres?.....	56
Figura 31 Vadias do DNA. <i>All the New Gen.</i>	59
Figura 32 Menu - Quem Somos - Nossa Memória	62

Figura 33 Facebook.....	63
Figura 34 Twitter.....	64
Figura 35 Criticando o “rodeio de godas” da UNESP	65
Figura 36 Chamada Blogagem Coletiva: Dia da Consciência Negra	66
Figura 37 Chamada Blogagem Coletiva: Dia da Consciência Negra Recorte.....	66
Figura 38 Arquivos da Tag: Blogagem Coletiva	67
Figura 39 Destaques	68
Figura 40 Nós Madalenas uma palavra pelo Feminismo.....	70
Figura 41 Montagem de imagens do post Respondendo dúvidas sobre a Marcha das Vadias.....	71
Figura 42 Transfeminsimo é a ideia radical de que mulheres trans* são mulheres.....	74
Figura 43 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte III	78
Figura 44 Autoras: Camila Magalhães Gomes	81
Figura 45 Recorte Editorial	83
Figura 46 Assinatura	84
Figura 47 Assinatura Autoras Convidadas	84
Figura 48 Autor: Autoras Convidadas.....	85
Figura 49 Post O ensino de História e o silêncio gritante da mulher Recortes	87
Figura 50 Post O ensino de História e o silêncio gritante da mulher Recorte Maria Felipa de Oliveira	88
Figura 51 Post Existem mulheres filosofas, cientistas, intelectuais?	99
Figura 52 Post Existem mulheres filosofas, cientistas, intelectuais? Recorte I.....	99
Figura 53 Recorte Filosofigthers.....	100
Figura 54 Post Existem mulheres filosofas, cientistas, intelectuais? Recorte II.....	104
Figura 55 Recorte 1 Grupos que incentivam mulheres em TI	106
Figura 56 Recorte 2 Grupos que incentivam mulheres em TI	106
Figura 57 Recorte O que é uma blogueira feminista	112
Figura 58 Recorte1 Post O feminismo na internet também é importante	115

Figura 59 Post Carta Aberta das Mulheres em Luta pelo Direito à Comunicação.....	118
Figura 60 Recorte Post Carta Aberta das Mulheres em Luta pelo Direito à Comunicação.....	119
Figura 61 Recorte Post O feminismo na internet também é importante Parte II.....	120
Figura 62 Recorte Post O feminismo de internet também é importante. Parte III.....	121
Figura 63 Recorte Post O feminismo de internet também é importante. Parte IVI	122
Figura 64 Post O que é uma blogueira feminista? Recortes	127
Figura 65 Post O que quer uma blogueira feminista? Recortes	128

Sumário

Introdução	15
CAPÍTULO 1. www.blogueirasfeministas.com: um <i>blog</i> para experienciar-construir-circular.....	20
1.1 “Quem somos”	21
1.1.1 “Penso logo sou feminista”, mas que feminismo é esse?	34
1.2 Corpos feministas – corpos de mulheres?	48
1.3 Ativismos no digital	61
CAPÍTULO 2. “Escrevo logo sou blogueira” Falar de si no digital como experiência constitutiva no e do feminismo digital	78
2.1 Autoras: Autoria na tensão individual-colaborativa.....	79
2.2 “As feministas precisam contar suas histórias”	86
2.2.1 As formas de contar-se ou de “falar da mulher”	96
CAPÍTULO 3 Feminismo digital.....	111
3.1 Materialidade: <i>Blog</i> como local de escrita feminista	111
3.2 Feminismo digital	114
Considerações finais - Um blog para criar - circular - experienciar .	127
BIBLOGRAFIA.....	129

Introdução

"Não buscaríamos origens mesmo perdidas ou rasuradas, mas pegaríamos as coisas onde elas crescem, pelo meio: rachar as coisas, rachar as palavras. Não buscaríamos o eterno, ainda que fosse a eternidade do tempo, mas a formação do novo, a emergência ou o que Foucault chamou de "a atualidade". O atual ou o novo, talvez seja [...] mais de Nietzsche (embora Nietzsche o tenha chamado de o inatual)." Gilles Deleuze

Gilles Deleuze, em *Nietzsche* (1976), nos conta que Frederick Nietzsche compreendia que "a história de uma coisa, em geral, é a sucessão das forças que dela se apoderam, e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar" e que um mesmo fenômeno muda de sentido dependendo de quais forças dele se apropriam. Deste modo, podemos pensar a história como uma multiplicidade de sentidos que ganham unidade a depender de quem se habilite a escrevê-la, das filiações sócio-históricas, dos processos de identificação e individuação a redes de sentidos que determinam a assunção da autoria, a tomada da palavra e a posição do sujeito que escreve. As condições de produção amplas e estritas também contam. Em que momento o sujeito escreve? Em que meio? É essa coexistência de forças que lutam para se apoderar da história e das histórias, das quais fala Deleuze, que nos interessa para compreender os sentidos (outros) produzidos para o feminismo digital a partir do weblog *Blogueiras Feministas*.

Sendo assim o trabalho que segue se propõe pensar a partir do *weblog* *Blogueiras Feministas* (2010-2015) o atual no movimento feminista. O atual, para a Análise de Discurso, é compreendido como o trabalho da memória em sua filiação de sentido num ponto do interdiscurso, e resulta na formulação desse sentido no intradiscurso, o dizer atualizado. É desse modo que, para nós, o feminismo digital é tomado como um conceito que atualiza sentidos dos feminismos. E essa atualização não está sendo significada como algo que traz um avanço ou melhoria em relação a um anterior, mas como uma possibilidade de outros sentidos possíveis, como um trabalho do político na linguagem. A partir desse conceito

que propomos desenvolver ao longo dessa dissertação, nos questionamos sobre a possibilidade de se falar em escrita digital feminista, pensando os feminismos como parte das condições de produção e enunciação, como materialidade da escrita no *blog*.

Adotarei feminismo digital, no singular, para demarcar o sentido de práticas feministas que tem no digital a sua materialidade, que não significam ou significam de outras formas fora do digital. Ao usar o singular no termo, não estou afirmando que há apenas *um* feminismo digital, o sentido não é de unidade. Reconheço os diferentes tipos/formas/filiações desse “feminismo digital” em relação aos feminismos.

Entendendo o atual como algo que se produz rachando a lógica, a norma, as coisas, como sugere Deleuze (2008), a emergência do feminismo digital como um processo de atualização da memória do feminismo foi o que me moveu a pensar essa pesquisa de mestrado. Em 2011 era uma grande inquietação pensar como os chamados “novos”, “jovens feminismos”, “feminismos digitais” se articulariam aos feminismos já correntes, modificando as experiências, e assim pensá-los como uma prática feminista específica, devido à materialidade e condições de produção do digital, uma prática que permite experienciar os feminismos. Lembrando que o retorno da memória sobre si mesma modifica não apenas o sentido que se atualiza no dizer, em seu processo de historicização, mas a própria memória discursiva.

Atravessada pelas articulações feministas no digital e seus desdobramentos, me perguntei como as articulações na internet no *weblog* Blogueiras Feministas possibilita outras formas de militâncias feministas. Onde e como os discursos feministas se produzem e se formulam, circulam ou caem no esquecimento nas postagens? Como essas filiações discursivas nos possibilitam entender os processos de constituição dos sujeitos e dos feminismos?

Costumeiramente as práticas feministas na internet são descritas e estudadas a partir de seus aspectos comunicacionais e versam sobre as questões ligadas à circulação na *web*. Sônia

Alvarez (2014) ao escrever sobre os movimentos feministas dos anos 1990 aos dias atuais, afirma que a internet, as redes ou “meios sociais” desempenham um papel de destaque na popularização dos feminismos e na “articulação desses campos incipientes e mais precarizados”. A autora explora a internet como meio massivo de comunicação e interação, o que resultaria na diversificação de pessoas em manifestações eventuais (ALVAREZ, 2014, p.45). No trabalho que segue gostaria de me distanciar das abordagens que aponta os feminismos na internet como fruto da expansão da rede, e olhar o feminismo digital em contraponto¹ com as práticas ciberfeministas, uma vez que entender os movimentos de identificação e contra identificação do feminismo digital com outros feminismos nos dá elementos para pensar outros elementos do processo de significação: a formulação e constituição. Será que podemos pensar as práticas ciberfeministas como constitutivas do feminismo digital, pensando em filiação, deslocamento de uma memória? Onde essas práticas, a ciberfeminista e do feminismo digital, se aproximam e onde elas se distanciam nas postagens, quais elementos dos processos de identificação e contraidentificação ao sujeito do feminismo, nos possibilitam analisar os processos de produção de sentidos que nos permitem falar de um feminismo digital, noção que se sustenta na materialidade digital das práticas feministas contemporâneas.

A nossa aposta é que na escrita em blogs feministas, própria ao feminismo digital, há a possibilidade de produção e principalmente circulação de saberes não convencionais e que há a constante tentativa desses saberes se inscreverem na história, e assim estabilizar sentidos, no entanto a história produzida no e pelo feminismo digital nos interessa justamente porque as condições de produção do digital, velocidade, fragmentação, produzem outros modos de estabilização de sentidos, que podem ser pensados pelos

¹ Para a AD o contraponto é o “outro” analítico que permite compreender nuances do objeto de análise “principal” o feminismo digital em suas relações com as práticas ciberfeministas.

lugares de subjetivação dos sujeitos, como a função autor e a própria identidade feminista.

O Blogueiras Feministas é um *weblog* de autoria ora coletiva, ora colaborativa, construído por pessoas integrantes ou não do Coletivo Blogueiras Feministas, que produz saberes e circula na internet desde 2011. O *blog* se propõe acessível para todas as pessoas que queiram escrever sobre feminismos e suas mais variadas práticas.

Em quatro anos de circulação o Blogueiras publicou milhares de textos. Diante da infinidade de possibilidades de leituras, o critério de escolha dos textos analisados para montar o recorte dessa pesquisa foi orientado pela pergunta: Como funcionam as experiências feministas no digital? Melhor dizendo como se constitui e funciona o feminismo digital? Assim não interessava tratar os textos de forma cronológica ou pensar esses textos de forma que tivessem um efeito de representatividade no blog. Os textos foram escolhidos entre tantos publicados seguindo os princípios da narratividade, tal como conceituado por Eni Orlandi. Para a autora, a narratividade é

[...] a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas. (ORLANDI, 2013, 27)

Assim, podemos pensar os textos aqui analisados como espaço de interpretação em que é possível “[...] significa[r] /corporifica[r] /materializa[r] /historiciza[r] [...]” (ORLANDI, 2013, 29) os feminismos.

Para tentar desenvolver essas questões me filiarei ao quadro teórico da Análise de Discurso materialista; aos estudos cyberfeministas de Sadie Plant, Donna Haraway, Rosi Braidotti entre outras; aos estudos culturais e as teorias feministas.

No capítulo 1 o *weblog* Blogueiras Feministas é apresentado como objeto de análise pensado a partir dos enunciados-link “O que é uma blogueira feminista”. Nesse capítulo buscamos compreender

como se constrói a **posição sujeito blogueiras feministas, a partir dos movimentos de identificação e contraidentificação com as Formações discursivas feministas.**

No segundo movimento de análise a partir de como se dá o processo de autoria na organização do blog, na caixa Autoras, nas caixas de assinatura, veremos como falar de si é parte da experiência do feminismo digital.

No Capítulo 3 tratarei da possibilidade de pensar uma escrita feminista no *weblog* Blogueiras Feministas. Entendendo que não há um “estilo feminino” - uma forma própria de escrever das mulheres, no entanto como lembra Donna Haraway: “Meu inglês era marcado por raça, geração, gênero (!), região, classe, educação e história política”, como não pensar que os feminismos digitais proporcionariam experiências próprias desses feminismos para cada blogueira? Então seria possível uma escrita feminista digital?

Assim, compreender como funcionaria essa experiência digital e se poderíamos pensá-la como expressões de processos de interpelações dos indivíduos em formas-sujeitos feministas.

Eni Orlandi (2003) nos diz que o viver na cidade constrói uma memória social que nos constitui e que faz com que não tenhamos que nos perguntar pelos seus sentidos, a todo momento. Depois de alguns anos imersa em discussões feministas, também me encontrava [?] nesse lugar do censo comum, e foi pelo exercício da busca do atual, rachando as palavras e as coisas, que tentei nesse trabalho criar em mim, uma analista de discurso feminista, para quem sabe assim “compreender como os textos produzem sentidos, através de seus mecanismos de funcionamentos.” (ORLANDI, 2012, p.88) e des-superficializar minha vivência como pesquisadora feminista.

CAPÍTULO 1. www.blogueirasfeministas.com: um *blog* para experienciar-construir-circular

O Blogueiras Feministas² é um *weblog* que produz e faz circular conhecimentos sobre as mais variadas práticas e movimentos feministas, articulado por blogueiras e leitoras (via comentários e postagens). No capítulo que segue buscamos compreender como se constrói a **posição sujeito blogueiras feministas**.

Conforme Eni Orlandi (2012, p. 99) “o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivado-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso.”

A partir dessa posição, que se constrói, na análise proposta, pelo processo de individuação do sujeito pelo discurso feminista, e pela sua tomada de posição no discurso por meio de sua identificação a uma formação discursiva determinada (ORLANDI, 2001, 2012), é que olharemos o *blog* Blogueiras Feministas como tecnologia de escrita, que possibilita experienciar os feminismos, mais especificamente o feminismo digital. Para Orlandi (2001), a tecnologia de linguagem é também uma tecnologia de escrita, nessa perspectiva, pensar o modo de produção do conhecimento sobre o feminismo implica compreender como a escrita na materialidade digital, regulada por certos imaginários, determina a “construção do conhecimento do sujeito acerca de si mesmo e acerca do mundo” (DIAS, 2009, p.9).

2 Blogueiras Feministas pode ser referido como BF.

1.1 “Quem somos”

“[...] não existe separação entre vida e escrita.” Gloria Anzaldúa

Gloria Anzaldúa em “Falando em línguas: carta para as mulheres do terceiro mundo” nos diz que não há separação entre vida e escrita, sendo assim ela aponta que o perigo ao escrever não é “fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão.” Pelo contrário o “que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros.” (ANZALDÚA, 2000, p.233) Entendo por vida os processos constitutivos que nos tornam sujeitos no mundo, sendo um deles a escrita. Mas há também uma outra relação da escrita que nos interessa aqui, que é a da escrita como meio ou como mídia. Nesse sentido, Nietzsche, citado por Robin (2003, p. 379) afirma: “Nossas ferramentas de escrita afetam nossas ideias.” Segundo a autora, em função das dores de cabeça e quase cegueira, o filósofo adquire uma máquina de escrever *Hansen*, “destinada a ajudar pessoas que sofrem de deficiências visuais e de outras limitações”. Afirma Robin (idem.) que

Nietzsche diz que suas dores de cabeça e sua quase cegueira o fazem mudar de estilo, passar de uma escrita ligada a aforismos, a fragmentos, para um “estilo telegráfico” e lacônico.

Essa mudança de estilo tem a ver com o meio, a mídia utilizada, o que nos leva a suspeitar que se por um lado, não há separação entre vida e escrita, como afirma Anzaldúa, por outro lado, não há separação entre o sentido da escrita e o meio utilizado, pois, como afirma, também, Orlandi (2001), o sentido não é indiferente ao meio.

Eni Orlandi pensando a escrita de forma discursiva nos ensina que a “escrita é uma forma de relação social. Ela estrutura relações.”

E continua “para a nossa cultura ocidental, letrada, cristã, a letra é o traço da entrada no simbólico. Traço que marca o sujeito enquanto sujeito, em sua possibilidade de autoria, frente a escrita.” (ORLANDI, 2012, p. 204). A partir dessa relação constitutiva entre escrita, vida e meio, apresentada por Anzaldúa, Orlandi e Robin, iremos pensar a escrita como experiência, como um processo da ordem da constituição do sujeito. Uma vez que entendemos o processo de escrita como um modo de subjetivação, pois só “se é sujeito pelo assujeitamento à língua, na história”, produzindo concomitantemente sentido a si e ao mundo (ORLANDI, 2012, p.100).

Vejamos o recorte a seguir:

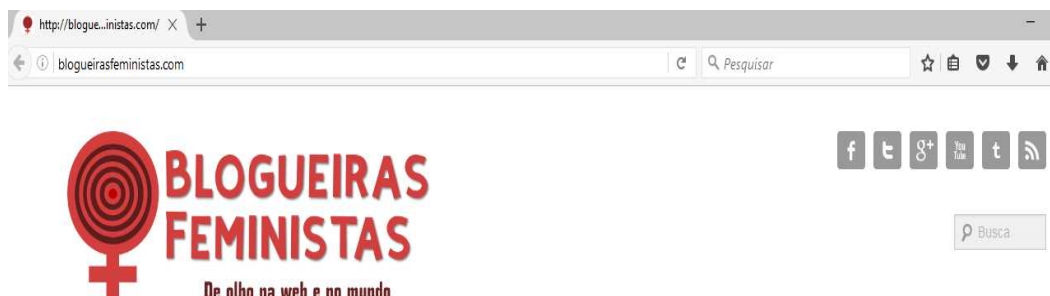


Figura 1 Recorte Cabeçalho Blogueiras Feministas

Ao acessar a página *www.blogueirasfeministas.com* nos deparamos com cabeçalho do blog, composto pelo logo do coletivo “Blogueiras Feministas: De olho na web e no mundo”. A identidade visual, ou melhor, a imagem-perfil do Blogueiras Feministas nas redes sociais e no *blog* é um símbolo dos feminismos, o espelho de Vênus, ♀, que assume efeitos de sentidos variados no decorrer dos usos feitos pelos feminismos. Acompanharemos aqui algumas dessas derivas o que nos dará elementos, através da compreensão da historicidade dos sentidos, para apontar como se constrói no *blog* a posição-sujeito blogueiras feministas.

O espelho de Vênus - ♀ - é um símbolo historicamente associado à Deusa Vênus, deusa romana do amor e da beleza, também associado e utilizado para denominar o sexo feminino. Com

o passar do tempo foi reapropriado e desconstruído, inscrito em diferentes formações discursivas dos feminismos. De acordo com a perspectiva teórica que tomamos nesse trabalho, que é a da Análise de Discurso, a Formação Discursiva (FD) é aquilo que pode ser dito em determinado contexto e posição-sujeito assumida (PÊCHEUX, 1988). Isso quer dizer que as coisas, palavras, expressões, etc, recebem sentido da formação discursiva na qual são produzidas:

diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam 'na linguagem' e as formações ideológicas que lhes são correspondentes (PÊCHEUX, 1988, p.161)

Assim podemos dizer que uma das características das formações discursivas é ser local de constituição do sujeito, já que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo.

O símbolo  na apropriação feita pelas posição-sujeito mulheres lésbicas, significam no duplo feminino  , união,

irmandade entre mulheres. E o símbolo triplo  como rejeição aos padrões masculinos de monogamia (SELEM, 2007, p 114). Ou no atual contexto de relativização do sistema sexo-gênero (HARAWAY, 2004), o símbolo do feminino já não está restrito à dicotomia masculino e feminino, e ganha sentidos nos debates sobre

cisgêneros e transgêneros  .

Esses deslizamentos de sentidos inscrevem o  em formações discursivas diferentes, para além de uma “representação” do feminino. De deriva em deriva, na apropriação do Espelho de Vênus pelas BFs o espelho de Vênus ganha círculos no centro

formando um alvo,  , essa deriva provocada pelo alvo inscreve o símbolo do feminino nos instrumentos e práticas que denunciam os casos de violência contra a mulher, o silenciamento produzido

pela sociedade diante dos casos de violência de gênero, diante dos casos de estupro, assédio sexual, quando culpa o sujeito alvo da violência por suas práticas sexuais, quando o tipo de roupa usada e os lugares frequentados são justificativas para a violência sofrida, entre outras práticas que se inscrevem nas Formações Discursivas que sustentam os machismos e abusos sobre os corpos femininos.



Em outro movimento de sentidos o  se inscreve nas FDs relacionadas ao gênero, pois existem pré-construídos, os “‘sempre-já-aí’ da interpelação ideológica que fornece – impõe a ‘realidade’ e seu ‘sentido sob a forma de universalidade” (PECHEUX, 1988 p.164), partilhados de que os sujeitos que usam esses símbolos são significados e identificados como sujeitos políticos que tencionam as relações de gênero. Entendendo que gênero é uma categoria analítica construída social e historicamente e reformulada ao longo do século XX, com o intuito de “contestar a naturalização da diferença sexual” nas quais “homens e mulheres são socialmente construídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo.” (HARAWAY, 2004, p.212).

O coletivo já teve outras imagens em seu perfil na rede social Facebook®, imagens que provocam efeito de evidência do que seriam os feminismos, como, por exemplo, duas sufragistas segurando um cartaz exigindo o direito das mulheres ao voto; uma paráfrase de “*We can do it!*”, ou a imagem de uma mulher no protesto feminista pró-aborto em Amsterdam em 1981. A evidência de sentidos provocada pelas imagens citadas faz com que cada imagem signifique dentro de uma Formação Discursiva: o feminismo, fazendo “ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante.” (ORLANDI, 2007, p.46).



Figura 2 Montagem Imagens do perfil BF no Facebook

O campo de imagem de perfil é o local onde o grupo marca sua identidade na relação com uma memória. Para Análise de Discurso identidade é resultado dos “processos de identificação a partir do modo como indivíduo é interpelado em sujeito e individualizado pelo Estado.” (ORLANDI, 2004, p.105). Sendo assim as imagens de perfil deixam ver as filiações e o processo de **identificação** dos sujeitos no BF. Sobre o processo de identificação M. Pêcheux aponta que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é construído como sujeito)” (PÊCHEUX, 1988, 163).

Ao publicarem essas imagens como avatar ou imagens de perfil as BFs demarcam sua posição no discurso, são mulheres que se identificam com os sentidos construídos pelas imagens que produzem, no “ponto de encontro entre uma atualidade [o blog] e uma memória [a história das lutas feministas]” (Pêcheux, 1988), deslocamentos. Entre o atual e o sentido que fala antes, em outro lugar, as BFs se subjetivam nas FDs feministas, com as lutas pelo sufrágio feminino nos séculos XIX e início do XX. Quando produzem a sua leitura de “*We can do it!*” em apoio ao fim da homofobia, deslizam os sentidos articulados na imagem usada durante a

Segunda Guerra Mundial, para incentivar as trabalhadoras fabris a produzirem mais, para uma discursividade³ feminista de valorização do feminino: “Você consegue!”, que tem como pauta a luta contra a homofobia e os machismos que depreciam o feminino. Ao fazer circular a imagem de um protesto pró-aborto em Amsterdam atualiza as lutas das mulheres pelos direito de decidir sobre o próprio corpo nos anos 2000. Nas imagens descritas vemos formações discursivas diversas entre si (sufragistas, empoderamento feminino, feministas pró-aborto), FDs nas quais o “sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade” (ORLANDI, 2012). É nesse processo que confere unidade, identidade ao sujeito e ao que é dito que vemos delimitar a **posição-sujeito blogueiras feministas** na relação com a forma-sujeito feminista, uma vez que posição-sujeito representa diferentes modos de se relacionar com a forma-sujeito (INDURSKY, 2000, p.77). E a forma-sujeito diz do sujeito do saber de uma determinada Formação Discursiva, no caso a dos Feminismos.

O conhecido símbolo dos feminismos, ♀, quando olhado em suas condições de produção no weblog, relativiza o aparente efeito de evidência deixando ver algumas filiações e possibilidades de ser feminista na internet, feministas pró-aborto, sufragista, “empoderada” e tantas outras sustentadas por essas discursividades. Uma vez que em uma Formação Discursiva há muitas outras FDs funcionando. E

justamente devido às condições de produção no *blog* que o , pelo jogo de inscrição na memória e a atualização, nos permite afirmar que mesmo sendo bandeiras perenes: direito ao aborto, sufrágio feminino, empoderamento feminino, o combate a violência contra mulher, as bandeiras feministas se constituem de forma diferentes segundo as condições de produção, no caso das blogueiras o meio digital, mostrando-se frutos de questionamentos históricos.

3 Eni Orlandi define discursividade como “a inscrição dos efeitos da língua, sujeita a falha, na história”. Assim trabalha a relação da língua com a exterioridade. (ORLANDI, 2012, p.20)

Orlandi (2007, p.30) nos diz que as condições de produção compreendem os sujeitos e a situação, “em sentido estrito e temos as circunstancias da enunciação: é o contexto imediato [...] e em sentido amplo [...] o contexto sócio-histórico, ideológico.” Assim se pensarmos nos anos 2000⁴, já não precisamos mais exigir direito ao voto como as sufragistas, mas ainda é necessário pedir equidade de gênero na ocupação dos cargos políticos de nosso país. O empoderamento em um *blog* de grande circulação com o BFs se faz pela possibilidade de construção e acesso ao conhecimento, a obras, espaços de debates, vídeos sobre as articulações feministas. A luta pelo direito ao corpo e a decisão ao aborto é outra, diferente da travada nos anos 1980, são outros tempos. Há uma diferencia

sutil na forma de denúncia presente no  que coloca a mulher com centro da violência, alvo da falta.

O uso do ♀ cria o efeito de multiplicidade ao mesmo tempo em que constrói como evidente a ideia de unidade entre os feminismos. Esse jogo entre a dispersão e unidade pode ser entendido no trabalho da contradição desenvolvido por Pêcheux em *Semântica e Discurso* (1988), quando reformula o conceito de Formação Discursiva e coloca a contradição como parte indispensável das FDs.

Continuemos a olhar os locais de construção de sujeito blogueira feminista:

⁴ Para a historiadora Margareth Rago (2004) os anos 2000 podem ser entendidos pelo conceito de pós-feminismo. Rago adota esta noção não como um marco temporal, referindo-se ao pós, a um tempo depois dos feminismos, onde as bandeiras/lutas sociais feministas foram alcançadas ou os sexicismos e racismos não existem, uma vez que eles foram denunciados. Até por que nem a denúncia, nem os avanços sobre esses problemas implica o fim dos mesmos, tão pouco o fim dos feminismos. Para a autora, o pós-feminismo é um conceito que ajuda a entender o momento em que os feminismos conseguiram atingir alguns patamares, que possibilitam à atual juventude relacionar-se de forma mais libertária com os corpos, com o sexo, com o outro, com a natureza e com a própria vida devido aos efeitos das conquistas feministas. (2004:31- 32).



Figura 3 Caixa de assinatura

Na caixa assinatura temos o espelho de Vênus e o enunciado: “Somos várias, com diferentes experiências de vida. Somos feministas. A gente continua essa história do feminismo, nas ruas e na rede.” Desse enunciado gostaria de destacar a forma como as blogueiras se enunciam na tensão entre **eu** e **nós** e a **rua** e a **rede**.

Retomando as relações entre constituição de sujeitos e as Formações Discursivas, Pêcheux (1988, p.214 - 215) afirma que os indivíduos são interpelados em sujeitos de seu discurso por formações discursivas “que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. E que esse processo de interpelação se realiza pela identificação com a formação discursiva que o domina, “essa interpelação supõe necessariamente um deslocamento” na forma-sujeito: entre “sujeito da enunciação” (“o sujeito que toma posição, com total conhecimento de causa, total responsabilidade, total liberdade, etc”) e o “sujeito universal” (sujeito do saber). Em “somos várias” e “somos feministas” temos o funcionamento dessa tensão entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber da FD Blogueiras Feministas. Temos em “nós” um lugar de identificação onde vemos o sujeito Blogueira Feminista identificado com o sujeito do saber feminista, um lugar comum partilhado entre as “blogueiras feministas”: os feminismos e suas possíveis Formações Discursivas.

Quando se enunciam como “[...] várias, com diferentes experiências” demarcam o que é único e exclusivo de cada sujeito- as experiências, o que provoca o efeito de individual. O trabalho de

apontar as diferenças forma a marca a existência de um “eu” que se diferencia do “outro” em cada experiência vivida, que constrói um “eu feminista” capaz de dividir experiências e ou de se identificar com a “experiência do outro”, criando assim nesse “eu” uma identidade coletiva, pré existente ao próprio processo de interpelação e identificação, uma experiência feminista “já - lá”: “Somos feministas”. A imagem de sujeito feminista pode ser entendida como um efeito elementar de que o sujeito “sempre-já” sujeito ou a origem de seu dizer, uma vez que “sempre-já” esqueceu as determinações que o constituem enquanto tal. Para Análise de Discurso o sujeito é posição, uma vez que para Orlandi (2012) é no processo de subjetivação, que o sujeito se projeta de sua situação (lugar) no mundo, lugar de fala para sua posição no discurso, posição-sujeito nesse caso sujeito-feminista.

Pêcheux em *Remontemos de Foulcault a Spinoza* (2011) ao teorizar sobre o conceito de contradição nos conta que Spinoza ao questionar “a ideologia religiosa” e “a religião” o faz em nome da própria

ideologia religiosa, através dela e apesar dela, isso significa que a ideologia religiosa (e o discurso que a realiza) não pode de nenhuma maneira ser tomada como um bloco homogêneo, idêntica a si mesma, com seu núcleo, sua essência, sua forma típica. (PÊCHEUX, 2011, p.8)

Tal apontamento de Pêcheux nos permite pensar que não há Formações Discursivas que possam ser tomadas como blocos ou que tenha uma única forma ou forma típica, possibilitando pensar a contradição como possível em todo discurso, uma vez que um mesmo sujeito ao se posicionar sobre uma questão pode fazê-lo de forma diferente se inscrevendo nas diferentes regiões das Formações Discursivas.

O conceito de contradição como proposto por Pêcheux é profícuo se pensarmos o “nós- blogueiras feministas” como uma posição, lugar de fala que se pretende plural, que se constitui na relação com o “eu - sujeito feminista”, individuado por e nas suas experiências, a tensão entre essas duas posições assumidas no

blog criam um terceiro lugar constitutivo dos processos de identificação dentro do blog, que é uma posição comum “ser blogueira feminista” e que nos apontam para o feminismo digital.

O outro ponto de tensão constitutiva da identidade blogueira feminista está no enunciado: “A gente continua essa história do feminismo, nas ruas e na rede.” Aqui nos interessa a relação tensa e contraditória que faz da **rua** e da **rede** características fundantes de articulação feminista. As articulações feministas no presente passam necessariamente pelo eixo “rua/rede”. O espaço urbano, a rua, espaço privado e público, “está no caminho, ir e vir, se apresentando imaginariamente como um espaço de/para todos” (DIAS, BARBAI e COSTA, 2014). Marcado por sua mobilidade e conexão

pois a conectividade é o que define a mobilidade contemporânea’ produzindo laços sociais a partir de processo de identificação, que resultam no encontro metafórico entre a rua e a rede, expandindo as fronteiras que delimitam as relações entre sujeitos.

A rua/rede é o lugar dos atuais feminismos, é o lugar de atuação das Blogueiras Feministas e parte de sua identidade.

Tendo em mente que essas contradições são constitutivas do *blog* nos perguntamos: Qual é a experiência unificadora presente no Blogueiras Feministas? Quais são as identidades ou posição – sujeito que as sustentam? Essas são algumas questões que nortearam os textos que seguem.

Ao continuarmos a navegar pelo *blog* em busca do processo de construção da **posição sujeito blogueiras feministas** nos deparamos com alguns caminhos possíveis. Aqui escolhemos olhar o como as blogueiras feministas dão sentido a essa identidade. Na sequência observemos a postagem “Quem somos”:

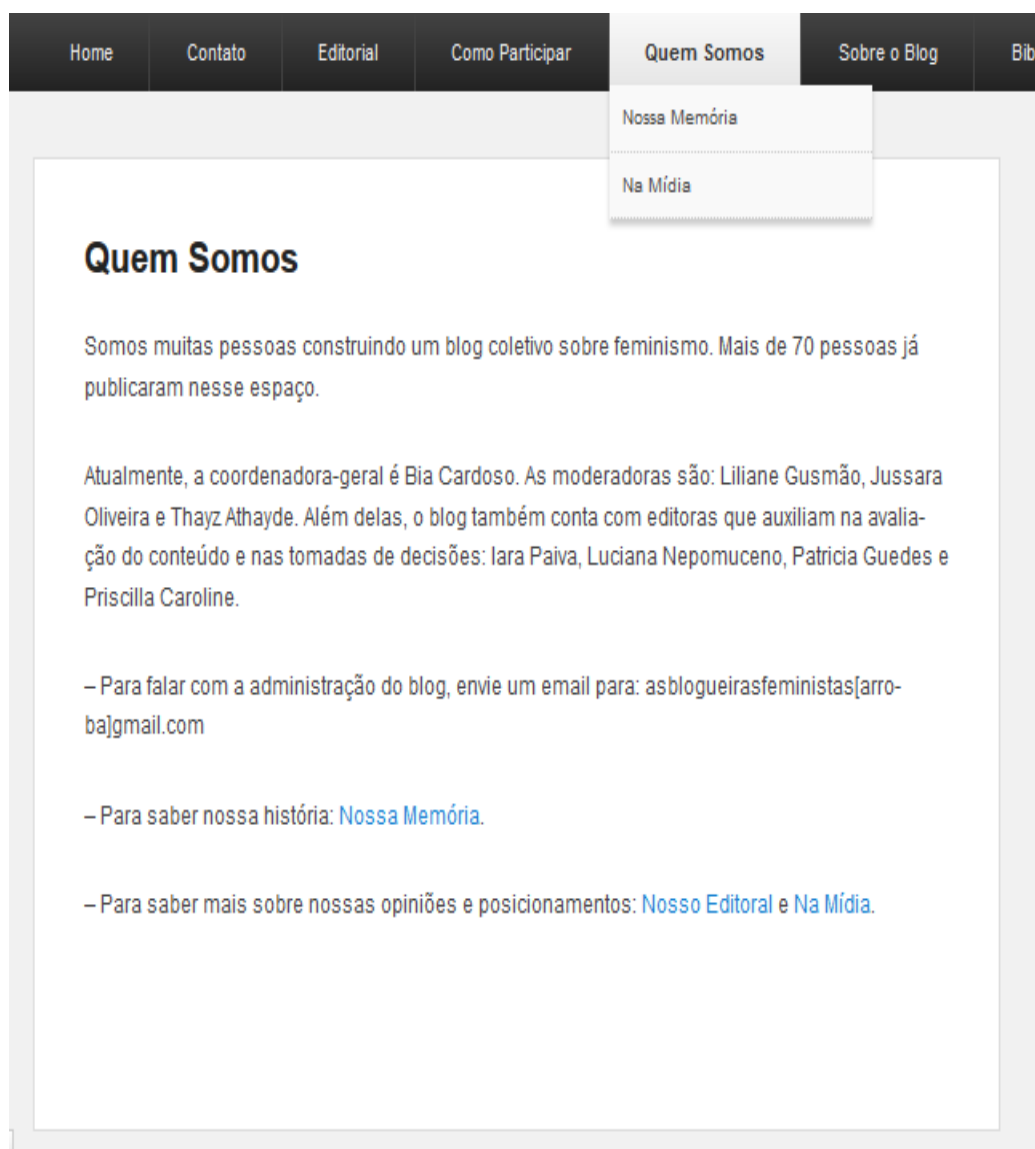


Figura 4 Menu Quem somos

Em “**Quem somos**” há dois caminhos de leitura pré-estruturados pelo grupo para se apresentar: **1. Nossa Memória e 2. Na Mídia**. Esses caminhos afirmam que se trata de “muitas pessoas construindo um *blog coletivo* sobre feminismo” (grifo meu), o que demarca uma identidade coletiva ao mesmo tempo em que apresenta algumas mulheres nominalmente e suas funções no grupo, como Bia Cardoso “a coordenadora-geral”, “as moderadoras”, “as editoras”, o que dá rostos, corpos e possibilita acompanhar o movimento de organização no grupo. Mostrando que mesmo em

blog que se define e se quer coletivo há uma equipe que toma decisões, dá corpo ao blog.

Na sequência, podemos notar a tensão presente na construção do blog como coletivo, múltiplo e ao mesmo tempo um blog que se quer representativo dos feminismos. No texto alguns parágrafos são estruturados pelo uso do imperativo, a partir da formulação “Para saber...” acesse “x” link ou escreva para “y”.

- Para falar com a administração do blog, envie um email para: asblogueirasfeministas[arroba]gmail.com
- Para saber nossa história: Nossa Memória.
- Para saber mais sobre nossas opiniões e posicionamentos: Nosso Editorial e Na Mídia.⁵

Por meio de elipses do verbo no imperativo: click, os leitores são orientados a acessar as postagens construídas para “informar”. São textos que contam a história do blog, instruem quanto ao formato dos textos e conteúdos permitidos, além de um conjunto de entrevistas em **Na Mídia** onde o leitor pode acompanhar a circulação das blogueiras em outros espaços para além do blog, o que demarca a importância do blog e funciona com legitimação do mesmo. Esse mecanismo de funcionamento do Blogueiras nos faz pensar em um certo didatismo no blog uma vontade de ensinar, de ser lugar de referência aos feminismos.

Destaco o “– Para saber nossa história: **Nossa Memória**.”:

5 Blogueiras Feministas, disponível em <http://blogueirasfeministas.com/about/>, acessado em 10/01/2015

Nossa Memória

Somos de várias partes do país, com diferentes experiências de vida. Somos feministas.

Durante o primeiro turno das eleições de 2010, [Maria Frô](#) enviou um email para várias colegas feministas com o objetivo de colher opiniões sobre questões políticas relacionadas a mulher. As conversas por email foram tão produtivas que [Cynthia Semiramis](#) decidiu criar um grupo de discussão, onde feministas poderiam trocar informações e debater sobre assuntos diversos. O grupo cresceu e surgiu a necessidade de se criar um blog, para espalhar nossas ideias e mostrar o quanto o feminismo é um movimento plural.

Figura 5 Quem Somos - Menu - Nossa Memória

Nossa Memória nos redireciona para uma narrativa fundadora do grupo: um *weblog* oriundo de uma lista de e-mails de colegas feministas, que discutiam durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2010, os temas levantados pela candidatura da presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. Um dos temas levantados pela candidatura de uma mulher a presidência e debatido no grupo e no *blog* foi a questão da estética e imagem feminina. No caso, durante a candidatura de Dilma foi possível notar que a candidata passou por vários processos de mudanças estéticas de forma que parecesse mais jovem, mais “bonita”, o que essa narrativa opta em não contar é que mudanças estéticas no âmbito da política são aplicadas a todos os candidatos para criar uma imagem elegível, que os níveis de cobranças e as mudanças foram e são diferentes dependendo do gênero do candidato.

Outro ponto que nos interessa é a naturalização e a forma como parece ser lógico e inevitável a criação de um *blog feminista*, “O grupo cresceu e surgiu a necessidade de se criar um blog, para espalhar nossas ideias e mostrar o quanto o feminismo é um movimento plural.”. O texto oferece um jogo de causa (o grupo feminista cresce) e efeito (cria-se o blog) que pode ser entendida sob a luz dos estudos de Eni Orlandi (2003), que ao pensar o

conceito de Discurso Fundador fala da importância de refletir sobre a “formação de sentidos”, o modo como algumas questões parecem naturais, mas não são, pois são formadas em processos e percursos repletos de particularidades que desaparecem no efeito de evidência produzido na relação dos sujeitos com seus discursos. (ORLANDI, 2003 p.9). Nesse caso, a evidência se dá pela relação de casualidade entre **ser feminista** e **ser blogueira**, pela tensão constitutiva entre a rua e a rede, nos anos 2000 a relação que está ligada à vontade de “compartilhar”, circular saberes na internet. Nesses processos os feminismos se articulam na e pela internet e tem nessa mídia um local de legitimidade e de expansão de suas bandeiras e lutas sociais.

1.1.1 “Penso logo sou feminista”, mas que feminismo é esse?

No movimento de restringir sentidos e significar as blogueiras em comemoração a um ano de atividades do *blog* foi postado um texto intitulado “O que é uma blogueira feminista?”, onde o grupo busca mais uma vez delimitar sentidos e significar em meio à explosão de blogs sobre feminismo na web. A posição é por se colocar como um grupo “heterogêneo, com diversas pessoas que pensam diferente”, um grupo que fala sobre feminismo na rede e tem a rua como uma de suas possibilidades de manifestação. Ao mesmo tempo, nessa postagem manifesta-se a vontade de “responder à pergunta: O que é uma blogueira feminista?”, deixando os sentidos à deriva.

O que é uma blogueira feminista?

Postado em: 22/10/2011 por: [Blogueiras Feministas](#)

Outubro é um mês de comemoração para nós, completamos um ano de lista e de blog. Buscamos falar sobre feminismo na rede e também levá-lo para ruas. Somos um grupo heterogêneo, com diversas pessoas que pensam diferente, mas que tem o desejo pela igualdade como ponto comum.

Hoje é o primeiro dia do nosso [Encontro Nacional](#). Vamos sair do virtual para debater e aprender, por isso o post de hoje é especial. Queremos compartilhar um pouco de quem somos e decidimos responder a pergunta: O que é uma blogueira feminista?

Confira também o segundo post especial: [O que quer uma blogueira feministas?](#)

Figura 6 Post O que é uma blogueira feminista?

O post é estruturado em pequenos depoimentos, nos quais cada blogueira relata sua experiência, “o que é uma blogueira feminista”, cada depoimento é assinado por seus autores, mulheres que compõem o coletivo Blogueiras Feministas, no total são vinte e um depoimentos sobre a experiência de ser blogueira feminista. Na sequência destaco alguns desses textos.

Assim, uma, não sei. Sei a blogueira feminista que eu sou. E sei que “blogueira feminista” não existe. Existimos. Há várias de nós, e somos bem diferentes. Na blogagem e no feminismo. Então digo pra vocês sobre a blogueira feminista que acho que sou. Mari Moscou

Figura 7 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte II

Quando é perguntado “o que é uma blogueira feminista” outra questão está posta “o **que deve ser** uma blogueira feminista?” A blogueira Marília Moscou diz não saber o que é **uma blogueira feminista**, assim nega que exista uma forma, **o que deve ser**, e aposta na diferença: “Há várias de nós, e somos bem diferentes. Na blogagem e no feminismo”. Em gesto próximo ao da caixa assinatura

(acima trabalhado no item **1.1 “Quem somos”**) Moscou nos fala do lugar do “eu” de sua experiência de ser blogueira feminista, que é constituída entre a tensão contida no **nós** e a demarcação do individual do **eu**.

Já a blogueira Danielle Cony afirma:

Penso logo sou feminista. Escrevo logo sou blogueira. Danielle Cony

Figura 8 O que é uma blogueira feminista? Recorte III

A formulação faz referência direta à frase “Penso, logo existo” atribuída a Réne Descartes e suas reflexões sobre a premissa de que o pensamento implica em existência. No mesmo movimento de sentido, pelo funcionamento da memória discursiva, o interdiscurso, que, segundo Pêcheux (1988), “fala antes, em outro lugar (...)”, Danielle, em “Penso logo sou feminista” condiciona a existência do sujeito a ser pensante e ao feminismo. Assim ser feminista seria uma implicação direta do ato pensar, consequência da existência humana. Em “Escrevo logo sou blogueira” o mesmo movimento de sentido se repete, ser blogueira é implicação direta para a condição de escrever. A escrita é uma condição de ser pensante e habitante do mundo que, por sua vez, implica ser uma blogueira feminista.

Enunciar “Penso logo sou feminista” coloca em questão o “teatro da consciência”: Primeiro a evidência do sujeito ou sua identidade, a ilusão de ser o próprio sujeito sua origem, assim esconde os processos de identificação que o faz sujeito e capaz de se nomear feminista, ou qualquer outra identidade. E em outro ponto temos a evidência de sentido do que é ser humano e feminista, que esconde seu caráter material da linguagem. (ORLANDI, 2008, 58-59)

Ser feminista, ser humano são formas de ser sujeito, Eni Orlandi nos lembra que o sujeito só é sujeito pelo e no processo de interpelação, quando ele está em relação com as instituições.

Somos interpelados em sujeitos desde o momento que nascemos, seja pelo Estado enquanto cidadãos de direitos e deveres ou em atos do cotidiano, quando somos obrigados a significar, a dar sentido ao mundo e a nós mesmos. E uns dos efeitos ideológicos produzido pelo processo de interpelação é o esquecimento que permite o sujeito a ilusão de ser origem do seu próprio dizer. O esquecimento para Courtine (1999) tem duas formas: o esquecimento número 1 e o esquecimento número 2. O primeiro é da ordem da enunciação “é o que dá conta do fato que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina.” É o esquecimento número 1 que permite a ilusão ao sujeito ser a origem do que diz (ORLANDI, 2006, p.21). O esquecimento número 2 é da ordem do enunciado ou da formulação é a possibilidade de esquecer que há outros sentidos possíveis. É esse esquecimento que permite que Danielle afirme categoricamente: “Penso logo sou feminista”. Nesse processo de esquecimento, “ao longo de seu dizer vão-se formulando famílias parafrásticas de tudo aquilo que ele podia dizer mais não disse.” (Orlandi, Idem).

Em função do esquecimento número 1 no enunciado “Penso logo sou feminista” o sujeito que pensa logo ele se identifica em uma posição sujeito feminista por meio das formações discursivas presentes na memória discursiva, ou no interdiscurso. Vejamos como funcionará o processo de identificação⁶ junto às formações discursivas que possibilitam pensar uma memória discursiva feminista.

O processo de identificação, proposto por Pêcheux (1988, p.214-215) e aqui já comentado, se dá no batimento entre as posições do sujeito da enunciação e do sujeito do saber, o sujeito

⁶ Nessa altura do texto é importante demarcar que o conceito de identificação proposto pela AD pecheuxtiana se dá no nível do inconsciente do sujeito e em nada se articula com a identificação proposta por Stuart Hall (2000), Hall elabora identificação como um processo que é “construído a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.” (HALL, 2000, p.106) E completa que no reconhecimento ocorre o “natural fechamento” que forma a base da solidariedade e da fidelidade entre as pessoas.

feminista que vai se configurando no *blog* como sujeito universal. Vejamos:

Liliane Gusmão aponta que ser blogueira feminista passa pelo processo de se identificar consigo mesma, de se “reencontrar”, “reconhecer”, se “ver refletida em gente que eu admirava”, “gente” é parte do processo de identificação, são as posições sujeitos integrantes das formações discursivas feministas, local de consenso e divergência.

Para mim ser blogueira feminista foi me reencontrar depois de uma eternidade, me reconhecer e me ver refletida em gente que eu admirava e que falava coisas que eu intuía mas não sabia ainda expressar. Conhecer e me identificar com pessoas com quem pude discutir e aprender. Pessoas inteligentes que estão dispostas a ouvir, se ajudar, aprender com @outr@. Liliane Gusmão

Figura 9 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte IV

Já Karla Avanço produz outros sentidos para ser blogueira. Esse sentido se dá por uma forma de contraidentificação do sentir-se blogueira, prática que, contraditoriamente, reforça nela o sentimento de ser feminista, afirmando sua identidade feminista pela filiação ao gesto de blogar e compartilhar experiência e conhecimento na lista de discussão do grupo, uma vez que ela afirma “não me sinto muito blogueira, mas com certeza sou mais feminista”. Para Karla a relação: ser feminista é ser blogueira não é evidente, para ela o feminismo primeiro se constrói nos espaços de formação: “a lista de emails” e nos debates travados internamente no grupo e o *blog* é um local de circular o resultado do trabalho de identificação com os temas debatidos que a faz “feminista”.

Não me sinto ainda muito blogueira, mas com certeza sou mais feminista do que antes. Pra mim, ser blogueira feminista, passa primeiro pela lista, de discussão, que é onde a gente se fortalece, onde a gente se empodera e aí a gente pode levar o feminismo pro mundo lá fora e o resultado disso tudo é o que a gente mostra no blog. Karla Avanço

Figura 10 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte V

Para Sara Joker, ser blogueira feminista está ligado à identidade ser mulher e “lutar”, ocupar a internet e as ruas, e fazer circular suas opiniões.

Pra mim, uma blogueira feminista é uma mulher que descobre um espaço pra falar o que pensa e lutar por seus sonhos na internet. E, claro, levar essa luta pras ruas. Eu especialmente, assumo que vivi muito tempo acreditando que a minha vida dentro de casa era o comum, e quando me dei conta da cruel realidade, que na vida real o machismo é forte e injusto, decidi começar a fazer algo, mas não sabia muito bem o que. Até que conheci o blog da Cynthia e da Lola e me identifiquei com eles. Dali pra encontrar o Blogueiras Feministas foi um pulo. Sara Joker

Figura 11 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte VI

Entre a militância na internet (rede) e na rua há uma tensão, que a faz verbalizar a necessidade de “levar essa luta [da rede] pras ruas”, mas não há dicotomia, a internet convive no mesmo espaço que a rua, ambas coexistem e podem ser entendidas no conceito de e-urbano de Cristiane Dias (2011), a saber, um espaço constituído pelo eletrônico, o virtual, a conectividade “o processo de produção da vida no que diz respeito às suas relações sociais nesse espaço urbano significado pelo eletrônico.” (DIAS, 2011 p.14) Na fala de Sara não há a comum separação entre o virtual (“ativismo de sofá”, dentro)/real (“rua”, fora), o movimento de dentro e fora ganha outro lugar, o “dentro” se refere à casa, à acomodação de não se expressar e à naturalização do machismo. O fora é o ativismo na internet, são os outros blogs feministas, é ocupar um espaço no Blogueiras Feministas. Retomando a “definição” do grupo na chamada do post em questão: O que é uma blogueira feminista?, onde se definem como um grupo que fala sobre feminismo na rede e tem a rua como uma de suas possibilidades de manifestação, junto ao desejo de Sara de ocupar e-urbano via feminismos vemos o como o feminismo digital tem seu acontecimento na rede.

Diferentemente de outros momentos históricos do feminismo, onde o acontecimento era nas ruas: passeatas, marchas; nas reuniões de grupos autônomos, ONGs, nos jornais por meio da imprensa feminista, em suportes menos convencionais como na

poesia, na arte, cinema, festivais de música e etc. No atual momento e nas ocupações feministas da rede as atividades aqui citadas ganham outra dimensão: o digital.

A blogueira Natalia Mendes aponta mais uma vez para a contradição constitutiva entre uno e múltiplo dos feminismos: “uma parte de um conjunto de olhares para enxergar, entender, pensar, questionar, combater com tantas diferenças e identificações” que se encontram em um lugar comum “o feminismo” plural.

Uma em mais de quatrocentas. uma parte de um conjunto de olhares pra enxergar, entender, pensar, questionar, combater. com tantas diferenças e identificações, uma coisa em comum: feminismo. Não “o” feminismo, pois, uma das coisas que aprendi nesse grupo, é que o feminismo é plural, existem vários. isso é lindo e fortalece. às vezes, também entristece. mas nos une, achamos alguém que pensa com nós, ou que sente a mesma coisa, ou que viveu algo parecido e descobrimos que não estamos sozinhas. Natalia Mendes

Figura 12 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte VII

É possível notar que apesar das diversas formas de significar o que é uma blogueira feminista há um ponto compartilhado entre os relatos: **os feminismos**. E como bem diz Pêcheux (1988, p. 160) os sentidos de palavras, expressões, proposições mudam e adquirem sentidos segundo as posições sustentadas por aquele que as empregam. O sentido se constitui em cada Formação Discursiva, é nas relações entre palavras, expressões, proposições que as mesmas ganham sentidos. Observando essas relações, vejamos “Que feminismo é esse? Ou quais feminismos?”.

Na aba **Nossa Memória** (Figura 4, p. 28) o grupo destaca a diversidade de opiniões no *blog* e dos feminismos. Característica reforçada no **Editorial** com a afirmação de seus objetivos: “discutir os feminismos” em suas pluralidades e particularidades, “nas suas benesses e feridas”. Em movimento semelhante ao da Imagem de perfil (Figura 2, p. 22), as colocações acima se inscrevem nas crises

das identidades⁷ que trazem consigo a incerteza, a fragmentação, a efemeridade e a descontinuidade, a perda de sentido de si, um descentramento do sujeito e a necessidade de desconstrução e reinvenção constante das identidades para continuarem significando.

Não acreditamos em estereótipos. Não acreditamos em verdades absolutas. Não acreditamos no feminismo como uma cartilha e nem como religião. Nosso feminismo é político e está constantemente em construção. Aberto para agregar ideias, valores e conceitos. Pronto para reconhecer privilégios e contradições. Disposto a questionar universalizações e essencialismos. Temos o desafio de propor, lutar e implementar mudanças sociais que construam uma sociedade melhor para TODAS as pessoas.

Figura 13 Editorial

Nesse processo reconhecem os pontos de tensão pouco expostos e criticados das narrativas feministas. Na sequência se afirmam em “constante construção”, “Aberto para agregar ideias, valores e conceitos.”

A antropóloga Heloisa Buarque de Almeida (2016, web) ao analisar os “novos feminismos” afirma que os grupos feministas têm muitas divergências,

alguns são mais de esquerda e anticapitalistas do que outros, alguns são mais inclusivos em termos da presença de mulheres lésbicas, negras e trans, e alguns são vistos como mais identitários, como grupos de mulheres negras.

No entanto, para a antropóloga há pautas comuns que os unificam e que permitem falar em uma presença maior do feminismo na arena pública nacional nos últimos anos. Essas divergências que Helosia aponta entre grupos, podem ser observadas no Blogueiras Feministas em vários posts e na própria estrutura do blog. Um desses espaços é a caixa **Assuntos +Procurados**, uma lista de palavras chaves que não se atualizam. É uma lista fixa de temas

⁷ Rosi Braidotti (2002) aponta que o final do século XX foi marcado pelas crises identitárias localizadas como efeitos capitalismo, pela desestruturação do conceito de nação-Estado e das reviravoltas causadas na autoridade masculina fundada e personificada na família patriarcal, na heterossexualidade compulsória.

organizados em ordem alfabética, que linka todos os posts do *blog* que foram arquivados junto às seguintes tags:



Figura 14 Recorte Home campo Assuntos + Procurados

A caixa de Assuntos + Procurados oferece aos leitores uma lista de tags que se organizam entre temas feministas: Aborto e Direitos Reprodutivos, Capacitismo, Estatuto do Nascituro, Feminismo Interseccional, Lei Maria da Penha, Marcha das Vadias, Movimento Feminista e Voto Feminino; e as identidades: Mulheres Indígenas, Mulheres Lésbicas, Mulheres Negras e Mulheres Trans. Em busca no site usando as tags sugeridas notamos que há uma hierarquia, há uma diferença entre a quantidade e recorrência de postagens agregadas a cada uma das tags, na tag mulher indígena estão articulados nove textos sobre a temática e a tag mulher negra reúne sessenta e nove textos.



Tag: mulher indígena

[...]

1 2 3



Figura 15 Tag: mulher indígena



Tag: mulher negra

[...]

1 2 ... 23



Figura 16 Tag: Mulher negra

A escolha dos termos “Mulheres Indígenas, Mulheres Lésbicas, Mulheres Negras e Mulheres Trans” como entrada e organização dos textos publicados inscrevem o *blog* na discursividade dos feminismos, como local de diferença. No entanto, é essa mesma diferença o que confere a unidade ao blog. O que torna “blogueiras feministas” uma identidade partilhada é justamente a diversidade de posições, ao mesmo tempo em que diferem, mantém um ponto em comum: as mulheres.

Esses sujeitos “mulheres” significam seus corpos nos posts, na caixa **Sugestão de leitura**, espaço fixo logo abaixo do **menu**, onde sete imagens se alternam com um resumo do post.

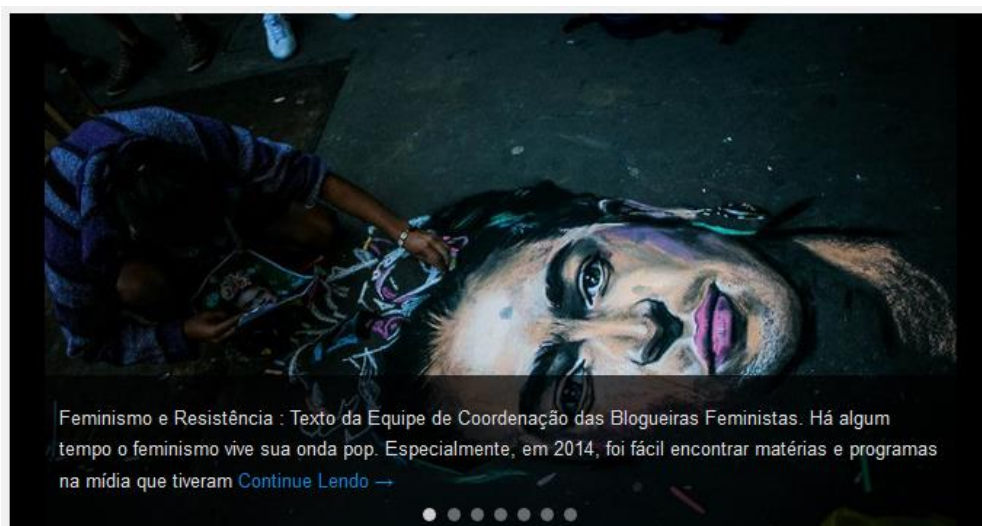


Figura 17 Sugestão de leitura I

A primeira opção de leitura é “Feminismo e Resistência”, que oferece ao leitor a imagem de um artista criando uma Frida Kahlo e todas as memórias de resistência contidas no imaginário sobre a artista mexicana, uma mulher “autêntica, subversiva, intensa, provocadora”⁸, que usou seu corpo marcado por acidentes e cirurgias junto as temáticas indígenas mexicanas como forma de resistência em suas pinturas.



Figura 18 Sugestão de leitura II

⁸ Para mais ver Frida Kahlo: imagem, corpo e feminismo, disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2015/07/frida-kahlo-imagem-corpo-e-feminismo/>. Acessado em 15/07/2016

A segunda sugestão é o texto “Elizabeth, Terezinha, Eduardo e a morte no complexo do Alemão”, postagem coletiva que apresenta um corpo feminino, negro, de meia idade, taxado sob a figura da mãe que sofre com a perda do filho.



Figura 19 Sugestão de leitura III

O próximo texto é sobre relações de gênero e os regimes de verdade. “Feminismo não é para mulheres certas” abre o debate sobre o sujeito dos feminismos e como o estatuto da verdade está no gênero, no social e os efeitos dessa “verdade” na relação com sujeitos transexuais e seus corpos. Um corpo trans que se delimita no jogo de luz e sombra.



Figura 20 Sugestão de leitura IV

“O que acontece depois que uma mulher jovem e grávida decide não abortar?” O relato sobre a experiência de estar grávida, ser jovem e não desejar a gestação, mas por pressão social e “culpa cristã” não abortar, delimita mais uma vez um corpo possível dentro do que convencionamos denominar mulher.



Figura 21 Sugestão de leitura V

Em “Feminismo e capacitismo” há uma aparente quebra na linha discursiva criada pelas imagens, pois essa é a primeira sugestão em que é possível vislumbrar outros corpos para além dos femininos. No entanto, no texto que segue é discutida a situação de **mulheres** portadoras de deficiência física e ou cognitiva e seus corpos não desejáveis e por vezes não desejantes, assexuados.



Figura 22 Sugestão de leitura VI

Em “Indígenas e invisíveis” é retomado o corpo feminino, mas não se trata de um corpo qualquer é o de uma indígena, marcado pelos pré-construídos que aprendemos a reconhecer enquanto indígena: a cor da pele, as escritas corporais, adereços, entre outros elementos.



Figura 23 Sugestão de leitura VII

Em “Só engravida quem quer?” a questão do aborto, direitos sobre o corpo feminino e a liberdade sexual das mulheres são levantadas. Mais uma vez o corpo que se destaca é a regra, o que é esperado socialmente de um corpo feminino.

As indicações de leituras nos permitem apontar alguns sentidos para o Blogueiras Feministas entre eles a necessidade de demarcar as diferenças entre os corpos femininos e a identidade mulher.

Essas indicações representam as “coisas-a-saber”, de que nos fala Pêcheux (2008, p. 34). “conhecimentos a gerir e a transmitir socialmente” são descrições de situações, de sintomas, de atos (a efetuar ou evitar) no caso efetuar, marcar o corpo, o rosto feminino como o de mulher, gerando “um real do qual ‘ninguém pode ignorar a lei’ – porque esse real é impiedoso”. E o real imposto pelos feminismos ainda é um sujeito com corpo feminino.

1.2 Corpos feministas – corpos de mulheres?

Partindo da relação dos sujeitos com o desejo de um mundo semanticamente normal

← Anterior Próximo →

Meus pedidos nesse 8 de março

Postado em: 09/03/2015 por: Camilla de Magalhães Gomes

Texto de Camilla Magalhães Gomes.

Querido papai noel,

Estou aqui apra fazer alguns pedidos nesse 8 de março. Há tanta fantasia, equívoco, piada, estereótipo nesse dia da mulher, que achei adequado falar com o senhor.

No dia da mulher, eu quero o que a gente quer todo ano:

- O fim das propagandas de produtos de limpeza com mãos e donas de casa. Mais que isso: quero que o conceito de serviço doméstico seja (des)reconstruído. Que seja respeitado e valorizado, tanto para garantir os direitos das milhões de mulheres que exercem essa atividade como profissão, quanto também para as donas de casa que passam a vida recebendo beijo na testa em retribuição.
- Eu quero mulheres vistas e reconhecidas para além de sua “feminilidade” — *whatever that means*. Quero o fim da violência de gênero, em todas as suas formas. Quero igualdade salarial, descriminalização do aborto, aborto livre e seguro, direitos sexuais e reprodutivos, o fim da violência obstétrica.

Mas, nesse dia “das mulheres” eu quero mais de todo/as e de nós mesmas.

De dia das mulheres esse ano eu quero ampliar o possível do “mulher”.

+ Lidos

- Anatomia do prazer: clitorís e orgasmos
- Simone de Beauvoir: o que é ser mulher?
- As conquistas do povo negro e a valorização de sua identidade
- Aborto: o PL 5069/2013 e outros retrocessos no Congresso Nacional
- O feminismo brasileiro se espalha e resiste
- Sobre aliadas/os e #AgoraÉQueSãoElas

Receba os textos por email

Endereço de email

Assuntos + Procurados

Figura 24 Post Meus pedido nesse 8 de março Recorte I

“Eu quero ...” compõe a estrutura da carta de pedidos, na qual a blogueira feminista Camila Magalhães Gomes endereça seus desejos ao papai Noel:

Eu quero.... “o fim das propagandas [...] que o conceito de serviço doméstico seja (des)reconstruído. Que seja respeitado e valorizado[...].”

Eu quero ... “o fim da violência de gênero” [...] “igualdade salarial, descriminalização do aborto, aborto livre e seguro, direitos sexuais e reprodutivos, o fim da violência obstétrica.”

Eu quero ... “ampliar o possível do ‘mulher’” [...] que travestis, mulheres Trans* e pessoas não-binárias passem a fazer parte de vez de nossas referências.”

“De dia da mulher esse ano eu quero mais Glória Anzaldúa e menos Catherine Mackinnon. Mais desconstrução e descolonização. Mais queer, mais travesti, mais índia, mais mestiça”

Pode parecer sem sentido fazer pedidos a uma figura popularmente conhecida e mobilizada no Natal como o bom velhinho que presenteia as crianças que se comportaram bem. Mas a lista de pedidos funciona como uma lista de desejos e está estruturada a partir de algumas das frentes de reivindicações dos feminismos: O combate à violência de gênero, a legalização do aborto e assistência no Sistema Único de Saúde para a mulher que escolhe abortar, o direito sobre o próprio corpo entre outros citados no post. As reivindicações dos feminismos costumeiramente se inscrevem no jogo político do sujeito de direitos e deveres, onde é esperado do Estado e dos outros sujeitos respostas positivas a essas reivindicações.

Mobilizar a figura do papai Noel é uma forma irônica de apontar o quão vazias e despolitizadas são as ações pré-construídas, já dadas, sobre essa data e, por deriva dos sentidos, sobre as reivindicações feministas. Os pré-construídos são “elementos produzidos em outros discursos anteriores a ele e independentes dele”, que designam “uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação” (COUTRINE, 2009 p.60; 74). Como entregar rosas, “propagandas de produtos de limpeza com mães e donas de casa”,

comerciais que exibem “mulheres brancas hetero e cissexuais” como representativas de todas as mulheres, entre outras imagens que destacam a feminilidade, que apontam mulher como sinônimo de delicadeza, mãe, esposa, costumeiramente realizadas em comemorações do dia internacional das mulheres limitando as infinitas formas de estar mulher.

Eni Orlandi (1983) concebe a ironia como um processo de desconstrução do sentido, que desequilibra o censo comum, o institucionalizado, rompe com aquilo que se depreende sólido e coerente no discurso legitimado. A autora afirma que é por meio da ruptura, que instala-se a autodestruição do sentido, e desencadeia “um processo de significação que tem sua origem na metacomunicação e na intertextualidade. Esse processo de significação coloca em funcionamento o meta e o intertexto: discurso sobre o discurso e discurso que evoca outro (alusão, citação, imitação, etc).” (ORLANDI, 1983,p.34)

Assim o efeito de ironia está em repetir as pautas de mobilização dos movimentos feministas em forma de lista de desejo, pedindo o mesmo: “No dia da mulher, eu quero o que a gente quer todo ano:”, mas de forma diferente. Consolidando com isso o deslocamento dos processos de significação instalados previamente pelas pautas feministas. No mesmo post podemos observar o funcionamento da ironia na performatividade dos corpos que compõem a fotografia abaixo:



— No trabalho *'Hymns from the Bedroom'*, o fotógrafo londrino Poem Baker faz retratos íntimos de jovens adultos que não seguem padrões de gêneros, capturando momentos de sexualidade, criatividade e descoberta pessoal.

Figura 25 Post Meus pedido nesse 8 de março Recorte II

A fotografia da série *'Hymns from the Bedroom'*, do fotógrafo londrino Poem Baker faz parte do post “Meus pedidos nesse 8 de março”. A série retrata pessoas não binárias, que tentam problematizar os padrões de gêneros explorando a performatividade de seus corpos. Quando pessoas que socialmente são reconhecidas como homens exploram a plasticidade de seus corpos o sujeito se filia a sentidos tidos como femininos, aspectos da feminilidade, como cabelos compridos, roupas femininas: sutiãs, minissaia; performatizam ou evocam poses, gestos, expressões facilmente reconhecidas e categorizadas como “o que pode e deve ser dito” sobre “a feminilidade”, não é uma tentativa de ser mulher, a repetição do “feminino” é uma forma irônica de assinalar as possibilidades de ser mulher de uma determinada formação discursiva-FD, entendendo que uma FD segundo Eni Orlandi é “aquilo que, numa [...] posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2006, p.17). Ao mesmo tempo em que se essas possibilidades são deslocadas por

corpos que não se inscrevem nessas mesmas formações discursivas, assim é possível se inscrever em outros sentidos para mulher ou mesmo para as feminilidades.

As repetições das pautas e dos corpos femininos nos discursos irônicos mobilizados pela fotografia e nos pedidos feitos ao papai noel no dia 8 de março podem ser inscritas numa relação de sentidos com a irreverência, na ironia ciborgue empregada pelos personagens do *VeNuS Matrix* nos anos 1980. Donna Haraway concebe o ciborgue como um mito político irônico, uma vez que a ironia assim como a contradição, se constroem na “tensão de manter juntas coisas incompatíveis porque todas são necessárias e verdadeiras.” (HARAWAY, 2000, p.35) Mulheres e homens assim como máquinas, ciborgues não são naturais, são construídos socialmente.

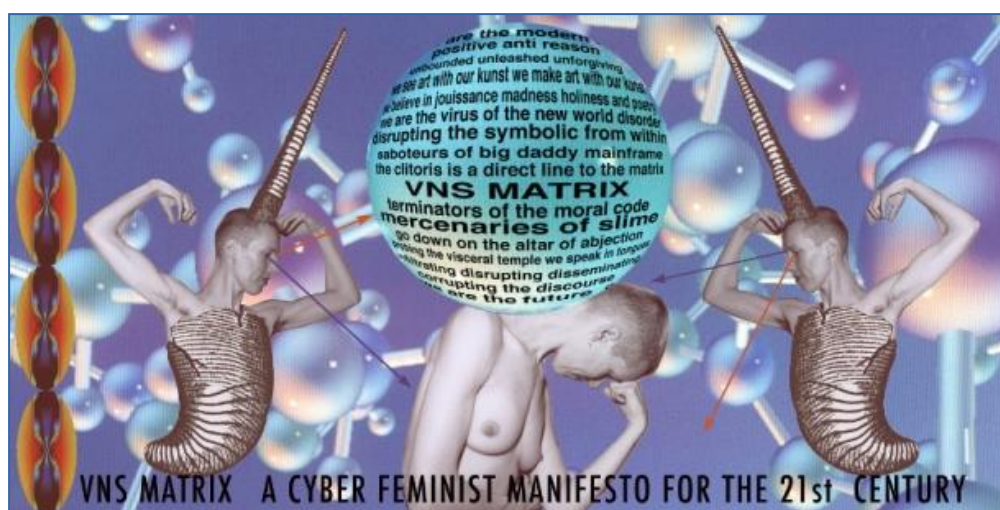


Figura 26 Manifesto Ciberfeminista para o século XXI

VeNuS Matrix é apresentado pelas ciberfeministas como um grupo australiano composto por quatro artistas: Francesca da Rimini, Josephine Pierce, Julianne Pierce, Virginia Barratt. Que se auto-proclamaram “ciberfeministas” a partir do *Manifesto Ciberfeminista para o século 21* (1991), divulgado em uma performance, um outdoor instalado ao lado da Galeria Tin Sheds em Sidney, Austrália. Vejamos:

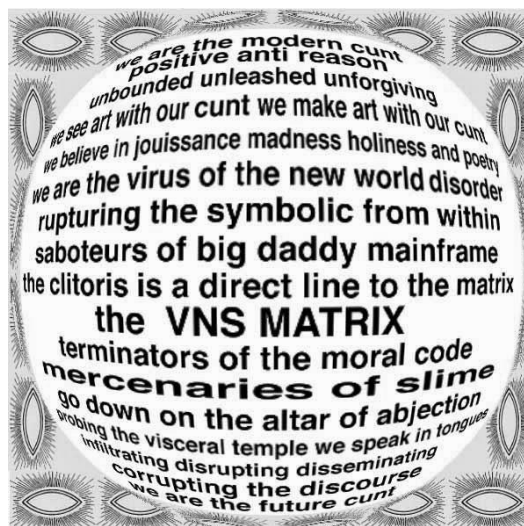


Figura 27 Recorte Manifesto Ciberfeminista para o século XXI, 1991

Manifesto Ciberfeminista para o Século XXI⁹

Nós somos a boceta moderna
 anti razão positiva
 ilimitada liberada implacável
 vemos a arte com nossa boceta fazemos arte com nossa boceta
 nós acreditamos em desfrute, loucura, santidade e poesia
 nós somos o vírus da desordem do novo mundo
 rompendo o simbólico por dentro
 sabotadoras do mainframe do paizão
 o clitóris é uma linha direta para a matrix
 VNS MATRIX
 exterminadoras dos códigos morais
 mercenárias do lodo
 caem de boca no altar da degradação
 sondando o templo visceral nós falamos línguas
 infiltrando destruindo disseminando
 corrompendo o discurso
 nós somos a boceta futura.

A parte do manifesto aparece sustentado por um corpo feminino, “emoldurado por ciberfeministas, em um campo de material genético, transformando em novas representações de mulheres, gênero e sexualidade no espaço tecnológico, ambos primordiais, antigos e futuristas, fantásticos e ativos, objetos não passivos.”¹⁰ No texto “de blasfêmias”, do manifesto as ações (das

9 Texto traduzido para o português por Alexis Lemos (ab_lemos@ig.com.br), disponível em <http://www.geocities.ws/worgtal/2004/vns.htm>, acessado em 10/12/2014.

10 Virginia Barratt em entrevista a Claire L. Evans. In Uma História Oral Das Primeiras Ciberfeministas . 12 Dez 2014 disponível em

mulheres do VNS MATRIX) são situadas como as de um “vírus da desordem do novo mundo”. Uma vez que a polissemia da palavra “vírus” a faz altamente mutante, podendo ser o vírus biológico (referência à medicina): “Microrganismo invisível ao microscópio óptico que atravessa os filtros que retêm habitualmente as bactérias, possuindo um só tipo de ácido nucleico A.R.N. ou A.D.N., e parasito obrigatório das células eucariotas.”; ou pode ser um “princípio de contágio moral” ou ainda na linguagem informática “Instrução ou série de instruções parasitas introduzidas num programa e suscetíveis de provocar diversas perturbações no funcionamento do computador”. E é no equívoco possível pela polissemia do termo que se constrói o sentido irônico e de ruptura com a ordem.

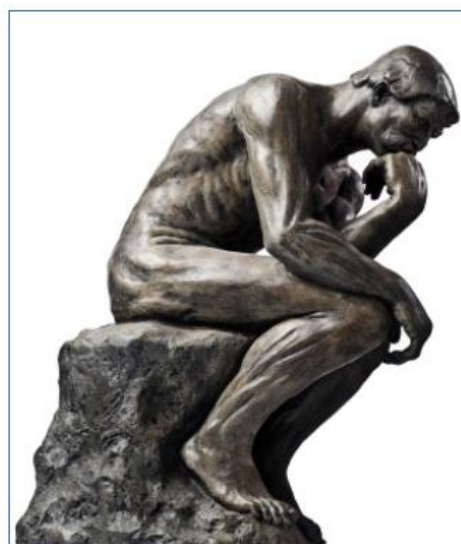
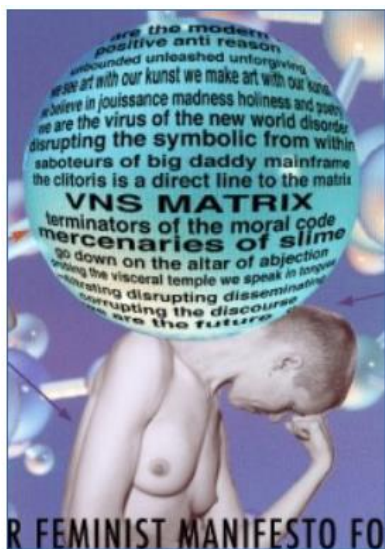


Figura 28 Recorte 2 Manifesto Ciberfeminista para o século XXI, 1991

Figura 29 O pensador de Auguste Rodin, 1880

Ainda no manifesto podemos notar que a figura central no outdoor é construída em uma “relação parafrástica com outra imagem, pois ela convoca uma imagem já-vista, tomada então com um dos dizíveis possíveis do interdiscurso, já-dito, já-esquecido, mas que irrompe nessa formulação” (COSTA, 2014, p.208) do manifesto ciberfeminista. A relação é estabelecida entre o corpo feminino no centro e a figura muito conhecida *Le Penseur* (O Pensador, 1880) de Auguste Rodin. A escultura faz parte do projeto *A Porta do Inferno*. O pensador seria uma homenagem a Dante Alighieri, o próprio poeta refletindo sobre os poemas *d'A Divina Comédia*. No entanto, O pensador pode ser entendido como pertencente a uma formação discursiva racionalista. A escultura ficou conhecida e é evocada como uma figura da reflexão, ou o ser humano como criatura possuidora de razão.

No manifesto, o efeito metafórico é construído a partir do corpo localizado ao centro, posicionado como *O Pensador*, deslizando sentidos, rememorando ao **corpo nu feminino**, a razão. Nesse processo de construção de sentidos, o ataque viral ciberfeminista é direto e certo ao corpo feminino “rompendo o simbólico por dentro” ao mesmo tempo em que ataca a razão, a memória do racionalismo contida na escultura.

Assim, os corpos performáticos na fotografia filiados as memória de irreverência dos vírus ciberfeministas, atacam os sentidos estabilizados nos conceitos **Mulher- cisgênero**, conceito definido a partir de elementos biológicos; Gênero- binário, construído como resultado lógico e unívoco dos “sexos feminino e masculino”, na sexualidade dominante que é heteronormativa; todos conceitos construídos, estabilizados e mantidos socialmente em nossa história por instituições e relações de poder.

Donna Haraway em seu *Manifesto Ciborgue* [1984], trata das construções de identidades e critica os feminismos identitários. Ao tratar das “identidades fraturadas” fala da dificuldade em nomear por um adjetivo o feminismo, o “nosso feminismo”. Para a autora, a consciência da exclusão que é produzida por meio do ato de nomeação é aguda, uma vez que segundo Haraway, gênero, classe e raça são social e

historicamente construídas, essas categorias não podem ser lidas como base de uma unidade essencial, por exemplo, mulher. E afirma: não existe nada no fato de ser mulher que naturalmente una as mulheres. “Ser mulher trata-se de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis.” (HARAWAY, 2000 p.47) Ser mulher é uma questão constantemente reformulada pelos e nos feminismos. Vejamos o seguinte recorte:

← Anterior Próximo →

Dia das mulheres? De quais mulheres?

Postado em: 07/03/2014 por: [Thayz Athayde](#)

Texto de Thayz Athayde.

[Judith Butler](#), em seu livro 'Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão da Identidade' (2003), lança uma pergunta para o feminismo: afinal, de que mulheres estamos falando? Conseguimos falar de todas as mulheres? Todas as mulheres estão falando? Quem são as mulheres que são sujeitos do feminismo?

Ora, a pergunta não é simples. Talvez não tenha resposta ou não saibamos responder. Ou ainda, não queiramos responder. A importância dessa pergunta diz respeito a que feminismo estamos fazendo. Já que não existe um feminismo, mas vários, podemos nos perguntar: qual feminismo estamos fazendo, para quem e com quem? Em outras palavras: o feminismo que fazemos é feito para quais mulheres? Quem está do nosso lado fazendo política para mulheres?

Amanhã é o dia das mulheres. Dia esse em que muitas mulheres recebem rosas e parabéns por serem mulheres. Por serem A mulher. Por representarem o papel de mulher que nos esforçamos para ser, mas que jamais seremos. E, parafraseando Butler, pergunto de quais mulheres falamos no dia das mulheres. Não estou falando de promoções de farmácia, rosas ou qualquer coisa parecida. Já deixamos claro aqui que 8 de março é um dia de luta.

Afinal, qual imagem de mulher passa pela sua cabeça quando pensamos no sujeito mulher? Para os padrões normativos do que é ser mulher, existe apenas uma imagem: branca, hétero, cis, sem deficiência, magra, classe média ou rica, que mora na cidade, faz faculdade. Provavelmente não vou conseguir colocar tudo o que representa essa imagem dA mulher. São as pegadinhas da identidade.

Figura 30 Post Dia das mulheres? De quais mulheres?

Quando a blogueira levanta a questão “Dia das mulheres? De quais mulheres?” questiona ao próprio coletivo quem é o sujeito do feminismo? Por muitas gerações os feminismos chamaram os seus sujeitos de Mulher e de Mulheres, sob a ilusão de que haveria uma unidade nos processos políticos, históricos, sociais, identitários que estão presentes nas categorias mulher ou mulheres. Em tempos de

desconstrução de identidades como a do europeu, a mulher, o homem; é possível notar a necessidade de pensar as diferenças, as multiplicidades, ao mesmo tempo que essas possibilidades beiram o relativismo, que esvazia os debates de qualquer coalizão política e ou intelectual. Esses debates se articulam nos feminismos com as feministas póscolonialistas, os feminismos da diferença, de forma que os conceitos Mulher e Mulheres e todos os outros que envolvem a representação são colocados em questão. Quem são essas mulheres?

No conceito Mulher tinha-se a ilusão de unidade na qual todas as mulheres teriam vozes, representatividade, porém na prática o que nota-se é que o conceito Mulher fala sobre e para “um tipo” de mulher conforme a época nos anos 1980, quando, articulado pelos movimentos feministas norteamericanos e europeus, o conceito Mulher se referia às mulheres brancas, pertencentes as classes altas e médias, situadas em certos países. Donna Haraway, na década de 1980, aponta que a “categoria 'mulher' nega todas as mulheres não brancas” (HARAWAY, 2009, p.49) e que perceber a quem se refere o conceito Mulher levou à cisões internas nos feminismos, que passaram a falar em Mulheres, ainda assim para a autora o paradigma representacional não muda, há somente o acréscimo do “s”, do plural, o que não garante a multiplicidade e ou o respeito às diferenças.

Donna Haraway (2000) em sua ficção política: o ciborgue, quando fala da identidade política “mulheres de cor”, e as problemáticas levantadas por essas no seio do movimento feminista, uma vez que essas mulheres não se viam representadas pelo conceito Mulher, tampouco pelo “nós” puramente retórico, que no momento era sinônimo de pessoa do sexo feminino, branca, parte da classe média profissional. No Blogueiras Feministas vimos várias construções alicerçadas pelo “nós”: “o nós somos”, “ nossa história” e “nossa memória”, construindo efeito de evidencia em “nós”, mas o que/ quem é “nós”? “Quem é “nós” diante da complexidade do ser? O conceito de identidade tomado como fixação de uma categoria contribuiu muito para essa homogeneização dos sujeitos. Nesse sentido, a definição de identidade de Braidotti (2002, p. 4) como algo não fixo “essência dada por deus – do tipo biológico, psíquico ou

histórico.” E sim, como um processo, uma identidade que “é construída nos mesmos gestos que a colocam como ponto ancoradouro de certas práticas sociais e discursiva”, desestabiliza essa homogeneidade categórica do sujeito.

Donna Haraway e toda uma leva de autoras veem nos feminismos dos anos 1990 a necessidade de se renovar, de deixar para trás as identidades mulher, feminista e criar no plural as possibilidades de existências. Se retomarmos o debate sobre as categorias mulher e mulheres, veremos que foram essas categorias que criavam e sustentavam o pré-construído político do “nós”. A ideia que sustenta o “nós” seria a mesma entre mulheres de diferentes culturas, todas, “nós” seríamos supostamente vítimas de uma opressão comum: a “estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina” (BUTLER, 2003, p.20). Tanto mulher como categoria ou mulheres como grupo político funcionam nas articulações dos diversos feminismos como conceitos estáveis e ou permanentes.

Para blogueira nos anos 2000, no contexto feminista brasileiro o conceito Mulher aponta uma figura “branca, hétero, cis, sem deficiência, magra, classe média ou rica, que mora na cidade, faz faculdade.” E afirma que não vai conseguir enumerar tudo o que representa essa imagem da mulher. São as pegadinhas da identidade.”

Ainda pensando a constituição dos corpos femininos ou de mulheres retomamos a experiência ciberfeminista de Francesca da Ramini no VNS Matrix:

Como todas as histórias coagulantes, a nossa começa com lodo e talvez termine em sangue. Eu vivo à beira do deserto australiano em uma pequena cidade de mentiras e sussurros, com o ventre palpável e palpitante. Era verão de 1991. Definitivamente não o verão do amor, éramos quatro garotas. Estávamos excitadas, entediadas e pobres (pra mim muita coisa não mudou a não ser o fato de que não estou mais entediada). Decidimos quebrar o cartel pornô com alguma pornografia feminina. Fizemos algumas imagens em computadores roubados, Beg, Bitch, Fallen, Snatch.

Decidimos que era mais divertido brincar com computadores do que ficar escaneando nossas vaginas, então o *Velvet Downunder* se transformou em *VNS Matrix*. Nomeamos a nós mesmas o vírus da desordem mundial, regadas com vinho tinto e fluído-g (o qual não poderia ser reabastecido frequentemente em distrações prazerosas). (RAMINI, 1997 apud GALLOWAY, 1997)

Elaborando as memórias de “um verão” na Austrália, Ramini enuncia em primeira pessoa Eu “vivo” e migra para o nós “éramos quatro”, “estávamos”, “decidimos”, “nomeamos”, na tentativa de dar sentido de unidade para o grupo, produzindo um processo de identificação entre as mulheres do grupo com frases como “Fizemos algumas imagens em computadores roubados, Beg, Bitch, Fallen, Snatch.” e “nomeamos a nós mesmas o vírus da desordem mundial”. Ao escolher dizer que o grupo criou seus personagens em computadores roubados e se igualar a um vírus que causaria a desordem mundial, ela mobiliza o sentido da subversão e associa o grupo à construção imaginária ciberpunk, foragidos, piratas digitais.



Figura 31 Vadias do DNA. *All the New Gen*.

Explorando a “irreverência, agência, poder, sexualidade, intensidade, guerrilha feminista, pornô, humor, música. Pós punk/ainda punk. O miserável e subversão do próprio corpo e limpo.” Beg, Bitch, Fallen, Snatch foram criadas. “As vadias DNA” eram as protagonistas femininas de **All New Gen**, um jogo de computador dos anos 1990,

disponível em CD-ROM, “muito antes da Lara Croft, quando a ideia de uma heroína em um jogo de computador nunca tinha sido ouvida”¹¹.

As personagens do *VNS Matrix* foram estruturadas para desestabilizar as imagens censo comum dos protagonistas dos jogos de videogames, em sua maioria corpos masculinos. Parafraseando o ciborgue de Donna Haraway elas são mulher e monstro e animais e, e, e

O ciborgue de Haraway é construído como um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, explorado pela autora como uma imagem/criatura capaz de mudar realidades sociais, sendo elas corporais, imaginárias, identitárias e etc. Produto da Guerra Fria, o ciborgue é um algo codificado pelo C3I (Comando Controle Comunicação Inteligência), que faz dele uma máquina a serviço da guerra, da política do controle dos corpos, parte da informática da dominação, um corpo a favor do poder. No entanto, a autora observa nesse mesmo ciborgue um recurso capaz de gerar mudanças, de desestabilizar identidades, quebrar fronteiras (animal/humano ou máquina/organismo). O ciborgue é a liberdade de se autoconstruir.

Sadie Plant aponta que as questões que envolvem ciborgues, pos-humanos, replicantes, inumanos, complicaram as ideias ocidentais ortodoxas sobre o que significa ser humano. As ideias frutos do questionamento: “O que é ser humano?” mexem nas noções de autocontrole, na identidade, as ilusões do homem sobre imunidade e integridade. “A vida inteligente não pode mais ser monopolizada.” Nesse processo o corpo torna-se cada vez mais complexo, “replicando-se, escapando de sua organização formal, dos órgãos organizados que a modernidade aceitou como normalidade.” (PLANT, 1999, p.163)

Beg, Bitch, Fallen, Snatch, são produtos da tecnologia e da ciência e só são possíveis pelo domínio de códigos que criam as imagens do game. As imagens de corpos a princípio sem sentido (sem rostos, bonecas distorcidas, monstros), significam ironicamente na demarcação

11 Josephine Starrs em entrevista a Claire L. Evans. In Uma História Oral Das Primeiras Ciberfeministas . 12 December 2014 disponível em http://motherboard.vice.com/pt_br/read/um-historia-oral-das-primeiras-ciberfeministas Acessado em 15/10/2015

das vaginas, elementos culturalmente construídos e sustentados como órgão sexual feminino, e, no caso, fonte de poder das *Vadias do DNA*. O fato das personagens terem vaginas não as aprisionam na identidade “mulher”.

Nesse sentido, Judith Butler propõe que o gênero seja performativo, o que implica em entender que o gênero produz uma série de efeitos, segundo a autora nós andamos, falamos, vivemos de forma que consolidam uma impressão de ser um homem ou uma mulher. “Nós agimos como se este ‘ser um homem’ ou ‘ser uma mulher’ fosse uma realidade interna, ou algo que simplesmente é uma verdade sobre nós, um fato sobre nós. Na verdade, trata-se de um fenômeno que tem sido produzido todo o tempo, e reproduzido todo o tempo. Então dizer que o gênero é performativo é dizer que ninguém pertence a um gênero desde sempre.”¹²

Assim como a carta ao papai Noel e os corpos da fotografia ‘Hymns from the Bedroom’ articulados ao manifesto ciberfeminista, às personagens do VNS Matrix parecem sem sentido aos nossos olhos, as imagens aqui propostas se articulam de forma a deslocar os sentidos de corpos e de mulheres. No entanto, Eni Orlandi (2012) nos fala que o processo de destruição do sentido também é parte da construção de sentidos, a destruição do sentido também é um processo constitutivo da linguagem. Assim é possível afirmar que por mais que o *blog* relativize a identidade mulher na carta, nos corpos, no questionamento a respeito de quais mulheres estamos falando, ainda permanece uma imagem feminina de corpos feministas possíveis.

1.3 Ativismos no digital

Em meio as possibilidades de viver os feminismos na rede e em sua relação com o e-urbano, podemos destacar algumas práticas que são

12 Disponível em <http://operamundi.uol.com.br/blog/samuel/transtudo/judith-butler-genero-como-performatividade/> e <https://www.facebook.com/blogueirasfeministas/posts/471679219568219>

próprias da materialidade do espaço digital, algumas são atividades próprias do digital, pois necessitam da existência das redes sociais, blog, internet para serem realizadas, como as blogagens coletivas, o twitter, a circulação de corpos escritos, a formação feminista – leituras. Vejamos:

Como bem disse a Tica Moreno: Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer vídeos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa idéia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade.

Figura 32 Menu - Quem Somos - Nossa Memória

No texto **Nossa Memória**, a blogueira Tica Moreno, militante da Marcha Mundial das Mulheres, declara a urgência e intensidade através das quais grupos e feministas têm ocupado os ciberespaços, tecendo novas formas de ações e militâncias, construindo novas experiências na e pela internet. Para Moreno, a importância de ter um *blog* feminista, que reúne mulheres de todas as partes do Brasil, como o Blogueiras Feministas, está centrada no desejo de querer “vivenciar na rede a experiência de ser feminista”, de ocupar os ciberespaços e experimentar possíveis formas de militância por meio de práticas próprias da web, “twittar, fazer vídeos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede”.

No caso de Moreno essa experiência na internet passa pelas ações nas redes sociais, na sequencia: Facebook, Twitter, Google+, YouTube,



Tumblr, Feed

Segundo Dias e Couto, essas “redes sociais são ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento.” São locais nos quais a sociabilidade tem diferentes condições de produção do que em outros espaços, pois nas redes sociais temos outros tipos de imaginário regendo seus funcionamentos. O grande deslocamento causado pelas redes sociais está na relação com a produção de

conhecimento. Segundo as autoras as redes sociais aqui em questão se organizam para constituir um sujeito do conhecimento e que, ao mesmo tempo, é produtor de conhecimento (DIAS; COUTO, 2011, p.637).



Figura 33 Facebook

No Facebook, isso ocorre pela possibilidade de colocar em circulação e compartilhar textos, artigos, fotos, vídeos, eventos, excertos, lançamentos de livros, campanhas, etc. O problema do Facebook é o tipo de circulação que essa mídia permite, restringindo a circulação aos ciclos de pessoas que curtem a página e aos que seguem e recebem as notificações.

No **Twitter** - **@blogfeministas** acompanhamos a circulação através do recurso de compartilhamento de pequenos textos e ou retwitter de links produzidos por outros sites, blogs, que agregam na pagina do Blogueiras informações sobre o assunto discutido. No caso, pelo funcionamento das hashtags **#EstuproColetivo** e **#Estupronuncamais**, o twitter do Blogueiras se agrupa em um montante de outros twitters que se linkam via **#** criando uma rede de acumulação de ditos. Podemos considerar que esse funcionamento se inscreve na memória metálica, cuja particularidade, segundo Orlandi (2010, p.9),

é ser horizontal, não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai-se juntando como se formasse

uma rede de filiação e não apenas uma soma. Quantidade e não historicidade

Sendo assim, o twitter funciona na tensão entre o risco de, pela repetição sem historicidade, esvaziar o político contido nos pedidos pelo fim da violência contra os corpos femininos. Ao mesmo tempo é uma forma de circular para além dos círculos dos leitores do blog, podendo produzir rupturas no processo de produção dos sentidos, da própria memória metálica do Facebook e do próprio twitter, uma vez que pela possibilidade de serem retwittados os posts do Blogueiras circulam em outros espaços e se confrontam com outros sentidos.



Figura 34 Twitter

Blogagem coletiva

A blogagem coletiva é uma prática específica da internet, onde diversos blogueiros e blogueiras escrevem sobre um determinado assunto, acontecimento, e publicam em um único portal, seja um site, blog, rede social. O post inicial do Blogueiras Feministas foi a blogagem coletiva: **Criticando o “rodeio de gordas” da Unesp**. Trata-se de uma lista de links para textos sobre o tema (o rodeio de gordas¹³.) em outros

¹³ Durante o InterUNESP evento esportivo entre os campi da Universidade Estadual Paulista (UNESP), um grupo de estudantes realizaram o “Rodeio das Gordas”, que consistia em fletar com universitárias consideradas gordas e em determinado momento da abordagem passar a ofendê-las, agarrando-as por trás, simulando a montaria em touros como em um rodeio. A humilhação contava ainda com a plateia que incentivavam

blogs. Uma blogagem coletiva é a reunião de vários textos sobre um mesmo assunto durante um período, geralmente é marcado um dia, uma semana em que os interessados sobre o tema postam seus textos em outros blogs. No caso dessa postagem os links direcionam para os blogs pessoais de algumas mulheres participantes do grupo.

Próximo -->

Criticando o “rodeio de gordas” da Unesp

Postado em: 28/10/2010 por: Cynthia Semíramis

- Borboletas nos olhos
- Só lida liberdade
- Garrafa ao mar
- Escreva Lola Escreva
- Humor pelas palavras
- contracultura

Compartilhe!



Cynthia Semíramis

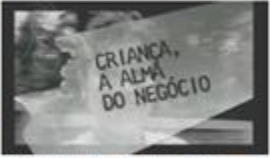
Doutoranda em Direito na UFMG. Feminista. Pesquisa história dos direitos das mulheres.

[More Posts](#) - [Website](#) - [Twitter](#)

Relacionado



Chamada Blogagem Coletiva:
Pela Descriminalização e
Legalização do Aborto
Em "Política e Estado"



Chamada Blogagem Coletiva:
Infância, Consumo e Sexismo
Em "Feminismo e Movimentos
Sociais"



Chamada Blogagem Coletiva:
Dia da Consciência Negra
Em "Sexismo e Violência"

Este post foi publicado em: [Sexismo e Violência](#) com as Tags: [blogagem coletiva](#), [crime](#), [rodeio das gordas](#) por: [Cynthia Semíramis](#). Arquivado em: [Link permanente](#).

Figura 35 Criticando o “rodeio de gordas” da UNESP

Em Relacionados são linkadas três chamadas para outras Blogagens Coletivas, aqui vamos nos deter na chamada relativa ao Dia

a agressão, proferiam ofensas referindo-se aos corpos das mulheres, cronometravam o tempo em que o estudante conseguia ficar “montado”, agarrado as costas da mulher em questão. Para mais informações ver Unesp suspende dois alunos por “rodeio das gordas” disponível em <http://feminismo.org.br/unesp-suspende-dois-alunos-por-qrodeio-das-gordasq/> Acessado em 15/10/2015

da Consciência Negra, para melhor entender como funciona a prática da blogagem coletiva e seus efeitos enquanto prática feminista.



Figura 36 Chamada Blogagem Coletiva: Dia da Consciência Negra

As Blogagens Coletivas geralmente acontecem para dar visibilidade nas redes a temas polêmicos ligados às pautas de movimentos sociais, como o combate ao racismo, a transfobia, lesbofobia, homofobia, violência contra mulher, entre outros temas.

O racismo é uma das formas de discriminação mais cruéis que existem. No Brasil, o racismo ainda é negado e ignorado. Mesmo com a criação de leis que explicitem a criminalização, a singularidade do racismo no Brasil reflete um padrão muito abrangente de desrespeito a direitos e de agressão à cidadania, com práticas discriminatórias na vida cotidiana de nossa sociedade.

Convidamos você a participar de uma blogagem coletiva com o tema: Dia da Consciência Negra. Nos dias 20 ou 21 de novembro escreva um post no seu blog e nos envie o link. Pode mandar por comentários nesse post, pelo twitter, facebook ou email. No dia 21 de novembro às 15h publicaremos uma lista com todos os posts participantes.

Participe também de ações, marchas fóruns e eventos culturais que acontecerão em sua cidade durante a [Semana da Consciência Negra](#). Acompanhe notícias sobre o movimento negro no site do [Geledés – Instituto da Mulher Negra](#).



— Imagem de divulgação do Dia da Consciência Negra em Olinda - PE. Arte: Anízio Silva/Pref.Olinda

Figura 37 Chamada Blogagem Coletiva: Dia da Consciência Negra Recorte

Em chamada publicada no *blog* “[Nós, as blogueiras] convidamos você a participar [escrever e postar textos]” sobre “Dia da Consciência Negra”, no período: “dias 20 ou 21 de novembro escreva um post no seu *blog* e nos envie o link [...] por comentário nesse post, pelo twitter, facebook ou email.” Com tema, data e lugar marcados para as publicações das postagens as blogueiras organizam a blogagem coletiva. Observando a organização dada as blogagens podemos afirmar que se trata de tentativa de viralizar as redes sociais, os blogs, a rede com uma produção específica, no caso os textos sobre o Dia da Consciência Negra, produzindo um efeito de completude, onde tem-se a ilusão de que as possibilidades de debate sobre o tema foram vastamente exploradas ou mesmo esgotadas.



Figura 38 Arquivos da Tag: Blogagem Coletiva

As Blogagens Coletivas são organizadas pela tag disponível em **Destaques** (um conjunto de posts agrupados por tags). Os posts são diferenciados dos demais pela especificidade dos temas e relevância para o grupo. Observando o funcionamento de caixa **Destaque** não é possível dizer como são determinadas as categorias para cada tag. No entanto, é possível afirmar que se tratam de articulações dentro do próprio blog, as escolhas das tags são gestos de interpretação realizados pelas blogueiras. Orlandi (2012, p.46) nos diz que o gesto de interpretação é “o lugar em que se tem a relação do sujeito com a língua. Esta é a marca da ‘subjativação’, o traço da relação da língua com a exterioridade”. A relação com a língua, a escolha das tags, precisamente uma e não outra palavra ou termo, atravessada pela relação da posição-sujeito blogueira feminista com a história, que o faz significar as determinadas tags.

Vejamos a caixa **Destaques**:



Figura 39 Destaques

Ao olharmos a tags escolhidas na caixa podemos notar que algumas dialogam com campanhas nacionais e internacionais como “16 dias pelo fim da violência contra a mulher” e “Especial 8 de março”, já outras tags formam explicitamente um acervo sobre o grupo: “Entrevistas”, “Dicas de seriados”, “Dicas de Filmes”, “Dicas de livros”, “Traduções”, entre outras tags acima citadas na figura 39. Essa forma de filtrar, de agrupar por termos, é uma tentativa de fazer funcionar entre os textos um efeito de relação, conectando-os, inserindo-os em uma historicidade, construindo um todo significativo onde esses textos são e só podem ser significados dentro daquele conjunto, o Blogueiras Feministas. No entanto os gestos de leituras dão espaço para outros sentidos, seja o leitor que nunca acessa o *blog* e lê somente os textos em seu email, ou os que leem, mas não fazem a articulação com os demais textos sugeridos pelos marcadores, articulando suas leituras segundo interesses, ou melhor, aos processos de identificação com os textos do blog. Segundo Pecheux codificar ou caracterizar um segmento é colocá-lo em uma das classes de equivalência definidas, a partir das significações, pelo quadro da análise, em função do *juízo do codificador*, de quem estabelece aquela palavra como marcador, sobre a presença ou ausência, ou sobre a intensidade da apresentação do predicado considerado. (PECHEUX, 1969, p.65)

Corpo-protesto

Simone de Beauvoir aponta que estar no mundo “implica rigorosamente a posição de um corpo que seja a um tempo uma coisa do mundo e um ponto de vista sobre esse mundo: mas não se exige que esse corpo possua tal ou qual estrutura particular.” (BEAUVOIR, 1970, p.29) Ainda sobre corpo feminino e suas significações:

Esses dados biológicos são de extrema importância: desempenham na história da mulher um papel de primeiro plano, são um elemento essencial de sua situação. Em todas as nossas descrições ulteriores, teremos que nos referir a eles. Pois, sendo o corpo o instrumento de nosso domínio do mundo, este se apresenta de modo inteiramente diferente segundo seja apreendido de uma maneira ou de outra. Eis por que os estudamos tão demoradamente; são chaves que permitem compreender a mulher. Mas o que recusamos, é a ideia de que constituem um destino imutável para ela. Não bastam para definir uma hierarquia dos sexos; não explicam por que a mulher é o Outro; não a condenam a conservar para sempre essa condição subordinada. (BEAUVOIR, 1970, p.52-53)

A partir da leitura de **O Segundo Sexo** de Simone de Beauvoir e seus estudos Eni Orlandi (2014) conceitua corpo, segundo a perspectiva discursiva. Para a autora o corpo se constitui “na produção como de um imaginário, pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito e em sua materialidade e nos modos de sua individuação que presidem seu processo de identificação”. Ambas autoras apontam os corpos como lugares de significar o e no mundo. A partir disso, vejamos como as blogueiras dão sentidos aos seus corpos e ao mundo, uma vez que “dar” sentido pode ser entendido como a construção de sítios de significância (delimitar domínios). (ORLANDI, 2012, p.64)



Figura 40 Nós Madalenas uma palavra pelo Feminismo

O texto acima é parte do post *Nós Madalenas uma palavra pelo Feminismo*¹⁴, o título do post nomeia um projeto fotográfico realizado pela internet, com financiamento coletivo pela web, crowdfunding. Nas fotografias produzidas “mulheres mostram através de palavras escritas no próprio corpo o que a luta empreendida pelo movimento feminista representa.”. Marie-Anne Paveau em pesquisa sobre discursos de mulheres no digital, nos fala que algo aconteceu com os corpos das mulheres no século XXI, ela situa essa mudança na nudez e na circulação dos seus corpos no digital. Para ela as mulheres fizeram de seus corpos um meio, uma arma em sua luta pela emancipação, igualdade, paridade, respeito e integridade. Essas mulheres escrevem em seus corpos, tornando-os um *flyer de chair* - “panfleto de carne” distribuído de maneira viral na web (PAVEAU, 2015).

A circulação da imagem no *blog* e na web dá visibilidade ao corpo nu feminino fora das discursividades do erotismo e da pornografia *mainstream*, que expõe os corpos femininos objetificados, próprios para o “consumo” masculino. No projeto fotográfico apresentado pelo Blogueiras os corpos femininos circulam desafiando alguns padrões de beleza

¹⁴ O post completo pode ser acessado em <http://blogueirasfeministas.com/2015/07/nos-madalenas-uma-palavra-pelo-feminismo/>, acessado em 28.04.2016

estabelecidos socialmente, como a questão da negritude. Apesar da maior parte dos brasileiros se declararem não brancos¹⁵, ainda não é comum vermos propagandas, novelas, circular na grande mídia corpos não brancos. Por muitas gerações os corpos femininos negros ganham espaço nas mídias em imagens como a da “mulata”- mulher jovem, em plena forma física, sensual, provocante. Nesse contexto um corpo negro, gordo, feminino desloca as normas, que conferem as mulheres negras lugares de invisibilidade construídos historicamente. Fazendo assim significar um corpo que pode e é visto pela e na circulação possível na rede.

Donna Haraway nos conta que nossos “corpos são nossos eus; os corpos são mapas de poder e identidade” (2009, p.96). Fotografar a escrita na pele é uma forma de encarnar essa escrita, dar materialidade, e fazer funcionar junto com o corpo-discurso os sentidos da palavra Renascer junto aos feminismos.



Figura 41 Montagem de imagens do post Respondendo dúvidas sobre a Marcha das Vadias

¹⁵ Estou chamando de não brancos as pessoas que se declararam como negras, pardas, indígenas, amarelas segundo classificação do IBGE censo 2010. Para mais ver <http://www.celedes.org.br/cor-e-raca-nos-censos-demograficos-nacionais/> acessado em 28.04.2016

Imagens como essas de corpos femininos inscritos com palavras de ordem: “Meu corpo minhas regras”, “Lutar por igualdade”, “Discutir o político”, “Cidadã”¹⁶, “A gente cuida uma da outra”¹⁷ constituem o blog, conferem aos corpos expostos outros sentidos possíveis, o de um corpo-protesto.

Transfeministas, transrevoluções

“Transfeminismo é a ideia radical de que mulheres trans* são mulheres!”

“Feminismo é a ideia radical de que mulheres são gente!”

Os transfeminismos surgem como uma linha de pensamento e de possibilidade de movimento feminista. E pode ser definido como um movimento feito por e para mulheres transexuais, assim tanto “uma filosofia quanto como uma práxis acerca das identidades transgênero que visa a transformação dos feminismos.”(JESUS & HAILEY, 2010, p. 14)

Assim podemos pensar os transfeminismos como parte constitutiva dos feminismos ao mesmo tempo que se propõem como movimento crítico e de ruptura com a noção de sujeitos dos feminismos. Os transfeminismos filiam-se as formações discursivas feministas, revindicando para si algumas memórias, histórias de várias feministas que constituem e permitem que os transfeminismos signifiquem enquanto movimento feminista pelos movimentos sociais é a Internet, mais especificamente os *weblogs* e as redes sociais Facebook, Twitter, etc. No caso dos transfeminismos em particular, a pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus aponta a internet como um mecanismo vital para a construção e circulação dos debates trans.

¹⁶ Post “Respondendo dúvidas sobre a Marcha das Vadias” disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2013/05/respondendo-duvidas-sobre-marcha-das-vadias/>

¹⁷ Post “A gente cuida uma da outra” disponível em <http://blogueirasfeministas.com/2013/04/a-gente-cuida-uma-da-outra/>

Esses espaços de militância podem ser vistos como construções que facilitariam e potencializariam ações individuais, de grupos e de organizações para além das instituições e estruturas convencionais, através das subversões econômicas e logísticas, da oferta e acesso à informação e comunicação (BATALHA, 2010, p.15). Como já citado, Cristine Dias e Olivia F. Couto apontam que espaços como a internet não são espaços livres, sem controle e de total acesso, uma vez que todo e qualquer lugar de saber estruturado é local de relações de poder. (DIAS; COUTO, 2011 p.622)

No blogueiras feministas podemos ver essas relações de poder quando situamos os discursos significados por essas mulheres em suas ocupações feministas, com o intuito de viver os feminismos e as experiências possíveis na rede, reescrevendo seus corpos e histórias, como as ações transfeministas.

Esses deslocamentos são entendidos a partir da afirmação que a experiência feminista na internet produz outros sentidos para o corpo, para a relação como o outro, para a afetividade. E que “a simbolização das relações, com suas regras já bem conhecidas, já não dá conta dos sentidos das relações no ciberespaço” ou das novas experiências que a tecnologia propicia ao sujeito. (DIAS, 2012, p.113)

Em “Transfeminismo é a ideia radical de que mulheres trans* são mulheres!”¹⁸ temos uma crítica aos feminismos que se constituem como movimento de/para mulheres cisgênero, que identificam mulher como uma identidade normativa ligada à presença da genitália vagina. Em tom ácido e de escraço a militante relata situações transfóbicas as quais pessoas trans são expostas em seus cotidianos. Como apontar mulheres trans como homens de saia, vejamos:

18Blogueiras Feministas. Disponível em
<http://blogueirasfeministas.com/2014/05/transfeminismo-e-a-ideia-radical-de-que-mulheres-trans-saomulheres/>

[← Anterior](#) [Próximo →](#)

Transfeminismo é a ideia radical de que mulheres trans* são mulheres

Postado em: 05/05/2014 por: [Hailey Kaas](#)

Texto de Hailey Kaas.

Eu quero que vocês leiam com bastante atenção o que [essa feminista escreveu no Facebook](#).

Agora, tenho algumas coisas a dizer.

Prezada feminista que "não é transfóbica", você é transfóbica! Quanto mais cedo admitir, mais cedo poderá resolver seus preconceitos – é o primeiro passo. Mulheres trans* não são homens de saia e batom que se sentem mulheres. Assim como você, mulher cis, não é simplesmente um corpo com saia e batom que se sente mulher. Sua falha, desinteresse e ignorância sobre nossas vivências é o que reproduz a ideia transfóbica de que mulheres trans* são homens de saia.

Figura 42 Transfeminismo é a ideia radical de que mulheres trans são mulheres*

Em enunciados como “mulheres trans não são homens de saia e batom que se sentem mulheres. Assim como você, mulher cis, não é simplesmente um corpo com saia e batom que se sente mulher” é possível notar como se constroem os discursos de ódio às pessoas trans e como nesse caso a briga por identidade permeia o conceito mulher. E que as tensões entre transfeminismo e feminismo passam por questões ligadas às identidades. Lembrando que as identidades vistas na perspectiva materialista, na AD, são pensadas discursivamente, “não se trata de um fato da essência do indivíduo, mas um fato da existência, da experiência do sujeito individuado.” (ORLANDI, 2011, p.11) Sendo assim mobilizo aqui o exercício de parafrase para compreender os possíveis sentidos que o transfeminismo ganha no percurso do processo de identificação enquanto identidade.

Em “Transfeminismo é a ideia radical de que mulheres trans* são mulheres!” o conceito mulher, ser mulher, é mobilizado enquanto objeto de desejo de reconhecimento.

Dentro dos movimentos feministas a crise de identidades está pautada nos problemas que o conceito de mulheres e a questão da representação levantado nos debates feministas na segunda metade do século XX.

Para Judith Butler (2003) a categoria “mulheres” está comprometida com uma ideia de identidade feminista e que essa categoria cria um sujeito em nome de quem a representação política é desejada. Uma das grandes questões para autora é a representação, uma vez que se por um lado a representação busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro é uma forma normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. No caso das blogueiras a categoria mulher é retomada ao mesmo tempo que é reformulada, mulher não se trata somente de pensar as mulheres cisgênero, uma vez que se faz necessário demarcar a existência das mulheres transgênero. Essa demarcação acontece em nome da visibilidade trans, o que nos faz retomar a questão da representação política, mas que revela o desejo de fazer parte do jogo político de estar sujeito feminista.

Eni Orlandi nos ensina que todo discurso não tem o sujeito como origem e as paráfrases diluem a linearidade mostrando que há outros discursos no discurso. Se pensarmos que “Transfeminismo é a ideia radical de que mulheres trans* são mulheres!” como uma paráfrase de “Feminismo é a ideia radical de que mulheres são gente!” podemos ver que “mulheres” e “gente” funcionam nesses enunciados como um “eu comum”. Para Eni Orlandi (2011) há em todo sujeito a necessidade de laço social que sempre estará presente ainda que ele viva em situação absolutamente desfavorável. Ao individuar-se, ao mesmo tempo identifica-se e se projeta em uma posição-sujeito, na sociedade, representando-se como parte do grupo a que “pertence”. O sujeito assim individuado com o corpo político, de que recebe por este mesmo fato sua unidade, seu eu comum, sua vida, sua vontade- a forma de uma pessoa pública, que corresponde a uma forma de individuação em relação a sociedade, ou seja se filiar ou não as formações discursivas. Assim, o lugar do sentido e do sujeito, lugar da metáfora, é função da interpretação, espaço da ideologia (ORLANDI, 1996). Como já dito é a forma de significar, fazer parte do jogo político de ser sujeito.

A necessidade se nomear como mulher trans e ser reconhecida como mulher, e de mulher ser reconhecida como gente, funcionam nessa

construção do eu comum, é uma forma de clamar por reconhecimento. No entanto, entendemos que dar nome a algo é reconhecer existência histórica, é filiar-se a uma ou várias histórias e assim existir. É nessa tensão entre existir e ser reconhecido como sujeito e o desejo de deslocar os feminismos pelos próprios feminismos que se estabelece a militância transfeministas no Blogueiras.

Entre as tensões de ser reconhecido, de querer pertencer ao jogo político identitário próprio da forma-sujeito de direitos (sujeito de direitos), fruto do capitalismo (ORLANDI, 1988; 2008), o deslocamento está na publicação e circulação de textos como o de Beatriz Preciado “O feminismo não é humanismo”.

“Senhoras, senhores e outros, de uma vez por todas, o feminismo não é um humanismo. O feminismo é um animalismo.”
Beatriz Preciado

O texto faz uma crítica o antropocentrismo dentro dos feminismos e afasta-se do humanismo renascentista que explora mulheres e animais, Preciado propõe um feminismo animalismo, sobre esse a autora afirma que é:

“Uma reunião solene de plantas e de flores em torno das vítimas da história do humanismo. O animalismo é uma separação e um acolhimento. O indigenismo queer, a pansexualidade planetária que transcende as espécies e os sexos, e o tecnoxamanismo, sistema de comunicação interespecies, são dispositivos de luto.”

Aqui nos detemos no deslocamento produzido ao afirmar que “o sujeito” do feminismo não é a mulher ou as mulheres, nem o humano (gente), “o sujeito” são sujeitxs ou melhor formas, é o impossível, os animais, as plantas, a natureza, pessoas. Esse deslocamento provoca, o acontecimento está na ruptura da memória humanista e inscrição em outras formações discursivas, em outras possibilidades de posições-sujeitos, ou de “eu comum”.

Seguindo os movimentos de algumas práticas próprias da materialidade do espaço digital como a blogagem coletiva, as

ocupações nas redes sociais, os debates sobre transfeminismos articulados pelo facebook e blog, a circulação de corpos-protestos, nos deparamos com as questões que envolvem o processo de identificação dos sujeitos e da escrita no digital como elemento central nas práticas analisadas no blog. Para melhor compreendermos algumas relações até aqui citadas no próximo capítulo nos deteremos as questões que atravessam o blog e a função autor no digital.

CAPÍTULO 2. “Escrevo logo sou blogueira” Falar de si no digital como experiência constitutiva no e do feminismo digital

Eni Orlandi (2004) tomando a escrita como parte de nossa história, compreende que a escrita está sujeita a significar ou de representar de diferentes formas a relação do sujeito com a linguagem. Uma vez que dependendo das condições materiais em que se realiza, de seus meios e dos modos como se institucionaliza, resulta em diversas maneiras de promover a individuação dos sujeitos (ORLANDI, 2014, p.105).

No corpus analisado é necessário olhar as blogueiras como identidades em construção imbricadas na escrita e no digital como parte fundamental da experiência blogueira feminista. Para melhor entender essa relação entre experiência e escrita retomemos a colocação da blogueira Danielle Cony:



Penso logo sou feminista. Escrevo logo sou blogueira. Danielle Cony

Figura 43 Post O que é uma blogueira feminista? Recorte III

Danielle em postagem sobre o que é um blogueira feminista parafraseando Descartes afirma que: “Penso logo sou feminista. Escrevo logo sou blogueira”, gostaríamos de analisar o enunciado “Escrevo logo sou blogueira”, nele Cony aponta que ser blogueira é implicação direta para a condição de escrever. A escrita é a experiência que define o indivíduo como ser racional e capaz habitar o mundo que, por sua vez, ser racional implica ser uma blogueira feminista. Tal enunciação só faz sentido nas condições de produção do Blogueiras Feministas, que são a prática da escrita na internet, em um *blog* feminista, onde mulheres de várias regiões do Brasil se reúnem para experimentar a prática discursiva da escrita no meio digital.

O que conceituamos por experimentar pode ser entendido como o processo de escrita no *blog* enquanto experiência feminista. Joana Scott (1999) conceitua experiência como uma prática constitutiva dos sujeitos, e

afirma “não são os indivíduos que tem experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência”. Ao afirmar que experiências são processos constitutivos do sujeito, a autora aponta a experiência como aquilo que buscamos compreender, sobre o qual se produz conhecimento, é se deslocar da experiência como “origem de nossa explicação”, da noção de “evidência autorizada (porque vista ou sentida), que fundamenta o conhecimento.” (SCOTT, 1999, p.28) É apontar para a evidência de sentido que dá a experiência o status de lugar comum sobre o qual não é preciso falar uma vez que essa é partilhada por todos.

Tomar a experiência como evidente é naturalizar as identidades daqueles cujas experiências estão “sendo documentadas assim. naturalizam suas diferenças. Localizam a resistência fora de sua construção discursiva, e reificam o agenciamento como um atributo inerente aos indivíduos, e dessa forma o descontextualizam” (SCOTT, Idem).

Para Joan Scott os sujeitos são constituídos discursivamente, “os sujeitos são, desde o início, constituídos de maneiras diferentes, acerca de como a visão de um sujeito é estruturada - acerca da linguagem (ou discurso) e história” (SCOTT, 1999, p.27), assim afirma que a experiência é “um evento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas não está confinada a uma ordem fixa de significados” (SCOTT, Idem, p.42). Acontece na relação da inscrição do sujeito com as FDs que ele partilha, assim como nos retornos e articulações próprias do ato de enunciar. Relacionando discurso e experiência a autora nos diz “a experiência é coletiva assim como individual. Experiência é uma história do sujeito. A linguagem é o local onde a história é encenada.” (Idem).

2.1 Autoras: Autoria na tensão individual-colaborativa

O fazer feminismo hoje deslocou o epicentro¹⁹, que não está na academia (um dizer teórico sobre) ou no partido político, mas se faz em

¹⁹ Questão levantada pela professora Mônica Zoppi-Fontana na banca de qualificação dessa dissertação.

outro lugar que tampouco é na leitura ou escrita do blog. Mas numa outra relação com a autoria. O epicentro é o digital. O *blog* não é um espaço de circulação, publicação apenas, mas os efeitos de sentido para feminismo se produzem pelo que é o digital, materialidade da escrita: de um lado a corpografia (DIAS, 2008) e por outro a autoria colaborativa (PAVEAU, 2016).

Eni Orlandi (2008) partindo do conceito de autoria de Foucault (1996) que entende

o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. Esse princípio não voga em toda parte nem de modo constante: existem, ao nosso redor, muitos discurso que circulam, sem receber seus sentidos ou sua eficácia de um autor (FOUCAULT, 1996, p.26)

Demarca que o sentido tomado na AD é o de que a autoria é o princípio que confere unidade ao texto, mas se distancia de Foucault quando especifica que o princípio da autoria é necessário para qualquer discurso, colocando o autor na origem da textualidade. E retoma Foucault “o princípio do autor limita o acaso do discurso ‘pelo jogo de uma identidade que tem a forma da individualidade e do eu’.”(ORLANDI, 2008, p.60).

Tendo em vista os deslocamentos apontados por Orlandi à noção de autoria, olhemos o filtro Autoras do BF:

Em **Autoras** conseguimos filtrar os posts pelo nome da blogueira. Ao pesquisar os post assinados por Camila Magalhães Gomes temos o seguinte resultado:

Organizar os posts pela autoria, em torno de um nome, permite às blogueiras chamar a reunião de textos assinados por um mesmo nome de arquivo, dando a sensação de uma unidade, alimentando a ilusão de que há uma figura que dá sentido ao texto: o autor. Para deixar de lado essa ilusão gostaríamos de evidenciar que a escrita no *blog* é vista como uma prática-discursiva onde o sujeito é chamado a responsabilidade e interpelado em “sujeito-responsável” em autor. Segundo Pechêux (1988, p 214) uma prática-discursiva está inscrita no “complexo-contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas”, logo está sujeita a contradições, a derivas, a inscrição nas formações discursivas de um discurso, e por essa relação estreita das práticas com as Fds é que podemos afirmar que não há práticas sem sujeitos, não se trata de falar de uma

prática de sujeitos “(no sentido dos atos, ações, atividades de um sujeito- isso seria cair no golpe do que chamamos o “efeito de Munchhausen”^[20]!), mas de constatar que todo sujeito é constitutivamente colocado como autor de e responsável por seus atos (por suas “condutas” e por suas “palavras”) em cada prática em que se inscreve; e isso pela determinação do complexo das formações ideológicas (e, em particular, das formações discursivas) no qual ele é interpelado em “sujeito-responsável” (PECHEUX, 1988, p. 214)

Em Arquivo do Autor temos a reunião de todas as produções do autor, em lista organizada de forma cronológica do mais recente ao mais antigo, segundo a data de postagem. Nesse modo de organização, temos o sujeito individuado pela função autor, que dá unidade a essa lista, o que só faz sentido dentro do Blogueiras Feministas, pois o processo de individuação por meio da autoria se dá nos textos publicados pelo blog.

²⁰Pêcheux (1988, p.157-158) nomeia de Efeito de Munchausen o “efeito fantástico- pelo qual o indivíduo é interpelado em sujeito [...] em memória do imortal barão que se elevava nos ares puxando-se pelos próprios cabelos.” É a ilusão do sujeito de que ele é a origem de seu próprio dizer, o sujeito como origem do próprio sujeito.

Faz-se interessante notar que mesmo que o *blog* dê a quem escreve o nome de autor, agregue suas publicações dando um sentido para as postagens no blog, e ainda assim a responsabilidade pelo que é escrito e publicado é coletiva, a “responsabilidade é nossa, como coletivo”, vejamos:

Tudo que aqui está publicado é responsabilidade nossa, como coletivo. A proposta atual é fazer um espaço virtual mais amplo e democrático. Entendemos que mesmo buscando a pluralidade erramos em alguns momentos. Portanto, vasculhando os arquivos é possível encontrar textos com vestígios racistas, gordofóbicos, transfóbicos, classistas, capacitistas, lesbofóbicos, bifóbicos, homofóbicos, entre outros preconceitos tão arraigados em nós. Há também a questão da invisibilidade, na maioria de nossos textos damos voz a mulher branca, heterossexual, cissexual, de classe média.

Figura 45 Recorte Editorial

Marie-Anne Paveau (2015, p.346) ao levantar o problema da propriedade do saber aponta que a autoria está intimamente ligada à concepção do sujeito. Para Análise de Discurso filiada aos estudos de Peuchêux o

meu discurso não me pertencer realmente, se eu situar meus passos discursivos na esteira de meus antecessores (memória discursiva, linhagens discursivas), se meu discurso for permeado, sem que eu o saiba, por outros discursos que o alicerçam (interdiscursos, discurso transversal), se eu disser o que me é permitido dizer pela “ordem do discurso” (Foucault), então como alguém poderia roubar minhas palavras?

A ideia de que o sujeito não é origem de seu dizer, e que o que dizem ser meu discurso está sempre permeado pelo comum, pelo outro, que na maioria das vezes não é possível identificar, nos dá algumas pistas para pensar autoria no Blogueiras Feministas entre a autoria coletiva e colaborativa.

Retomemos a caixa de assinatura do blog:



Figura 46 Assinatura

Na assinatura coletiva do *blog* podemos ver a tensão constitutiva entre essa (coletiva) e autoria individual, que fala das experiências com um nome de autor, e uma autoria coletiva que inscreve as blogueiras na posição sujeitos feministas. Justamente nessa tensão da experiência que é individual e coletiva, mas que compartilha o digital e os feminismos como Formações Discursivas onde significam.

Na assinatura que localiza as autoras convidadas, todos os textos escritos por pessoas de outros blogs, leitoras, aquelas que não fazem parte do Coletivo Blogueiras Feministas, lemos a mesma descrição que vimos acima na assinatura coletiva, o que muda é a imagem perfil, em autoras convidadas temos um megafone empunhado, que se inscreve Formação Discursiva de um blog plural e ou heterogêneo no qual todas podem se expressar.



Figura 47 Assinatura Autoras Convidadas

Tendo em vista as duas assinaturas podemos afirmar que a autoria coletiva no Blogueiras Feministas se caracteriza pela presença de movimentos identitários, que jogam entre o eu- quem escrevo e o nós- mulheres que nos identificamos nos textos.

Em uma busca no blog pela tag Autoras Coletivas obtemos uma lista imensa de posts assinados com essa tag. São 120 cento e vinte abas que anexam em média 3 posts, totalizando aproximadamente 360 textos escritos por leitores, blogueiras de outros blogs, 360 ocupações feministas do blog.

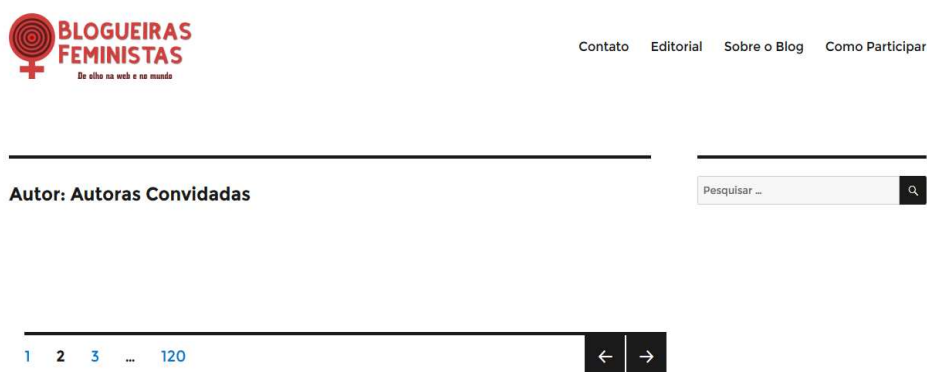


Figura 48 Autor: Autoras Convidadas

Como nos conta Paveau (2015) a autoria colaborativa acontece quando no mesmo espaço muitas “mãos” constroem juntas, algo que é próprio do digital, pois se pensarmos a construção do Blogueiras Feministas temos várias pessoas escrevendo, postando e construindo os discursos sobre feminismos em um mesmo lugar, um conjunto que dá forma ao blog. Ainda se pensarmos a materialidade do blog, os hipertextos se constroem e são dispostos na internet: como teias, sem pontos centrais, princípios organizadores ou hierarquia (PLANT, 1999, p. 17), assim post e comentários podem ser lidos em um único texto, o funcionamento do blog e sua especificidade é o que produz o sentido do colaborativo. A autoria é do blog! E ele é construído pela colaboração de blogueiras. O blog é a unidade. E essa unidade só existe pela colaboração de escritas.

É na tensão entre a autoria coletiva e autoria colaborativa, significadas pelo digital, que as postagens do BF produzem uma unidade de sentidos às histórias que precisam contar, as que ficaram à margem da História oficial, mas que são significantes da existência e dos processos de identificação e constituição dos feminismos.

2.2 “As feministas precisam contar suas histórias”

“Toda história das mulheres foi escrita pelos homens.”
(Simone de Beauvoir)

A blogueira Ana Rita Dutra ao discutir o lugar que a historiografia e os livros didáticos dispõem e seu modo de significar as mulheres na história afirma:

[← Anterior](#) [Próximo →](#)

O ensino da História, a memória social e o silêncio gritante da mulher

Postado em: 07/10/2011 por: Ana Rita Dutra

A mulher vem constando nas páginas dos livros de história como figurante, isso quando ela consta! Quando pensamos em mulheres na historia os papéis são bem definidos. Ela é a prostituta do meretrício, ou a esposa virtuosa. São os dois espaços que ela esta apta a desempenhar.

[...]

Eu me sinto desafiada perante essas situações. Desafiada a ensinar, desafiada a compartilhar conhecimentos e auxiliar meus alunos para que descubram o fascínio de refletir sobre a sua própria história, levando em consideração as características de sua identidade, sua realidade.

Quando leio os novos livros de história, revisados e contemporâneos, normalmente encontro a mulher citada. Normalmente esta assim: Segue o livro todo narrando a história "oficial" e, na margem do livro, em algum quadro, lá esta constando alguma informação sobre mulheres que foram importantes no período. A citação está lá sim, mas não como parte da história, mas em separado, algo como um favor ou cumprimento de uma norma. Não porque somos reconhecidas como parte da história, como sujeito da história, como protagonista da história. O enfoque deve mudar! A mulher deve ser focada como sujeito.

Para tanto, queridas companheiras, nós devemos produzir. Esta na hora da mulher escrever a sua história, já passou da hora!

[...]

Chega de ensinar independência do Brasil como um ato nobre de Dom Pedro sobre um pomposo cavalo branco, seguido de homens bravos e fortes. ONDE NÓS ESTAMOS? Onde está a mulher? Nós mulheres de hoje, devemos lutar e resgatar as bravas mulheres de ontem e, apresentá-las à essa geração de meninas que esta aí. Os gritos da fogueira não serão silenciados! Precisamos ouvir a voz e dar voz a estas mulheres.

Figura 49 Post O ensino de História e o silêncio gritante da mulher Recortes

No post “O ensino da História, a memória social e o silêncio gritante da mulher” Dutra destaca que as mulheres aparecem citadas na história, como algo que foi incluso: na margem, no quadro, se pensarmos o funcionamento dos quadros nos livros didáticos, percebemos que as histórias das mulheres aparecem como exótico, a curiosidade, extra à “história oficial”. O desejo da autora é que a história seja feita pensando as mulheres como sujeitos, que as relações de gênero ganhem mais do que notas de rodapé, que essa seja a questão norteadora da história presente nos livros, uma vez que ninguém está fora da história. O incômodo é a exclusão provocada pelo universal masculino ou mesmo pelo destaque dado aos homens na história, como o exemplo de Dom Pedro no processo de independência do Brasil. Em contrapartida aos

livros de história que apontam Dom Pedro como único participante ativo no episódio histórico, a autora em seu post publica a imagem de Maria Felipa de Oliveira e nos ensina ou nos lembra de que Maria Felipa participou do processo de independência no estado da Bahia, na cidade de Salvador, organizando a resistência “brasileira” contra a marinha de Portugal, no entanto Maria Felipa costumeiramente não tem seu nome nem ao menos citado nas histórias.



Figura 50 Post O ensino de História e o silêncio gritante da mulher Recorte Maria Felipa de Oliveira

Constatada a questão: as mulheres são silenciadas pela história, a saída é proposta pela blogueira “nós devemos produzir. Está na hora da mulher escrever a sua história”. Produzir sua própria história pode ser entendido como uma saída, assim como uma busca de memórias, que se contraponha ao que Eni Orlandi aponta como efeitos de uma “economia liberal desenfreada e uma subjetividade que se crê liberada de qualquer dívida com as gerações precedentes – isto é, produzindo um sujeito que acredita poder fazer tábua rasa de seu passado [...]” (ORLANDI, 2011, p.5) No caso, as blogueiras ao publicarem a imagem de Maria Felipa, apontam para filiações discursivas, formas de significar acontecimentos como os do processo de independência e atualizar a memória, mostrar

que outros sentidos também estavam em funcionamento na história e não só os da História oficial.

A ausência das mulheres na história é um incômodo que se faz presente na vida de blogueiras como Dutra nos anos 2000. No entanto, significando de outra forma, com outras questões em mente, na década de 1940, Simone de Beauvoir se dedicou à relação mulheres e história.

Em 1947, Beauvoir lançava o seu estudo mais impactante *O Segundo Sexo*. Trata-se de uma análise sobre os comportamentos das mulheres, onde a autora desloca as análises feitas sobre as mulheres, dos argumentos médicos, psicológicos, biológicos, que veem as mulheres como seres naturalmente inferiores. Um dos capítulos foi dedicado à história de como se construiu as relações de dominação entre os sexos, no caso do masculino que subjuga o feminino. Nesse processo a autora constatou que “toda história das mulheres foi escrita pelos homens” (1967, p.166) logo as mulheres nunca visaram o campo da história como uma possibilidade, nem como sujeitos históricos, nem como historiadoras. Apesar de chamar a segunda parte de seu livro de “História” a própria Beauvoir justifica a ausência das mulheres na História (como sujeitos históricos) pela “impossibilidade” de fazer uma história das mulheres. Para ela, a análise da condição feminina passava por uma antropologia estruturalista que permitia entender essas relações de poder entre os sexos, por intermédio dos estudos de parentesco, e não uma história já que as mulheres não assumiam suas questões e interesses. Fora algumas exceções como Safo, Olympe Gouges, que protestaram contra seus destinos, ou manifestações coletivas como “as matronas romanas, ligando-se contra a lei Ápia ou as sufragistas anglo-saxônias, só conseguiram exercer uma pressão porque os homens estavam dispostos a aceitá-la.” (BEAUVOIR, 1970, p.166)

A autora compreende que a articulação feminina só foi possível dentro dos limites permitidos e aceitáveis pelos homens, o que fez a autora duvidar da possibilidade de uma história das mulheres. Essa postura aparentemente contraditória de Beauvoir, uma vez que não é esperado de uma mulher reconhecida como “feminista histórica”, que esteve presente na luta pelo sufrágio feminino na França, afirmações

como: “só conseguiram exercer uma pressão porque os homens estavam dispostos a aceitá-la”, só pode ser entendida se considerarmos o que era historicamente dizível nos anos 1940.

No entanto, o enunciado “Toda história das mulheres foi escrita por homens” causou e causa questionamentos no campo da militância e estudos feministas, e foi por muitas vezes retomado e debatido tornando-se uma máxima dos feminismos e da história das mulheres, funcionando como denúncia dos silenciamentos aos quais as mulheres foram e são expostas na história.

Inquietas com essa constatação e motivadas pelos crescentes movimentos feministas, mulheres como a historiadora Michelle Perrot se articularam aos estudos da antropologia e da história das mentalidades, às contribuições da história social e às novas pesquisas sobre memória popular, para escreverem suas histórias, mais do que isso passaram a pensar uma História das Mulheres e de outros grupos históricos que foram silenciados nas narrativas históricas.

O percurso da História das mulheres na França em alguma medida é também a história de mulheres como a historiadora e de tantas outras feministas. Nos anos 1970, Michelle Perrot fazia parte do grupo que proporcionou cursos universitários, debates, grupos de estudos, congressos sobre as mulheres. Até a atualidade ela está presente nos debates políticos/acadêmicos sobre o tema.

Perrot, em *As mulheres ou os silêncios da história* (2005) retoma “toda história das mulheres foi escrita pelos homens” para discordar de Beauvoir sobre a possibilidade de escrita da história. Posição que nem sempre foi assim, pois Perrot, em 1973, quando lecionava na Paris VII, em seu primeiro curso sobre as mulheres intitulado “As mulheres têm uma história?”, trouxe o título como questão principal e questionava se era possível desassociar a história das mulheres das questões do parentesco, da família propostas pela antropologia, entre outras questões. Nesse processo de trocas com outros autores e estudantes, constata não só a possibilidade de fazer história mas uma vontade e necessidade de romper o silêncio “comum às mulheres”, de construir memória, uma história das mulheres, e aponta três séries de fatores que contribuíram para o

nascimento da História das Mulheres na França: científico, sociológicos, políticos. (PERROT, 2005, p.15)

Os fatores científicos estão ligados à crise dos grandes paradigmas explicativos e à renovação dos contatos disciplinares nas décadas de 1960-70. O estruturalismo, com os estudos sobre parentesco, que permite a construção do pensamento simbólico. A demografia histórica, que, com suas taxas possibilitou repensar as questões relativas à diferenciação sexual, o casamento. Em outro movimento chamado de “história em migalhas”, que favorecia o surgimento de novos objetos: a criança, a loucura, a sexualidade, a vida privada, as mulheres, entre outros temas.

A feminização da universidade favoreceu o nascimento de novos questionamentos, que ocasionaram o desenvolvimento de cursos e pesquisas sobre as mulheres. No âmbito político, juntamente às demandas sociais, o nascimento do Movimento de Liberação das Mulheres- o MPL- surgiu nos anos 1970, depois dos silêncios de Maio de 1968 sobre as mulheres. Perrot lembra que não era preocupação das mulheres do grupo fazer história, mas conquistar o direito ao aborto, contracepção, direito aos próprios corpos, de serem reconhecidas como sujeitos capazes de escolher. No entanto, o trabalho de militância dessas mulheres ascendeu um desejo de memória, de reencontrar as figuras, os acontecimentos, os textos, de um movimento particularmente amnésico; a vontade de criticar o saber universal, a ideia de natureza, a diferença dos sexos, as relações do público e do privado, o problema do valor, o da neutralidade da linguagem (2005, 17).

Grupos, seminários, cursos, colóquios foram organizados na França para suprir essa busca. A autora lembra como as conquistas de objetivos legislativos (lei sobre o aborto, estupro), provocou uma mudança de foco de ação para os estudos e pesquisas acadêmicas. Outro ponto levantado foi o reconhecimento e relativa institucionalização dos estudos de gênero, que aconteceu com a chegada da esquerda ao poder em 1981. Nesse período, foram criadas as cadeiras de estudos feministas em algumas universidades francesas, ocupadas por mulheres de várias áreas que estudavam as histórias das mulheres, o que vai impulsionar as

produções acadêmicas da área, configurando assim a permanência e continuidade desses estudos.

No Brasil, os anos 1970 foram marcados pela expansão do ensino superior, que recebeu investimentos em suas pós-graduações, nas áreas de pesquisas. Junto com esse crescimento a feminização das universidades, que chegam a ter o mesmo número de mulheres e homens no ensino superior, essas estudantes estavam concentradas em algumas carreiras como as ciências humanas, nicho aonde se inseriram os estudos das mulheres e depois nos de gênero (COSTA, 1994, 402). Por outro lado, nesse período, o país vivia uma ditadura militar que fechava o cerco com perseguições e prisões aos que se opunham ao governo. As universidades, por concentrarem várias formas de saberes e, nesse período, ser abertamente reduto de teorias que criticavam o funcionamento e práticas do regime militar, foram alvo de rigoroso controle e sucessivos “expurgos que atingiram notadamente a área de ciências sociais” (1994, 403). Esse processo resultou na criação de centros de pesquisa privados, os quais com o apoio de agências internacionais passaram a ser referência em pesquisas das ciências sociais, que acolheram mais facilmente os trabalhos sobre a temática: mulheres.

Ocupar os cursos universitários e depois as cadeiras de docentes e as produções dessas disciplinas possibilitou às mulheres contato com os feminismos e os estudos francês e anglo-americanos. A exemplo de Danda Prado, que participou do Movimento Pela Libertação das Mulheres e iniciou o “Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris”, grupo que abrigou brasileiras ligadas a partidos políticos e feministas autônomas durante o período em que foram exiladas pelo regime militar. Yolanda Cerquilo da Silva Prado, Danda, era formada em psicologia. No Brasil, fazia parte do Partido Comunista nos anos 1960, atuava junto ao partido obtendo informações sobre os presos políticos, contatando suas famílias, denunciando no exterior as prisões e pedindo apoio para os militantes saírem do país. Atividades reconhecidas como perigosas e, por essa razão, sua permanência no Brasil não era indicada. Com a publicação do AI-5 (Ato Institucional número 5), de dezembro de 1968, entre outros

como o AI-14 (Ato Institucional número 14) que legitimou a pena de morte e a prisão perpétua no país, Danda no ano seguinte vai para Paris com os filhos. (ROSA, 2013, p.130-1)

Dos debates e reflexões levantadas no “Círculo de Mulheres Brasileiras em Paris” foi lançado o boletim bilíngue *Nosotras* com artigos em português e espanhol, distribuído no Brasil e em alguns países latino-americanos. O boletim era uma forma de propagar as ideias feministas do grupo. Sobre a importância do *Nosotras* na militância feminista brasileira, a historiadora Susel Rosa cita Raquel Soihet que acredita que o boletim evidencia a importância das exiladas nas alterações do pensamento feminista brasileiro (ROSA, 2013, p.152). Essa ponte entre os feminismos não se desfaz com o retorno nos anos 1980 das mulheres que estavam exiladas, essas mulheres, segundo Luciola Scavone (1998), em sua maioria, continuava ligada ao movimento feminista no Brasil e/ou à produção acadêmica.

Tanto na trajetória francesa como na brasileira dos estudos sobre as mulheres, feminismos e gênero, funcionou como sentido dominante que as mulheres foram silenciadas na e pela história, e que essas precisam contar-se. Seguindo esse movimento muitos livros, teses, revistas, jornais, cursos de pós graduação, mais recentemente blogs, websites, canais de vídeos, entre outras produções, foram articuladas com a intenção de criar uma memória, algumas histórias e novas tentativas de militância.

No exercício de contar, de dar sentidos aos fatos, de construir histórias das mulheres, apontar os silêncios é um movimento presente e estruturante nessas narrativas. Para compreender os sentidos de silêncio apontado no blog, por Michelle Perrot, podemos pensar os silêncios como nos ensina Eni Orlandi, de forma discursiva.

Orlandi em *As formas do silêncio* (2013) conceitua o silêncio como silêncio fundador e silenciamento. O silêncio é o elemento constitutivo do dizer, é o sentindo em si. A autora escolhe deixar de lado o sentido de silêncio que se liga a ausência, ao vazio e explora o silêncio que ela chama de silêncio fundador ou fundante, princípio de toda significação. “O silêncio não é o vazio, ou o sem sentido; ao contrário, ele é o indício de

uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do vazio da linguagem como um horizonte e não como falta.”(2013, p. 68). No entanto, o sentido de silêncio recorrente no *blog* e em “o silêncio é comum às mulheres” de Perrot pode ser entendido como silenciamento. Orlandi aponta que o silenciamento representa a política do silêncio como “um efeito de discurso que instala anti-implícito: se diz 'x' para não deixar dizer 'y', este sendo a se descartar do dito. É o não dito necessariamente excluído.” Assim se apagam o sentido que se quis evitar, sentido que poderia trabalhar em “outra região de sentidos” (p.73-74). O silenciamento de “Marias Felipas” na e pela história evita que outros sentidos da História possam ser acessados.

Retomando a formulação “Toda história das mulheres foi escrita pelos homens.” podemos dizer que ela significou na história de muitas formas. Em exercício parafrástico de falar o mesmo de forma diferente, chegamos a duas outras formulações entre tantas possíveis:

A História é contada pelos homens e

O sujeito dessa história são os homens.

Esses são dois pré-construídos apontados e questionados pelos feminismos. Sobre esse primeiro sentido possível, podemos citar Maria Amélia de Almeida Telles, Amelinha, estudiosa e militante feminista, que escrevendo nos anos 1990, retoma Simone de Beauvoir “Toda história das mulheres foi escrita pelos homens” e produz um deslocamento: “E portanto, podemos acrescentar: está sob suspeição” (TELLES, 1999,p.11). Ao retomar Beauvoir como um princípio universal da exclusão das mulheres na história, Amelinha propõe que toda história feita pelos homens seja refeita pelas mulheres, como uma iniciativa política. Uma vez que aquela feita pelos homens seria suspeita, pois quem a conta são os homens brancos heterossexuais, silenciando as mulheres e demais possibilidades.

No sentido de “o Sujeito da história são os homens”, o que está em jogo é demarcar o conceito Mulher em contraposição ao de Homem, o sujeito considerado universal, o sentido dominante. O incômodo era o masculino, que pelo “efeito de completude” significa como o sujeito

universal, tornando-se natural, sentido dominante. Segundo Haraway(1993) o homem tem sido a face da humanidade, nesse processo, os outros sujeitos possíveis, no caso, as mulheres, se negam a estar inclusas quando nomeadas pelo universal. Já que o masculino universal tem efeito de inclusão, mas acaba funcionando como apagamento, pois o universal vem carregado do silenciamento das “Mulheres”.

O movimento de silenciamento das mulheres na e pela historiografia se dá no uso do masculino universal. As mulheres nessa relação eram o não dito, o implicado ali, que existe na relação com o outro, mas que não é evidenciado. Pêcheux (1999) em *Papel da Memória* (1999) fala que na tentativa de reconstrução do acontecimento pela memória, o sujeito mobiliza implícitos, sentidos pré-construídos que tendem a reforçar a regularização, pois surtem o efeito de já-lá. Assim, podemos pensar: quando os historiadores, os homens, mobilizam suas fontes para escrever história, mobilizam a imagem do homem enquanto humanidade ou sujeito universal, logo as mulheres estão absorvidas no pré-construído de que há uma experiência de um sujeito universal. O falar de um é também falar do outro, causando a ilusão de completude na experiência humana na História. Nesse processo, as experiências das mulheres são absorvidas pela memória como se nunca tivessem acontecido, causando um apagamento das mulheres na história.

Nesse contexto de silenciamento compreendo que a formulação “Toda história das mulheres foi escrita pelos homens” produziu um efeito de resistência na história a partir do qual houve um movimento de produção de histórias das/de mulheres, dos feminismos e das teorias feministas, que repensam conceitos e fazem a crítica às próprias construções.

Eni Orlandi (2013) nos lembra que o silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor mas impedi-lo de sustentar outro discurso, coisas que possam causar rupturas significativas na relação de sentidos. Assim, entendemos que o silenciamento das mulheres na e pela História acontece não porque é proibido falar de mulheres, contar-se, mas porque pelo menos até os anos 1970 não

existia a possibilidade dessa história ser contada pela disciplina história devido a questões político-metodológicas, seja pela aparente “falta” de fontes ou decidir se “mulher” pode ser um objeto da história. Esses mesmos elementos que impossibilitavam a história das mulheres, quando questionados nos anos 1970, possibilitam outros sentidos à história.

2.2.1 As formas de contar-se ou de “falar da mulher”

Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. [...] Para desfazer os mitos de que eu sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Gloria Anzaldúa

Ninguém é oprimido, explorado e discriminado porque quer. Uma ideologia patriarcal e machista tem negado a mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica. A mulher não é apenas metade da população [...]. É um ser social, criativo e inovador.

Falar de mulher nesses termos é mais do que se deixar envolver pelas mulheres do terceiro mundo. É deixar extravasar a ansiedade, o inconformismo e a ternura de milhares de mulheres. É resgatar a memória, que, mesmo obscurecida pelos reacionários, iluminará o caminho de todos os que buscam a justiça e a liberdade.” Amelinha, Maria Amélia de Almeida Telles

Donna Haraway (2009) ao falar das mulheres negras estadunidenses dos anos 1970 e 1980, aponta que a escrita tem um significado especial para os grupos colonizados. Para a autora “tomar” a escrita tem um lugar importante dentro desses grupos, pois a escrita é o conceito que distingue civilização e cultura, é paramento para várias dicotomias do mundo binário. A escrita nesse sentido é o lugar que permite significar, é o poder de fazer sentido. Assim “tomar” a escrita e travar lutas em torno dos seus significados são formas importantes de mobilização política contemporâneas.

Se retornarmos o que diz Gloria Anzaldúa veremos que não é só uma questão de escrever ou reescrever uma história, é significar. A autora afirma que devemos usar o que achamos importante para

chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. “O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico.”

Orlandi nos conta que em um mesmo lugar textual (sítio de significação) são muitas as formulações possíveis abrindo para a possibilidade de interpretação e estabelecendo a possibilidade de muitas formas de autoria (Orlandi, 2008 p.3). Vejamos:

Como bem disse a Tica Moreno: Este blog existe porque queremos vivenciar na rede a experiência de ser feminista. Escrever posts, apontar manifestações do machismo na sociedade, twittar, fazer vídeos, publicar fotos, organizar manifestações nas ruas e na rede, entre outras formas de espalhar essa idéia de que ainda tem muita coisa pra mudar nas relações entre homens e mulheres. Por outro lado, tem a ver com uma reflexão constante sobre a nossa própria vida, sobre como a gente pode enfrentar as nossas contradições, como a gente constrói as nossas relações com mais autonomia e liberdade.

Quando relembremos a fala de Tica Moreno sobre a existência do blog nos deparamos com a urgência de viver os feminismos e essa experiência é constituída pela escrita no digital para assim criar uma memória das blogueiras sobre e dos feminismos.

Tomar a escrita no feminismo digital é importante para as Blogueiras uma vez que elas reconhecem a força política que a estabilização de sentido produz. Assim as disputas pelas versões são importantes uma vez como lembra Eni Orlandi (2008, p4) a

diferença entre formulações – versões - é significativa e não ocasional, como se pretende. Ela representa uma relação (filiação) do texto com o discurso e deste com a memória discursiva. Portanto situa-se nas mediações entre o real da língua e o real da história, fazendo sentido na medida mesmo em que materializa sua especificidade.

No contexto de feminização das universidades, de crescimento dos movimentos feministas organizados em prol dos direitos das mulheres e dos direitos humanos, e das atividades mundiais e locais que ressaltam as condições de violência, desigualdades trabalhistas, algumas feministas tomam a escrita para “suprir” a necessidade de memórias para esses movimentos.

Celi Regina Jardim Pinto (2010) em trabalho sobre história do feminismo salienta que o movimento feminista tem uma característica

peculiar, a de produzir sua própria reflexão crítica e sua própria teoria. Segundo Pinto, o encontro entre militância e teoria que a autora chama de “coincidência”, deriva do tipo social de militante que impulsionou. Assim pode se conhecer os movimentos feministas tanto pelas histórias dos feminismos, as ações dos movimentos feministas, quanto pelas produções teóricas feministas nas Humanidades, e gostaríamos de acrescentar a produção nos blogs feministas na web. Assim para entender como se constroem essas narrativas políticas feministas, mobilizo as postagens do *weblog*

Ao falar da necessidade de registrar, contar, escrever em "O rastro e a cicatriz: metáforas da memória" Jeanne-Marie Gagnebin (2006) assinala que o trauma “é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não consegue, ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito.” (2006, p. 110) Uma vez o trauma elaborado gera a ferida que posteriormente se transforma em cicatriz. A escrita sobre essas cicatrizes é uma escrita que se pretende reveladora dos indícios por trás das cicatrizes deixadas pelos traumas sofridos. Assim, a escrita também se transforma em rastro que, segundo a autora, é fruto do acaso, denunciando a presença ausente das mulheres como veremos.



Figura 51 Post Existem mulheres filosofas, cientistas, intelectuais?

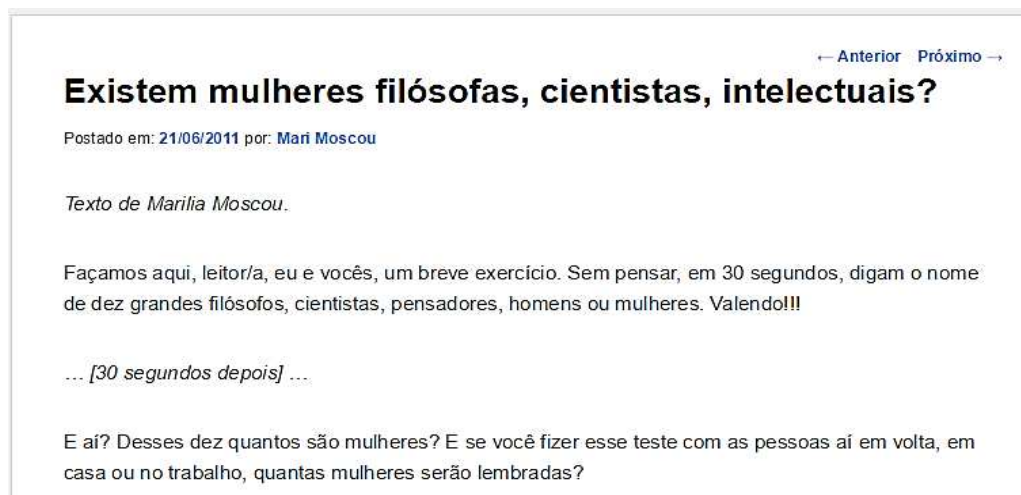


Figura 52 Post Existem mulheres filosofas, cientistas, intelectuais? Recorte I

Incomodada com a dificuldade que temos em lembrar de mulheres filósofas, cientistas, intelectuais, a blogueira Marília Moscou propõe aos leitores do Blogueiras Feministas que façam uma lista rápida de intelectuais e questiona “quantos são mulheres?[...] quantas mulheres serão lembradas?”. A autora não revela sua lista ao leitor, mas apresenta

um link para o jogo “Filosofighters”²¹, a partir do qual ela desenvolve suas ideias sobre como as mulheres são costumeiramente lembradas.



Figura 53 Recorte Filosofighters

Filosofighters é um jogo criado pela *Revista Super Interessante*, disponível online, onde o jogador pode escolher uma entre as nove “mentes mais brilhantes da humanidade” para viver “uma batalha de ideias”. Marília confirma seu incomodo sobre como as mulheres são lembradas, uma vez que entre os nove personagens (Platão, Santo Agostinho, Nicolau Maquiavel, Jean Jacques Rousseau, Karl Marx, Friedrich Nietzsche, Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre) somente uma mulher foi escolhida para fazer parte do jogo. Simone de Beauvoir chama atenção por ser a única mulher listada e a única personagem que aparece acompanhada. Enquanto os outros filósofos são apresentados e estão disponíveis para o combate de forma individual o casal Beauvoir e Sartre formam uma dupla indissociável, apesar que na hora do combate o jogador luta o primeiro round como Jean Paul e o segundo como Simone.

Ao apontar que a única filósofa é apresentada junto de seu companheiro, Marília se questiona que tipo de “inclusão” sofrem as mulheres. A blogueira chama atenção para o fato de que cada personagem tem os seus golpes baseados em suas teorias e histórias, com exceção de Beauvoir e Sartre, que mesmo com trabalhos “bem distintos e até independentes”, a filósofa é constantemente lembrada por

²¹ Para mais informações acesse <http://super.abril.com.br/multimedia/filosofighters-631063.shtml> acessado em 09.01.2016

sua parceria amorosa. No jogo, um dos golpes de Sartre é arremessar o Premio Nobel, que o autor recusou em 1964, o segundo golpe chama “*O outro*”, que conforme a legenda explicativa do jogo faz referência a obra *O ser e o nada*, de Sartre. Já o único golpe de Simone de Beauvoir “*la femme*” consiste em arremessar um sutiã. Para Marília, a construção dos golpes não está ligada à produção intelectual da autora feminista, mas a um imaginário de feminismo, uma “ideia equivocadíssima de feminismo”.

O movimento de inclusão feito pelo jogo é equívoco, no sentido discursivo, a saber, “o efeito da falha da língua inscrevendo-se na história” (ORLANDI, 2005). Ter uma personagem mulher não significa que as questões postas pelos feminismos sobre a representação feminina se resolvam. O que vemos é uma tentativa frustrada de eleger uma figura que poderia representar o público feminista e as mulheres consumidoras do game.

Para Judith Butler (2003), a representação é um “termo operacional” em um processo político “que busca estender visibilidade e legitimidade” às pessoas, no caso, às mulheres, “como sujeitos políticos” e “uma forma normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres.” (BUTLER, 2003, 18).

A inclusão de Simone de Beauvoir no jogo deveria dar visibilidade à presença de mulheres filósofas entre os homens filósofos, porém funciona de forma que reafirma o apagamento, os lugares comuns das mulheres na memória coletiva quando se trata de reconhecer mulheres como produtoras de conhecimento.

Na figura de Beauvoir que o jogo faz circular cristaliza-se um imaginário sobre mulheres feministas. Segundo Orlandi (2007), o imaginário é parte constitutiva do funcionamento da linguagem. Ele não surge do nada, ele “assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder.” (ORLANDI, 2007, p.42) A imagem que temos de feministas como mulheres e mulheres que queimam, jogam, que rejeitam o sutiã: e os ideais de beleza e corpos desejados socialmente, foi construída por anos no embate do “simbólico com o político”, de forma

que os efeitos de um episódio dos anos 1960, o *Bra-burnig* ou A queima de sutiãs²², marcam e estigmatizam as possibilidades de feminismos, quarenta anos depois.

Outra questão colocada é a parceria indissociável do casal, mais uma vez, mesmo que em pleno século XXI, ainda vemos o que seria uma heroína, o que parece ser um avanço, uma mulher como personagem em um videogame, em um jogo de luta, universo extremamente masculino e masculinizado, não o é, pois a personagem aparece tutelada pelo companheiro. A questão da autonomia feminina marcou os movimentos feministas nos séculos XIX e XX, nos quais as mulheres brigavam para serem reconhecidas como cidadãs, como sujeitos autônomos “capazes de pensar por si mesmos, sem que sejam tutelados por uma religião, e aptos a agir na sociedade de modo a garantir os bens necessários para sua sobrevivência” (AUAD, 2003 p.39). As mulheres eram significadas social e politicamente, primeiro por seus pais e ou seus maridos, depois, pela maternidade, pelos filhos, buscaram por tantos anos o direito de falar por si, de circular sozinhas, de significarem por si mesmas, mas em alguns momentos percebemos que em algumas instâncias as mulheres continuam sendo significadas por outros, no caso os homens.

Assim, é possível afirmar que o movimento de inclusão não basta, pois significa as mulheres pela sua ausência de presença - “há mulheres intelectuais?” - e marca a necessidade de presentificar o ausente pela sua falta- “não há mulheres”, e quando “há mulheres” essas mais uma vez são significadas pelo que não são, ou pelo que são, mas não lhe é permitido ser. Como Simone de Beauvoir, filósofa, produtora de conceitos, de conhecimentos, que é incluída no universo masculino dos games pela

22O *Bra-Burning*, ou A Queima dos Sutiãs, foi um evento feminista com cerca de 400 ativistas do WLM (*Women's Liberation Movement*) contra a realização do concurso de Miss America em 7 de setembro de 1968, em *Atlantic City*, no *Atlantic City Convention Hall*. As narrativas sobre o acontecido afirmam que a ‘queima’ nunca aconteceu, por outro lado a atitude teve um efeito incendiário. As mulheres colocaram no chão do espaço, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays de laquê, maquiagens, revistas, espartilhos, cintas e outros “instrumentos de tortura”. Em protesto contra o concurso que teria uma visão arbitrária da beleza e opressiva às mulheres, por causa de sua exploração comercial. Para mais informações ver “A Queima dos Sutiãs”- a fogueira que não aconteceu. Disponível em <https://anos60.wordpress.com/2008/04/07/a-queima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-aconteceu/> acessado em 20/12/2015

ausência. Ela não é reconhecida como filósofa feminista, ela é A feminista.

Então, nos diríamos que a inclusão se estabelece no jogo entre a “presença do ausente” e a “ausência da presença”, sendo assim, os conceitos de rastro e memória são fundamentais para compreender o funcionamento da inclusão das mulheres. Se retomarmos as imagens da **caixa de sugestão** percebemos que a presença de corpos de mulheres indígenas é pequena, as indígenas aparecem em um único post. É interessante notar que um dos poucos posts sobre as mulheres indígenas publicadas no blog ganha lugar de destaque, construindo a ideia de que post sobre mulheres indígenas são recorrentes no blog, no entanto quando comparado com as postagens sobre mulheres negras, mulheres trans entre outros temas, o lugar destinado contar as experiências indígenas deixa evidente a ausência dessa temática no blog.

Para Jeanne Marie Gagnebin em *Lembrar, Escrever, Esquece* (2006) o rastro é “fruto do acaso, da negligência, às vezes da violência; deixado por um animal que corre ou por um ladrão em fuga, ele denuncia uma presença ausente” (p.113). É “o rastro que inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente” (GAGNEBIN, 2006, p.44), ou dito de outra forma, é o rastro que inscreve o que não formou série, o que não significou na memória discursiva e que pode cair no esquecimento. A memória discursiva segundo Pêcheux pode ser “aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’” ou seja “os pré-construídos, elementos citados e relatados, etc, de que sua leitura necessita”(PÊCHEUX, p.54). Nesse sentido, a inclusão das mulheres é o próprio rastro. E são esses rastros que seguimos para pensar como se articulam as histórias que pretendem significar nomes, trajetórias, mulheres, antes esquecidas e que agora podem significar, formar uma série, ou séries que se inscrevam e se atualizam em uma memória.

Em “O rastro e a cicatriz: Metáforas da memória” Gagnebin ao narrar as passagens da Odisséia de Homero, nos conta como a cicatriz de Ulisses funcionou como um rastro para acessar memórias. Ulisses ao retornar a seu palácio, mais velho e disfarçado de mendigo, é

reconhecido por uma de suas servas Euricleia, que ao lavar os pés do mendigo toca a cicatriz de sua perna e reconhece Ulisses; “sem dúvida, tu és Ulisses, meu filho querido! E eu não te reconhecia! Foi preciso primeiro ter tocado no corpo do meu amo” (GAGNEBIN, 2006, p. 107). A cicatriz é o rastro não intencional que denuncia a presença ausente do jovem Ulisses naquele homem, que nada remetia a memória de um rei, a cicatriz é o já sabido, é a marca do ferimento sofrido por Ulisses ainda criança enquanto caçava com seu avô e fora atacado por um javali.

Nesse movimento, a inclusão significa como uma cicatriz, como algo que já está dado, já significado, uma marca na memória, pela qual é possível lembrar da necessidade de memória das mulheres, a cicatriz significa algo que já está dado, o pré-construído: a ausência das mulheres.

Marília, diferentemente do jogo, relembra o nome de algumas mulheres filósofas como “Hypatia, Emma Goldman, Hanna Arendt, Susan Blow” e algumas intelectuais “Pagu, Gertrude Stein, Virginia Woolf, Gilda de Melo e Souza”, nos comentários vemos surgir nomes e histórias como a de Ada Lovelace, de Emily Noether, Marie Curie entre tantos outros. No entanto, somente um dos comentários deixa os problemas da inclusão de lado e fala das possibilidades:



Bih D'lma no dia 23/06/2011 às 12:52 disse:

O que tem de grandes mulheres(conhecidas ou anônimas) que revolucionaram(e revolucionam)seja em qualquer area,é muito mais do que muita gente pensa,elas ainda podem não ser tão reconhecidas e acabam não recebendo lauréis que tanto merecem..algumas que me encantam:

MARIE CURIE(meu exemplo profissional..GERTRUD STEIN..MARIA QUITÉRIA..CORA CORALINA(uma simples mulher,mas com uma rica obra poética sobre o cotidiano)..INDIRA GANDHI(pensadora política brilhante!)..BENAZIR BHUTTO (primeira mulher a ocupar o cargo de premiê de um país muçulmano)..BARBARA DE ALENCAR(dispenso comentarios!)JANIS JOPLIN(salve minha diva!)KAKI KING(ela mostra que mulher sabe fazer barulho!).....

E,EU,VOCE,NOSSAS AMIGAS,NOSSAS FILHAS,NOSSAS MAES,NOSSAS NAMORADAS,NOSSAS ESPOSAS,NOSSAS AMANTES..mulheres perfeitas,heroínas!

Figura 54 Post *Existem mulheres filosofas, cientistas, intelectuais? Recorte II*

Bih D'ilma, em comentário, lembra de forma afetuosa de várias mulheres entre elas conhecidas ou anônimas, mulheres que independente de serem reconhecidas ou não, “revolucionaram” suas áreas de conhecimento. As personagens significam na relação com a memória de Bih D'ilma: Marie Curie física, vencedora de Prêmios Nobel, exemplo profissional; a cantora Janis Joplin, “diva”; Barbara de Alencar, participante da revolução pernambucana no século XIX, que para a autora “dispensa comentários”, mas que é desconhecida por uma grande parte da população.

Ada Lovelace é citada no poste da blogueira como a primeira pessoa a desenvolver a programação computacional. E nos comentários é lembrada como a “mãe da computação”. No trabalho *Mulher Digital: o feminino e as novas tecnologias* (1999) Sadie Plant²³ reescreve a história de Ada, que aparece linkada com tantas outras histórias de mulheres produtoras de saberes e principalmente na área da tecnologia. Nesse percurso, a autora opta pelo que Gagnebin definiu como Lembrar Ativo “um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos.” (2006, p.105). Plant argumenta que as estruturas de poder, favorecem desigualmente aos homens e à sociedade masculina. E que essas estruturas deveriam se tornar mais igualitárias por intermédio dos processos, conhecer e valorizar os elementos femininos da e na tecnologia. Assim, ela faz uma história da tecnologia onde os sujeitos centrais são femininos, sejam homens ou mulheres. Sem significar pela falta, Plant apresenta aos leitores inúmeras histórias de mulheres que trabalharam no desenvolvimento do que conhecemos hoje por informática.

É possível pensar essa vontade de contar no blog como uma resistência, sair do movimento das “taxonomistas”, que tendem a refazer a história feminista de modo que essas histórias pareçam uma luta ideológica entre categorias coerentes e temporalmente contínuas, a taxonomia do feminismo produz narrativas que policiam qualquer posição

²³Fundadora do Centre for research into Cybernetic Culture da Universidade de Warwick (UK). Exponente teórico dos ciberfeminismos na década de 1990, Plant é reconhecida por algumas ciberfeministas como a criadora desse movimento.

que se desvie da “experiência oficial” das mulheres. Onde todos os outros feminismos que fogem a taxonomia ou são incorporados ou marginalizados, “em geral por uma ontologia e de uma epistemologia explícitas” (HARAWAY, 2000, p.50) Vejamos o post *Grupos que incentivam as mulheres em TI*, essa publicação tenta inscrever na memória as histórias pouco contada pelas narrativas feministas: as relações entre mulheres e tecnologias.

← Anterior Próximo →

Grupos que incentivam mulheres em TI

Postado em: 13/11/2013 por: Autoras Convidadas

Texto de Kamilla Holanda.

Tenho participado de encontros de mulheres desenvolvedoras de software em Washington D.C. (EUA) e fico muito feliz quando posso ir e ver mulheres falando sobre tópicos técnicos, dando palestras e transmitindo conhecimento, isso é muito empoderador. Nunca tive a oportunidade de participar de algo assim no Brasil. Estou há quase cinco anos na faculdade de Engenharia de Software e, infelizmente, posso contar nos dedos de uma mão as meninas que conheci. E, mesmo que existam algumas meninas no curso, já vi muitas vezes elas serem “empurradas” para cargos que precisam especificamente de maior socialização e menos programação, com justificativas de que as mulheres são menos adequadas para trabalhar especificamente com programação.

Figura 55 Recorte 1 Grupos que incentivam mulheres em TI

Não é novidade para ninguém a importância da Tecnologia da Informação e o quanto isso pode mudar os rumos da nossa sociedade. Concordo plenamente com o slogan do [Anita Borg Institute](#): “A tecnologia transforma o mundo e as mulheres transformam a tecnologia”. Por isso, mais do que nunca, é importante que mulheres ocupem seus espaços e assumam seus postos trabalhando como cientistas da computação, engenheiras de software, engenheiras de computação, analistas de sistemas e etc.



— Foto de divulgação do site [Black Girls Code](#).

Figura 56 Recorte 2 Grupos que incentivam mulheres em TI

No Blogueiras Feministas, nas postagens organizadas pelas tags internet, cultura e mídia e na série de entrevistas [Mulheres e TI](#) é possível compreender como se relacionam mulheres e tecnologias no weblog. No texto *Grupos que incentivam mulheres em TI* de Kamilla Holanda, a autora aponta a ausência de mulheres no desenvolvimento e construção de saberes e produtos no âmbito das tecnologias, em especial na área da programação. Para autora, a falta de incentivo às meninas dentro de suas famílias é uma das causas dessa ausência e outro ponto é o preconceito pautado pelo gênero, que alimenta o mito de que mulheres são “menos adequadas para trabalhar especificamente com programação”.

A desigualdade entre o número de mulheres e de homens que optam em cursar e permanecer no mundo das Tecnologias da Informação é marcada por questões sociais e históricas como sugere o texto *Garotas de programa*²⁴, indicado na postagem em destaque. Apresentando o cenário pós Segunda Guerra Mundial em que a informática precisava de força de trabalho, as mulheres que antes trabalhavam como perfuradoras de cartões aproveitaram a situação e “começaram a correr para aulas de informática”. Essa corrida foi possível porque o curso de informática era parte das faculdades de artes liberais, um universo mais próximo e possível. O que levou a um número alto de mulheres capacitadas e tornou possível nos anos 1960 a programação ser vista como “coisa de mulher”.

Ambos os textos apontam a força de trabalho feminino como ponte entre mulheres e tecnologia no passado, e uma ausência de mulheres nas áreas técnicas: “cientista da computação, engenheiras de software, engenheiras da computação, analistas de sistemas, etc” e são esses cargos que as mulheres “devem” ocupar. No texto é possível acessar várias outras páginas e artigos que incentivam e relacionam mulheres e tecnologia. Nesse sentido, o post e seus desdobramentos são campanhas de incentivo às meninas e às jovens mulheres a conhecerem e se tornarem profissionais que dominam o aparato técnico da programação e assim poderem modificar as tecnologias.

²⁴ Texto *Garota de Programa*. Disponível em <http://blogs.estadao.com.br/link/garotas-de-programa/> acessado em 22 jan 2015

O que chama atenção é a aposta no potencial de mudanças das tecnologias, que é incontestável segundo a autora, e o potencial das mulheres: *A tecnologia transforma o mundo e as mulheres transformam a tecnologia*. No enunciado temos duas formulações que se complementam: a tecnologia transforma o mundo, as mulheres transformam a tecnologia, em exercício de paráfrase podemos deslizar para as “mulheres mudam o mundo”.

A colocação aponta para a existência de um modo de fazer feminino ou um “estilo feminino”, pelo qual só as mulheres podem operar tais mudanças. A discussão se há um “estilo feminino” é antiga, nos anos 1980 povoou algumas regiões das produções feministas, que se convencionou chamar de feminismo da diferença. O feminismo da diferença prezava a diferença entre homens e mulheres e as qualidades significadas como “femininas” em nossa sociedade e por isso eram desvalorizadas.

Um dos princípios do feminismo da diferença remonta ao século XIX, a escritora Elise Oelsner afirmava que “a natureza superior das mulheres poderia reformar a ciência desviando o conhecimento da busca de poder para maior igualdade, liberdade e fraternidade para toda a espécie humana.” (SCHIENBINGER, 2001, p.24). Nas décadas subsequentes o enfoque sobre características femininas culturalmente específicas despertou afirmações de que as mulheres teriam “meios de conhecer” diferentes, incluindo “cuidado”, “pensamento maternal”, que supostamente estavam excluídos das práticas dominantes das ciências. Londa Schienbinger aponta que um dos riscos em afirmar que as mulheres conhecem de forma diferente acaba por naturalizar as diferenças de gênero e essencializar a categoria “mulher”, uma vez que o conhecimento produzido seria fruto de uma “característica feminina” e não dos questionamentos e trabalhos dessas mulheres.

Sadie Plant ao escrever sobre a produção de conhecimento aponta que uma característica que ligaria Ada à internet é a nota de rodapé. A autora faz referência ao texto de Ada construído junto aos escritos do Esboço do engenho analítico de Charles Babbage. Deslocando os sentidos cristalizados sobre as notas: costumeiramente consideradas adjuntas ao

texto, vistas como marginais, paralelas, menores. Provocando a ilusão de que há um texto central e as notas funcionam como intervenções fora dele, de forma separada e que entre texto e nota há uma hierarquia de importância. Plant chama a atenção para a forma como os hipertextos se constroem e são dispostos na internet: como teias, repletas de “notas de rodapé” sem pontos centrais, princípios organizadores ou hierarquia (PLANT, 1999, p. 17) e associa a materialidade do digital com o texto de Ada Lovelace e o trabalho desenvolvido pelas mulheres junto a tecnologia. Essa forma de construção do conhecimento, realizada por meio de uma abordagem de conexões múltiplas, define a inteligência não mais como “monopolizada, imposta, dada por uma força eterna, transcendente e superior, mas em vez disso, desenvolvendo-se como processo emergente, engendrando-se a si mesma de cima para baixo” (PLANT, 1996 apud WELLS, 2005).

A conectividade como forma de saber é desenvolvida pela autora na narrativa sobre Anna Freud, quando a autora apresenta ao leitor um “método” diferente do corrente, que se iniciaria pelo fim. Instigada a escrever uma palestra, Anna primeiro escrevia em sua imaginação, apreciando os aplausos, as felicitações, depois escreveria um esboço do que havia dito. Fazer algo ao contrário, de frente para trás, de cima para baixo, contrário a qualquer sistema racional. Segundo Marshall McLuhan não foi meramente uma invenção ou descoberta foi a “invenção da invenção” (PLANT, 1999, p.31). O Método de Anna é interligado à forma como “os hackers eletrônicos fazem pirataria [...] começado no fim e, em seguida, iniciando um processo que simultaneamente monta e desmonta a rota de volta ao começo.” (PLANT, idem)

Deslizando sentidos entre mulheres e tecnologia Plant, no último parágrafo de seu livro, deixa em aberto a possibilidade de um “estilo feminino”: “Com certeza, é muito improvável um estilo feminino, mas tampouco posso compará-lo exatamente ao de um homem.’ O estilo era, talvez, um código para os números que viriam” (PLANT, idem, 232). No entanto, no percurso do livro a autora constrói sentidos para o funcionamento da internet e o desenvolvimento da tecnologia como inconcebíveis sem a “organização” dos saberes de mulheres como Ada,

Anna, as fiandeiras, as telefonistas, as perfuradoras de cartões. O que nos leva a pensar que há em Plant assim como no Blogueiras Feministas um feminino que modifica a tecnologia, tanto quanto o mundo, uma vez que as mulheres ocupem seus postos na tecnologia. Mas será que ter mulheres na tecnologia garantem garante essas mudanças?

CAPÍTULO 3 Feminismo digital

3.1 Materialidade: *Blog* como local de escrita feminista

[...] Esqueça o quarto só para si – escreva na cozinha, tranque-se no banheiro. Escreva no ônibus ou na fila da previdência social, no trabalho ou durante as refeições, entre o dormir e o acordar. Eu escrevo sentada no vaso. Não se demore na máquina de escrever, exceto se você for saudável ou tiver um patrocinador – você pode mesmo nem possuir uma máquina de escrever. Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por paixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever. Glória Anzaldúa

Internet [...] um espaço da vida escrita. Cristiane Dias

Nossas ferramentas de escrita afetam nossas ideias. Régine Robin

Depois de termos acompanhado algumas práticas do Feminismo Digital no Blogueiras Feministas podemos afirmar não há separação entre o sentido da escrita e o meio utilizado. Essa afirmação pode se sustentar pela noção de forma material proposta por Orlandi (2012). Para Eni Orlandi é via forma material que se compreende a materialidade do sentido, como um processo histórico de significação em que o sujeito, a história e a linguagem, estão materialmente implicados.

O conceito de forma material é formulado pela autora a partir de seus estudos sobre a noção de materialidade, matéria e materialismo. O materialismo, que permite afirmar que só existe a matéria, é pensado entre materialismo histórico e materialismo dialético. O materialismo histórico é o “termo criado por Engels para designar a doutrina de Karl Marx, segundo a qual os fatos econômicos estão na base e são a causa determinante dos fenômenos históricos e sociais.” (ORLANDI, 2012 b, p.71) E o materialismo dialético como algo maior, que “engloba” o histórico. Para a autora o materialismo dialético “considera o universo como um todo, formado de matéria e movimento, engajado em uma evolução”. Com essa distinção Orlandi retoma a noção de matéria e movimento que será crucial para formular a forma material. Pois a

matéria, no materialismo dialético, “é a substancia suscetível de receber uma forma”, e o movimento significa no materialismo dialético pela “ ideia que o mundo não pode ser considerado como um complexo de coisas acabadas mas de um processo onde as coisas e o reflexo delas na consciência (os conceitos)” (ORLANDI, 2012b, p.71). É nessa direção que a autora formula forma material

que se distingue da forma empírica e da forma abstrata. A forma abstrata seria essa que é simplesmente um elemento de uma rede, de um sistema. E a forma empírica é essa que você usa, ou seja, essa que corresponde já a uma realidade que já é resultado de um processo e a forma material é o processo, é a que está ali, é ela enquanto processo (ORLANDI, 2007)

Assim podemos dizer que a escrita no digital tem implicações diferentes do que em outros meios, uma vez que o processo de significação é diferente se considerarmos as materialidades da escrita (língua), o momento histórico (história) e dos sujeitos. (ORLANDI, 2012b, p.70)

Se retomarmos a formulação da blogueira Danielle Cony:



Penso logo sou feminista. Escrevo logo sou blogueira. Danielle Cony

Figura 57 Recorte O que é uma blogueira feminista

Em “Penso logo sou Feminista. Em escrevo logo sou blogueira” o conjunto de ícones e da expressão “logo sou blogueira” constitui o que Cristiane Dias (2008) conceitua por corpografia, na medida em que marca um modo específico de produzir sentido, ou seja, isso só pode ser dito naquelas condições de produção e só produz sentido em um *blog* que possibilita a escrita como experiência feminista, praticas feministas que se constituem em um meio digital: *#hashtag*, a circulação e construção dos corpos-protestos.

Cristiane Dias considerando a tecnologias digitais e o uso do computador na escrita, a materialidade da língua formula “corpografia” (DIAS, 2008, p.12):

o conceito está pautado não na representação da língua, mas no simulacro da língua, pensando a escrita na Internet, e propõe em seus traços uma forma corpográfica do pensamento. Isso porque pretende descrever o modo como o corpo se inscreve materialmente na língua, pela composição do impossível do corpo e do impossível da língua. O impossível é, portanto, o lugar de encontro entre língua e corpo, no qual ancoro a concepção de corpografia, tomando a língua como simulacro do corpo e não apenas como representação do pensamento.

E nos provoca a pensar “Qual é a materialidade da escrita dos nossos dias? Como, onde e com que, escrevemos, hoje? Quais são nossos instrumentos de escrita?”

No caso do Blogueiras Feministas o processo de significação de uma escrita feminista se dá entre: a constituição da identidade blogueiras feministas- na tensão entre o coletivo e o individual, pelos processos de identificação com as Formações Discursivas dos Feminismos; a formulação e a circulação- pela materialidade do blog, as estruturas de redes, a conectividade dos posts pelas *tags*, os *links* internos e externos com outros blogs, a militância junto às redes sociais.

Cristiane Dias (2013, p.62) ao apresentar o computador como forma da escrita, ao abordar a questão do instrumento e do suporte mostra que

o modo de grafar —a forma material da escrita— tem a ver com o instrumento e este tem a ver com o desenvolvimento tecnológico de uma sociedade —e aqui tomo as condições de produção em seu sentido amplo— com a produção de conhecimento, com as relações histórico-sociais, com a produção de uma temporalidade específica.

Vejamos então quais são as condições de produção da escrita no *blog* feminista, Dias (Idem) nos conta que as condições de produção no digital são, “inicialmente, as da máquina, com sua linguagem específica: a linguagem de programação”. O Blogueiras Feministas está inscrito em um momento histórico de popularização dos blogs, que se caracterizou pelas praticidades posteriores à invenção do Blogger® (sistemas que proporcionaram uma maior facilidade na publicação e manutenção dos sites, pois não exigiam o conhecimento da linguagem técnica HTML) e pela gratuidade, os blogs foram rapidamente adotados e apropriados para

os mais diversos usos, sendo muito usados como diários pessoais, onde seus autores registravam e expunham suas experiências, pensamentos, biografias e etc. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2009).

Uma vez situado no momento de popularização dos blogs, o Blogueiras Feministas nesse trabalho toma a dimensão de um lugar, de acesso a tecnologia que não é dificultada pela falta de domínio da linguagem de programação comum entre os usuários da internet, que o possibilita como espaço de produção e circulação de saber feminista em meio digital. O *blog* é o local onde os discursos textualizam-se em diferentes materialidades significantes como imagens, sons, vídeos, textos escritos.

Uma escrita feminista digital é possível entendida sob a luz do conceito de corpografia, (DIAS, 2008). “uma vez que é pela escrita que esse laço/traço de pertencimento a uma comunidade”, no BF as inscrições e processos de identificação do sujeito com os feminismos via escrita no blog. “Pois pertencer a um território x ou y é identificar-se ao sentido que esse território produz, e se o sentido se produz pela língua, na história” (DIAS, 2008).

3.2 Feminismo digital

O feminismo digital são práticas feministas que tem no digital a sua materialidade, que não significam ou significam de outras formas fora do digital.

O que seria o feminismo digital na tensão e na dispensão? O feminismo digital se constitui nas tensões entre eu e nos/ rede e rua – são dois pontos centrais que constituem o blog, a própria autoria no *blog* se dá nessa tensão da assinatura, do nome do autor, a unidade organizada em função de um ao mesmo tempo que se constitui autor na dispersão de textos, criando via a ideia de autoria colaborativa, uma função autor no blogueiras feministas. Vejamos o post “O feminismo na internet também é importante”:

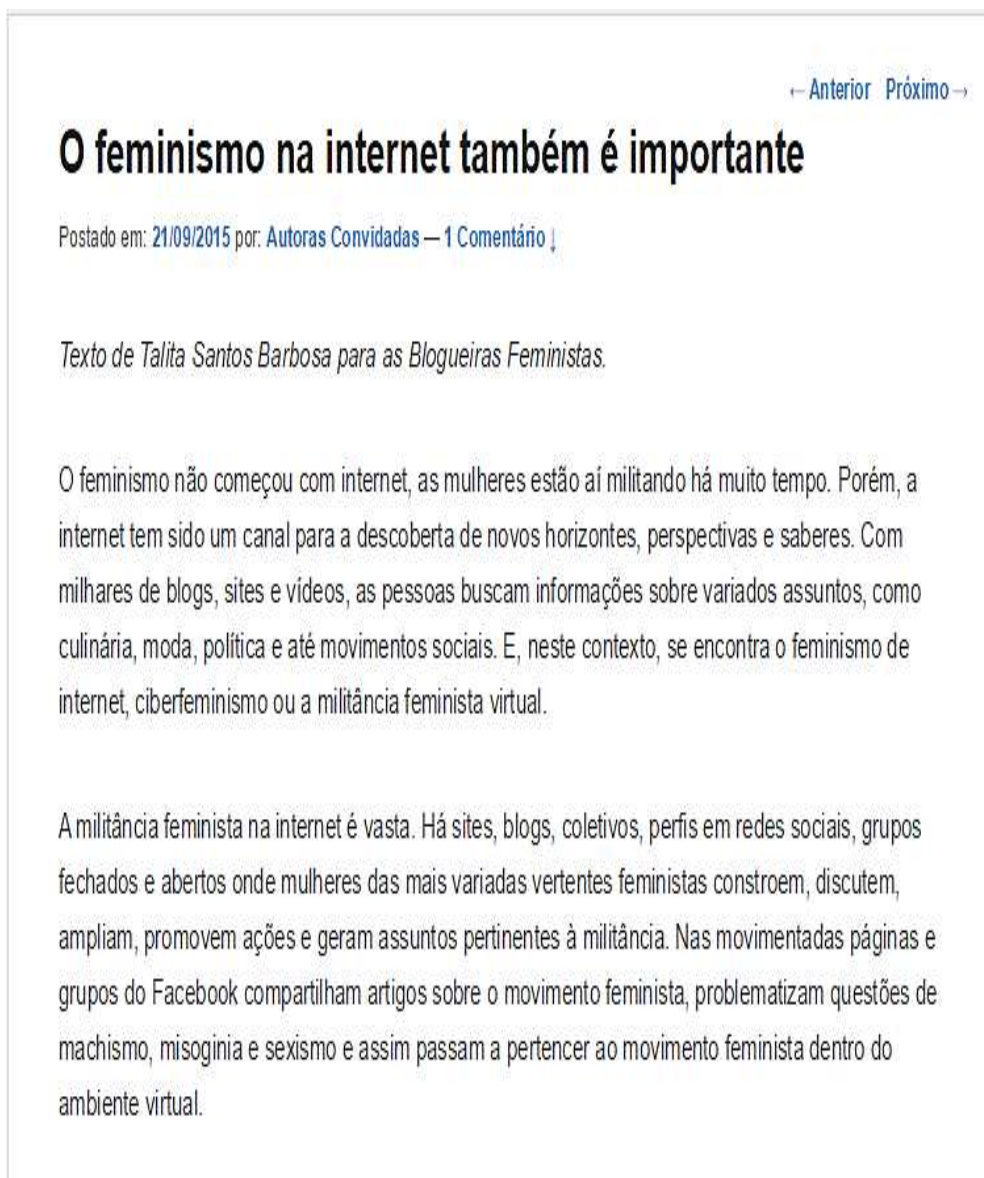


Figura 58 Recorte1 Post O feminismo na internet também é importante

Ao apresentar o contexto no qual se encontra o feminismo digital, a blogueira Talita Santos Barbosa observa que os feminismos não começaram com a internet. Afirmação que não minimiza a prática e ressalta a importância da web na militância uma vez que “a internet tem sido um canal para a descoberta de novos horizontes, perspectivas e saberes.”.

De fato os feminismos não começam com a internet, existem várias narrativas que constroem contextos para as relações entre feminismos e internet. Sobre os feminismos no Brasil, do final da década de 1990 ao momento presente, Sônia Alvarez argumenta que os movimentos

feministas estariam vivendo o que ela classificou como 3º momento, chamado de “*sidestreaming*”, no qual “o fluxo horizontal dos discursos e práticas de feminismos plurais” se ramificam “para os mais diversos setores paralelos na sociedade civil” causando “a multiplicação de campos feministas” (ALVAREZ, 2014, p.17). Entre essas multiplicações vemos o feminismo digital se consolidando enquanto prática.

Esse terceiro momento se caracteriza também por um diálogo com as práticas das *grrls*, *anarcopunk*, *as riots grrlls*, as memórias ciberfeministas *do-it-yourself ou faça-você-mesmo e we can be whatever you want!* ou podemos ser o que quisermos!. Que por muitas vezes eram pontos de tensão e crítica às práticas e discursos dos feminismos convencionalmente chamados de “institucionais”. A “institucionalização” dos feminismos nos anos 1980 e 1990 diz respeito a alguns grupos e pessoas feministas que se articularam e iniciaram um diálogo com instituições do Estado, a ONU, entre outras que possibilitaram e custearam as ONGs.

Para Alvarez (2014), a internet, as redes ou “meios sociais” desempenham um papel de destaque na popularização dos feminismos e na “articulação desses campos incipientes e mais precarizados”. A autora explora a internet em seu aspecto comunicacional como “meios massivos de comunicação e interação, estimulando o que Juris (2012:260-61) tem chamado uma ‘lógica de agregação’” o que resultaria na diversificação de pessoas em manifestações eventuais (ALVAREZ, 2014, p.45). Assim o feminismo digital transformaria as práticas de articulação e circulação dos feminismos.

Entusiasmada com a circulação na internet a blogueira entrelaça a possibilidade de experienciar os feminismos com a busca por conhecimento e o grande número de ofertas de informações, produzidas pelos feminismos, que circulam na web. Nesse sentido, Boix & Miguel (2013) ao remontar uma história do “ciberfeminismo social” nos conta que nos anos 1990 em Nova York e Londres as organizações de defesa dos Direitos Humanos e grupos ecologistas e pacifistas construíram as primeiras redes sociais na Internet usando servidores alternativos para articularem suas ações. Em 1993, surge um dos primeiros grupos de

mulheres e tecnologia, Associação para o Progresso das Comunicações-mujeres. A APC-mujeres tinha como proposta “utilizar as novas tecnologias para o empoderamento das mulheres no mundo.”. Dessa iniciativa muitas outras surgiram a " American International Health Alliance, Boston Women's Health Book Collective, Casa de Cores, Center for Women's Global Leadership, Femnet, Equality Now, Global Foundation for Women, Isis Internacional e De Mujer a Mujer” (BOIX; MIGUEL, 2013, p.68-69).

A primeira ação em redes de mulheres listada pelas autoras foi a participação na IV Conferência Mundial de Mulheres, na China em 1995. No evento formou-se uma rede de comunicação entre as mulheres que estavam na China e as que participavam pela rede: “em Pequim, onde uma equipe de 40 mulheres de 24 países assegura formação e apoio a 1.700 usuárias criando um espaço eletrônico com informação das ONGs presentes na China, em 18 idiomas, que contabilizou 100.00 visitas em sua página web”. Garantido, assim, que as mulheres ausentes tivessem acesso aos conteúdos, debates e pudessem expressar suas opiniões durante a transmissão do evento. Nesse processo, uma das pautas foi a exigência da “democratização” dos meios de comunicação, pois pela experiência descrita se constatou que “existiam outros caminhos a explorar, um novo mundo para descobrir e ocupar, um mundo no qual talvez coubesse a possibilidade de inverter valores, e um espaço ainda sem manipular para poder utilizar na luta das mulheres.” (BOIX; MIGUEL, 2013, p 69-70)

Em Pequim, a Comunicação foi reivindicada como um dos Direitos Humanos básicos e como elemento estratégico chave para a mudança social que as mulheres exigem na luta pela igualdade de direitos. Caracterizando o ciberfeminismo social e, como veremos, o direito, a comunicação é uma reivindicação constante nos Blogueiras Feminista.

[← Anterior](#) [Próximo →](#)

Carta Aberta das Mulheres em Luta pelo Direito à Comunicação

Postado em: 24/08/2011 por: [Blogueiras Feministas](#)

Hoje, dia 24 de agosto será um dia importante para todas as pessoas que defendem a liberdade na web. O PL Azeredo, conhecido como AI-5 Digital, voltou ao debate na Câmara recentemente e poderá ser votado a qualquer momento. O pessoal da [Campanha Mega Não](#) tiveram sucesso em adiar temporariamente a votação conseguindo que a Câmara sediasse um Seminário para debater o projeto de lei. Este seminário está marcado para esta quarta-feira e contará com a presença de parlamentares aliados e representantes da sociedade civil.

Figura 59 Post Carta Aberta das Mulheres em Luta pelo Direito à Comunicação

Em post coletivo as Blogueiras Feministas se posicionam publicamente contra o Projeto de Lei- PL 84/89, nomeando-o como AI-5 Digital. Partindo da premissa que a internet é um espaço livre de relações de poder, no qual todos podem criar, falar, circular, “comunicar”, entendendo que a PL 84/99 interditaria a “liberdade na web”.

O AI-5 Ato Inconstitucional nº5 de 1968, dava ao “presidente da republica” direito de decretar intervenção nos estados e municípios sem as limitações previstas na Constituição; suspendia o direito de votar e ser votado; limitava as ações políticas e culturais, pois determinava fortes penas a quem se opusesse a manutenção da “a ordem, a segurança, a tranquilidade, o desenvolvimento econômico e cultural e a harmonia política e social do País comprometidos por processos subversivos e de guerra revolucionária;”²⁵ De forma resumida em tempos de ditadura militar o AI-5 interditava a “liberdade” daqueles que se opunham ao regime vigente.

As Blogueiras ao nomear a PL em AI-5 Digital atualizam as memórias de interdição vividas durante a ditadura civil-militar brasileira. Criando para si uma memória alinhada aos grupos de esquerda parte da

²⁵ Para mais ver ATO INSTITUCIONAL Nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm acessado em 20.01.2016

militância pelo fim da ditadura. Em contraposição a PL84/99 e seus apoiadores na política se alinhariam aos cerceadores da liberdade. A possibilidade da regulação da internet pela PL 84/99 torna visível e eminente as relações de poder que já existem na internet e as institucionalizariam.

Mulheres em luta pelo direito à comunicação

Lutar contra o AI-5 Digital é um das frentes de luta para muitas blogueiras feministas. Como diz Ju Pagul:

Uma cultura que muitas buscaram: hoje milhões de mulheres possuem seus próprios espaços na internet. Fizemos nossos telhados e jardins de expressão. Muitas trocam informações e conhecimento na rede. Tantas outras têm perfil no Twitter, Facebook, Orkut (isso sem citar as ferramentas livres). As redes sociais são praças. Hoje nós mulheres andamos de dia e de noite, pelas praças do mundo virtual. E voltamos pra casa quando bem entendemos.

Porém, nem todas conseguem usufruir da liberdade de criação e expressão na rede. Ainda temos muitas barreiras para derrubar quanto nossa vida expressiva no mundo virtual. Sabemos que poucas mulheres são programadoras, compreendem como funcionam os computadores, ou devido as múltiplas jornadas de trabalho conseguem tempo para navegar e aprender. Ainda temos muitos desafios de emponderamento na rede. Estamos justamente em várias frentes de batalha pela apropriação tecnológica e inclusão digital de mais mulheres. Continue lendo em [Precisamos abortar o AI5 Digital](#).

Figura 60 Recorte Post Carta Aberta das Mulheres em Luta pelo Direito à Comunicação

Ainda no post as BF apontam a internet como “uma cultura que muitas buscaram” um espaço ocupado pelas mulheres que o transformam em seus “próprios espaços”. Nessas ocupações podemos ver outros sentidos para comunicação, para além da transmissão, recepção, circulação de conteúdos. Em “fizemos nossos telhados e jardins de expressão [...] As redes sociais são praças. Hoje nós mulheres andamos de dia e de noite, pelas praças do mundo virtual. E voltamos pra casa quando bem entendemos” o que circulam são sentidos e não informação,

dados, as produções dessas mulheres se corporificam e ocupam praças, ruas, jardins, telhados de dia e de noite, sem os limites impostos pela violência urbana. Wilding (1998) aponta que as mulheres ocupando as redes na internet tem construído um território próprio, o que não significa um território exclusivo, mas que “demonstramos ser capazes de estabelecer nossas próprias regras neste novo meio disputando o espaço virtual com o patriarcado” (WILDING, 1998)

Entretanto, há várias pessoas que questionam a militância virtual e chegam a afirmar que ela é inútil, pois acreditam que tal movimento não gere efeito algum e que o correto é participar de coletivos e movimentos fora da internet. Só que ao fazerem tais afirmações, os recortes não são feitos e, como consequência, as mulheres que encontram impeditivos para estarem presencialmente militando pelo feminismo são colocadas à margem do movimento. Por isso, é tão importante lembrar que nem todas as mulheres possuem tempo, condições, apoio ou estrutura para militar fora do ambiente virtual.

Portanto, desmerecer um movimento que, graças à internet, alcança milhares de mulheres todos os dias, não me parece a melhor estratégia. Pois, os diversos sites e comunidades de militância feministas que existem podem ser definidos como espaços físicos transpostos para o ambiente cibernético que, desta forma, facilitam a chegada do feminismo à vida de muitas pessoas em todo o país. Logo, os movimentos sociais que atuam no mundo virtual são tão válidos quantos os que atuam nas cidades físicas.

Figura 61 Recorte Post O feminismo na internet também é importante Parte II

Retomando o texto O feminismo na internet também é importante, a blogueira aponta que a internet é crucial para que as mulheres que não podem frequentar grupos e coletivos feministas tenham experiências feministas. Historicamente, os feminismos dependeram das mulheres tomarem corporalidade conjuntamente nas cozinhas, nas igrejas, nas assembleias e nas ruas (WILDING, 1998), para que esse movimento se constituísse. Como vimos, ainda é preciso de uma corporalidade presente, no entanto, agora o local ocupado é o ciberespaço por um corpo produzido a partir do contato mulher e internet.

A blogueira Talita, filiada aos estudos de Pierre Lévy, sugere que essa ocupação se daria pelo processo de transposição “da vida social

contemporânea” para um ambiente virtual. Como podemos ver no recorte abaixo:

Para entender como funciona o processo de troca de informações e a militância na internet, é necessário entendermos alguns termos, entre eles: cibercidade, cibercultura e a interatividade. Assim, o filósofo francês [Pierre Lévy](#), define o termo ciberespaço não apenas como a infraestrutura material da comunicação, mas também como o universo oceânico de informação que ela abriga. Desta forma, o ciberespaço funciona como uma transposição da vida social contemporânea, que são reestruturações do mundo real para o ambiente virtual. Pois, da mesma forma que há movimentos feministas nas cidades físicas, das mais variadas vertentes, no campo digital, há também blogs, comunidades e grupos de discussões feministas.

Figura 62 Recorte Post O feminismo de internet também é importante. Parte III

No entanto, gostaria de pensar essa relação como sugere Cristiane Dias (2011), na elaboração do conceito de e-urbano:

e-urbano é a forma material da cidade contemporânea, através dele, da forma material da palavra, mas também da forma material da cidade, compreendemos 1) o processo de produção de sentido no e do espaço urbano, significado pelo eletrônico, e 2) o processo de produção da vida no que diz respeito às suas relações sociais nesse espaço urbano significado pelo eletrônico

Para Dias não se trata de uma transposição entre espaço urbano ou da vida social para um espaço digital, a ocupação da internet é “relação de mão dupla” (DIAS, 2011, p. 14).

Entretanto, sabemos que a desigualdade social ainda é enorme no Brasil e, como consequência, mulheres periféricas, majoritariamente negras e analfabetas, não têm acesso à internet. Além delas, mulheres indígenas, trabalhadoras rurais, mulheres com deficiências físicas também enfrentam inúmeras barreiras sociais e econômicas que impedem o ciberfeminismo de chegar até elas. Logo, vale lembrar que a importância da militância feminista na cidade física está também em expandir o movimento, sair dos ambientes restritos e ir de encontro a todas as mulheres.

Figura 63 Recorte Post O feminismo de internet também é importante. Parte IVI

Mesmo recorrendo ao imaginário de uma internet livre, onde as informações e sujeitos circulam sem fronteiras, Talita relativiza o status de liberdade na rede, uma vez que alguns sujeitos não têm acesso à internet por questões sociais e problemas na educação. Os sujeitos aqui apontados são as mulheres das periferias, em sua maioria “negras e analfabetas”, as indígenas, trabalhadoras rurais, mulheres com deficiências físicas, apontando quais são as fronteiras encontradas pelas práticas feministas na internet.

Apesar do funcionamento das relações de poder como reguladoras da liberdade na internet, há pontos de fuga, por meio dos quais as próprias condições de produção e a materialidade constitutiva dos movimentos faz funcionar uma memória que tem efeitos no real do sentido, ainda que não seja “oficializada”. É o não-dito que funciona na produção dos sentidos que se atualizam em outras formas de feminismo, como, por exemplo, o feminismo digital e as práticas que dele decorrem.

Retomando o post “O feminismo de internet também é importante” vemos que o ciberfeminismo é tratado como sinônimo de “feminismo de internet” ou “militância feminista virtual”. Esse é o único momento em que o termo ciberfeminismo aparece nas publicações do Blogueiras Feminista tornando visível o silêncio sobre o termo. Ferreira (2014) argumenta que no Brasil os ciberfeminismos são discutidos, mas poucas vezes são nomeados:

É verdade que talvez seja possível aglutinar temas que frequentemente aparecem sob a alcunha e/ou o debate dos ciberfeminismos, por exemplo, discussões sobre mulheres *hakers*, programadoras, *medias-labs*, *software livres*, etc. (FERREIRA, 2014)

O silêncio do termo ciberfeminismo parece funcionar como o silêncio constitutivo proposto por Eni Orlandi (2013). O silêncio constitutivo é da ordem da enunciação, própria da produção de sentidos, “se diz ‘x’ para não dizer ‘y’, este sendo o sentido a se descartar do dito” (ORLANDI, 2013, p.73-74). Fala-se em “feminismo de internet”, “militância feminista virtual”, “militância feminista na internet”, em mulheres ocupando a internet, em mulheres “transformando a tecnologia”, poderíamos, ao invés disso, dizer ciberfeminismo? Evidenciando essa questão há um debate na bibliografia brasileira que nos dará algumas pistas.

Em artigo *O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina*, da jornalista Tatiana Wells (2005), foi umas das primeiras publicações brasileiras sobre o tema, tornando-se referência tanto para trabalhos acadêmicos posteriores, quanto para as pessoas que escrevem na web sobre o tema. Levantando a problemática da existência de ciberfeminismos na América Latina. Nele, Wells fala em ciberfeminismo no singular e, inspirada nas teorias de Sadie Plant (1999), caracteriza-o como uma forma de ativismo digital, como uma crítica aos discursos tecnoautoritários e à hegemônica presença masculina nos lugares de saber técnico e de construções tecnológicas. Como a “expressividade e uma (im)possível linguagem feminina, o ciberfeminismo nasceu em um contexto europeu dos anos 90”, através da criação do termo “ciberfeminista” pelo grupo australiano “*Venus Matrix-VNS Matrix*”, em 1991, ao divulgar “*Manifesto Ciberfeminista para o Século XXI*”.

Marina G. Lemos (2009) entende os ciberfeminismos como um movimento plural, com várias nuances e possíveis definições. Em seu trabalho assume a definição de ciberfeminismo de Martínez Collado e Navarrete: “uma prática feminista em rede, que tem por intuito, tanto politicamente, quanto esteticamente, a construção de novas ordens e desmontagem de velhos mitos da sociedade através do uso da tecnologia” (COLLADO, NAVARRETE, 2007 Apud LEMOS, 2009, p.). Em

sua dissertação de mestrado, pautada pelas teorias da semiótica e da comunicação, investiga as atuações de grupos como as “*Old Boys Network*” (Alemanha), “*VNS Matrix*” (Austrália) e da artista brasileira Helga Stein, entre outras expressões ciberfeministas, procurando entender de que “maneira esses processos possibilitam mudanças no padrão cultural da mulher de uma maneira libertadora dentro das novas tecnologias” (LEMOS, 2009, p.8).

Em *Expressões do Ciberfeminismo na Contemporaneidade* Cristina T. da C. Rocha inspirada nas teóricas ciberfeministas Donna Haraway, Sadie Plant e Rosi Braidotti, investiga laboratórios de informática e computação de universidades públicas e de instituições/fundações de pesquisa que têm parceria com projetos universitários, no sul e sudeste do Brasil como espaços dos ciberfeminismos na atualidade. Diferente das narrativas apresentadas até então, Rocha entende os ciberfeminismos enquanto segmento dos estudos de gênero e da tecnociência atual. Rocha filia-se à construção ciberfeminista de Plant, que começou a usar o termo ciberfeminismo para identificar toda e qualquer problemática relacionada às mulheres e à tecnologia. “Portanto, o movimento ciberfeminista tem, em sua base, a cooperação entre mulher, máquina e novas tecnologias, objetivando a liberação da mulher de tradicionais injustiças e assimetrias de valores e poderes em que vivem”. Em síntese, o computador seria uma espécie de epicentro de ações visando as mudanças no mundo globalizado, as atividades alternativas através da fusão entre tecnologia e cultura, na tentativa de eliminação de poderes centralizados, hierarquizados e androcêntricos, em favor de comunicações também mais horizontais, possíveis pela liberdade de informação. (ROCHA, 2006, p. 45-47)

Retomando o artigo de Wells, no qual a autora defende que o ciberfeminismo nunca chegou à América Latina, temos uma discussão que nos remete às filiações de cada pesquisadora aqui apresentada. Wells diz que talvez o ciberfeminismo nunca tenha chegado à América Latina, pois esse só significaria como movimento em um contexto europeu preciso. Essa afirmação pressupõe uma definição fechada de ciberfeminismo que envolve o VNS Matrix e o Old Boys Network. Para

Lemos, Wells não vê ciberfeminismo na América, pois tem como modelo os grupos que surgem nos contextos europeu e australiano, onde “a arte e o ativismo foram formas mais presentes, no contexto brasileiro fazem-se necessários outros modos de enfrentamento devido às questões e diferenças econômicas, educacionais e culturais do país”. Mas as manifestações artísticas alinhadas às perspectivas da arte-feminista também acontecem no contexto brasileiro através de trabalhos que problematizam a questão do feminino pela ótica do pós-humano e do ciberfeminismo (LEMOS, 2009, p.86-7). Dessa forma, a autora afirma a multiplicidade dos Ciberfeminismos, que permitem tanto o questionamento político através da atuação de redes ativistas, “bem como a manifestação e construção de novos símbolos, linguagens e representações do feminino perante essas redes tecnológicas através da atuação de mulheres artistas em diferentes partes do mundo” (LEMOS, p.87).

Já Cristina Tavares da Costa Rocha, ao afirmar que os ciberfeminismos existem no Brasil, enfatiza como na atualidade ocupam os laboratórios de informática e computação. Lugares outrora plenamente masculinos, nos quais as mulheres têm adentrado cada vez mais, principalmente após o surgimento da “sociedade interligada por redes computacionais de trabalho e de lazer, redes estas propiciadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação”. (ROCHA, 2006, p. 44) Assim, o ciberativismo dessas mulheres estaria no ato de existir/ocupar esses locais, questionando a prevalência dos masculinos.

O debate sobre os ciberfeminismos no Brasil atravessa e compõe o silêncio sobre o movimento no Blogueiras Feministas. Tendo em vista esse debate retomamos a questão: Podemos falar em ciberfeminismos no Blogueiras Feministas?

Acreditamos que não, mas podemos perceber no percurso dessa pesquisa que algumas práticas ciberfeministas (a luta pelo direito a comunicação, a ironia ciborgue, a visibilidade das mulheres) falam antes e em outro lugar, dando ao feminismo digital do BF alguns elementos, que são resignificados no “ponto de encontro entre uma atualidade [o blog] e uma memória [a história dos ciberfeminismo]” (Pêcheux, 1988). Esses

elementos se atualizam na materialidade da escrita no *Blogueiras Feministas* e pelas condições de produção no e do digital nos anos 2000 (as redes sociais, o funcionamento das hashtag, as blogagem coletivas) que diferem da web em se situam as propostas artísticas de *VNS Matrix*, as teorias de Sadie Plant e de Donna Haraway.

Considerações finais - Um blog para criar - circular - experienciar

No processo de construção desse trabalho pude observar que o blog era construído como um local que possibilita viver experiências feministas no digital a cada postagem publicada e que ganhavam significado enquanto feminismo digital no decorrer de minhas leituras. Todo percurso aqui trilhado foi para conceituar o atual momento vivido pelos feminismos e suas práticas na internet.

Para mim ser blogueira feminista foi me reencontrar depois de uma eternidade, me reconhecer e me ver refletida em gente que eu admirava e que falava coisas que eu intuía mas não sabia ainda expressar. Conhecer e me identificar com pessoas com quem pude discutir e aprender. Pessoas inteligentes que estão dispostas a ouvir, se ajudar, aprender com @ outr@. [Liliane Gusmão](#)

[...]

Sou uma blogueira que acabou descobrindo que algumas coisas que pensa parece que tem outras pessoas bem legais que pensam parecido e chamam feminismo – e eu passei a dizer também. Sou uma blogueira que descobriu um espaço de construção de conhecimento, de criação de vínculos, de mudança pessoal, de desenvolvimento de habilidades individuais como argumentação, flexibilidade, reflexão e tenta contribuir escrevendo no blog e na lista a fim de que este espaço seja cada vez mais acolhedor, abrangente e instrutivo. [Luciana](#)

Figura 64 Post O que é uma blogueira feminista? Recortes

Retomando alguns escritos do post “O que é uma blogueira feminista?” aqui já analisado, as blogueiras Luciana e Liliane nos fazem lembrar os processos de identificação do e no blog junto as Formações Discursivas feministas, os ditos escritos/inscritos e esquecidos. É possível pensar que o espaço do blog é o que permite o feminismo digital, pois sem a materialidade do digital, sua fragmentação, velocidade e contradições não seria possível diferenciar o feminismo nos dias atuais das demais práticas feministas que não tem o digital como constitutivo.

Cristiane Dias afirma que “A corpografia está sustentada na afetividade manifesta entre os sujeitos nas redes de relações da internet.” (DIAS, 2008, p.42) em falas como a de Liliane Gusmão no BF: “Conhecer e me identificar com pessoas com quem eu pude discutir e aprender. Pessoas inteligentes quês estão dispostas [...] a mudar o mundo.” podemos acompanhar essa “afetividade manifesta”, é via blog que o conhecer se realiza, é via escrita no blog que o processo de identificação ocorre, ser feminista é resultado do processo de construção e debates feministas. “Pois pertencer a um território x ou y é identificar-se ao sentido que esse território produz, e se o sentido se produz pela língua, na história” (DIAS, 2008, p.13). Inserida nesse processo de identificação e contraidentificação nos e dos sentidos produzidos no Blogueiras Feministas enquanto espaço produtor de conhecimento gostaria de destacar um recorte da blogueira Lola em texto sobre seus desejos e anseios enquanto blogueira feminista:

Quer mudar o mundo. Parece pretensioso e utópico, mas um dos slogans do feminismo nos anos 60 era “seja realista, exija o impossível”. Temos voz na internet e não vamos nos calar. Está na hora de exigir o impossível. Lola

Figura 65 Post O que quer uma blogueira feminista? Recortes

A afirmação “Está na hora de exigir o impossível” nos coloca algumas inquietações: Será que o feminismo digital nos possibilita o impossível? A escrita no Blogueiras Feministas, no digital é esse impossível? Ela desloca sentidos? O que seria esse impossível?

BIBLOGRAFIA

- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. *Novos feminismos e a luta pelos direitos das mulheres*. In: **Nexo Jornal**, 2016, disponível em <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/Novos-feminismos-e-a-luta-pelos-direitos-das-mulheres>
- ALVAREZ, Sonia et al. *Encontrando os feminismos latino-americanos e caribenhos*. Revista Estudos Feministas, v. 11, n. 2, p. 541-575, 2003.
- _____. *Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista*. Cadernos Pagu, v. 43, p. 13-56, 2014.
- _____. *Um outro mundo (também feminista...) é possível: construindo espaços transnacionais e alternativas globais a partir dos movimentos*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v.11, n. 2, Dez. 2003.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. Ed. Brasiliense, 1981
- AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs.com: estudo de blogs e comunicação. São Paulo, Momento Editorial, 2009
- ANZALDUA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan. 2000
- AUAD, Daniela. *Feminismo: que história é essa?*. DP & A, 2003.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Difusão Europeia do Livro, São Paulo, SP, 1970
- BRAIDOTTI, Rosi. "El ciberfeminismo com uma diferencia" In: *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómade*. Barcelona ; Madrid: Gedisa, 2004.p.107-130
- BOIX, Montserrat; MIGUEL, Ana de. Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. In: NATANSHON, Graciela. Internet em Código Feminino: Teorias e Práticas. Buenos Aires, La Crujía Ediciones, 2013, pp.39-76
- COLLADO, Ana Martinez y e NAVARRETE, Ana. Ciberfeminismo: também uma forma de ativismo. 2007. Disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=220&secao=desbunde>
- COSTA, Albertina. *Os estudos da mulher no Brasil ou a estratégia da corda bamba*. REF, CIEC/ECO/UFRJ, n. especial, 1994, 401-9.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Editora 34, São Paulo-SP, 2008
- _____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Rio, 1976.
- DIAS, Cristiane Pereira. **Da corpografia**: ensaio sobre a língua / escrita na materialidade digital. Santa Maria, RS: UFSM: PPGL, 2008. 66 p., il. (Cogitare, v.7).
- _____. *A escrita como tecnologia da linguagem*. In: **Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento**. Coleção HiperS@beres | www.ufsm.br/hipersaberes | Santa Maria | Volume II | Dezembro 2009

_____. *e-Urbano: a forma material do eletrônico no urbano*. In: DIAS, Cristiane. *E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital* [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos –LABEUMB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas –UNICAMP.

_____. *Sujeito, sociedade e tecnologia: a discursividade da rede* (de sentidos). São Paulo, SP: Hucitec, 2012

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. *As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias*. Ling. (dis)curso, Tubarão , v. 11,n. 3, Dez. 2011

DIAS, C.; BARBAI, M. A.; COSTA.G. C. Movimentos da contemporaneidade: a rua, as redes e seus desencontros. In: RUA [online]. 2014, Edição Especial -ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb –Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

HARAWAY, Donna J. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-humano* [1984]. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Gênero para um dicionário marxista*. Cadernos Pagu, v. 22, p. 201-246, 2004.

_____. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41, 2009.

MATOS, Marlise. Movimento e a Teoria Feminista em sua Nova Onda: entre encontros e confrontos, seria possível reconstruir a Teoria Feminista a partir do Sul Global. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36 p. 67-92, 2010.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Cad. Pagu, Campinas , n. 44, p. 199-228, Junho 2015 . disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332015000100199&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 28 dez 2015

GIL, Silvia, Nuevos feminismos: Sentidos comunes em la dispersion. Una historia de trayectorias y rupturas en el Estado español. Traficantes de sueños. Madrid (España), 2011

LEMONS, Marina Gazire. *Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas*. (Dissertação de mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2009.

NATANSHON, Graciela (org.) Internet em Código Feminino: Teorias e Práticas. Buenos Aires, La Crujía Ediciones, 2013

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: Princípios & Procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007

_____. *Análise do Discurso*. In: Introdução às ciências da linguagem-Discurso e textualidade. Org. Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi-Pontes Editores, 2006: Campinas-SP p.11-31

_____. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. [2007] 6ªed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2013

_____. *Silêncios: presença e ausência*. ComCiência, Campinas, n. 101, 2008. Disponível em <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542008000400007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 23 out. 2015.

_____. *Discurso e Texto: Formulação e Circulação dos sentidos*. 4 edição, Pontes Editores Campinas-SP, 2012

_____. *Bolsões, fechamentos e cia*. RUA, Campinas, SP, v. 9, n. 1, p. 7-18, out. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640745>>. Acesso em: 15 out. 2015.

_____. *Língua, Comunidade e Relações sociais no espaço digital*. In: DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. 2011, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório

_____. *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia: discurso eletrônico, escola, cidade*. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 -ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb –Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

_____. *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.) Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos: Claraluz, 2005

_____. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012 b

_____. **Vídeo: a noção de materialidade**. 2008. Disponível em www.labeurb.unicamp.br. Acessado em 17/05/2016.

PAVEAU, Marie-Anne. *Quand les corps s'écrivent. Discours de femmes a l'ère du numérique*. Eric Bidaud. Recherches de visages. Une approche psychanalytique, Hermann, 2014. <hal-01163501>

PAVEAU, Marie-Anne. **Decência Discursiva**. In. *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Trad.: Ivone Benedetti. Campinas: Editora da Unicamp, 2016, p.311-352

PÊCHEUX, Michel et al. *Papel da memória*. Trad. José Nunes Horta. Campinas-SP : Pontes, p. 49-57, 1999

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988

_____. Remontemos de Foucault à Spinoza. In: Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação

discursiva. 2 Ed. Rev e Amp. São Carlos, SP : Pedro & João Editores, 2011.

_____. PÊCHEUX, Michel (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (org). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Ed. Unicamp, 1990, p.61-162.

PEDRO, Joana Maria. *Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978)*. Revista Brasileira de História, v. 26, n. 52, p. 249-272, 2006.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PINTO, Céli Regina J. *Uma história do feminismo no Brasil*. Fundação Perseu Abramo, 2003.

PLANT, Sadie. *Mulher digital*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1999.

RAGO, Margareth. "Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos." In: LIMA, Cláudia. C. e SCHMIDT, Simone P.(Org.) Poéticas e Políticas Feministas. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2004

_____. "Feminizar é preciso, por uma cultura Filógena." *Revista do SEADE*, São Paulo, 2002

_____. *Epistemologia feminista, gênero e história*. In: Joana Maria Pedro e Miriam Pillar Grossi (Org). *Masculino, feminino, plural*. Editora das Mulheres, Florianópolis-SC, 1998.

ROCHA, Cristina Tavares da Costa. "Expressões do ciberfeminismo na contemporaneidade". In: *Revista Tecnologia e Sociedade* -n.03- 2^o Semestre de 2006. Disponível em: http://www.ppgte.ct.utfpr.edu.br/revistas/tecsoc/rev03/rev03_artigo02.pdf

ROSA, Susel Oliveira da. **Mulheres, ditadura e memórias**: "não imagine que precise ser triste para ser militante". Prefácio de Luzia Margareth Rago; Apresentação de Nilce Azevedo Cardoso, Yara Gouvêa, Miriam Paglia. São Paulo, SP: Intermeios: FAPESP, 2013

SCOTT, Joan W. *Tornando-se visível*. In: SILVA, A. L.;LAGO, M. C. S.;RAMOS, T. R. O. (Orgs). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55

SELEM, Maria Célia Orlato. *A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica*. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SCAVONE, Lucila. *Estudos de gênero: uma sociologia feminista?*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 173-186, jan. 2008. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000100018>>. Acesso em: 02 fev. 2015

TELES, Maria Amélia Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. Ed. Brasiliense, 1999.

WILDING, Faith. *Notas sobre la condición política del Cyberfeminismo*. [1998] Disponível em: <<http://www.mujaresenred.net/spip.php?article722>>. Acesso em 21 jan. 2015.

WELL, Tatiana. *O ciberfeminismo nunca chegou à América Latina*. In: Revista feminista digital internacional Labrys, estudos feministas – janeiro/julho 2005. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys7/cyber/tatiana.htm>. Acesso em 21 jan. 2015.